



PROGRAMA ESCOLAS DO AMANHÃ:
Apresenta práticas e aprendizagens do Projeto Bairro Educador

PROGRAMA ESCOLAS DO AMANHÃ:

Apresenta práticas e aprendizagens do Projeto Bairro Educador



Sumário

07	APRESENTAÇÃO
13	A CIDADE É UMA SALA DE AULA
27	ARRANJOS EDUCATIVOS LOCAIS
41	DEGUSTA ALEMÃO
53	TRILHAS AMBIENTAIS
63	FEIRA DAS PROFISSÕES
73	MÃE, JÁ PRA ESCOLA!
83	JOGOS COOPERATIVOS
93	JOVENS QUE ALÇAM VOO
103	FEIRA LITERÁRIA
110	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Apresentação



INTEGRANDO O PROGRAMA ESCOLAS DO AMANHÃ

O Escolas do Amanhã é um programa da Secretaria Municipal de Educação do Rio de Janeiro que tem como objetivo reduzir a evasão escolar e mudar a realidade dos alunos que moram em áreas chamadas de conflagradas, que apresentam baixo IDH e estão localizadas predominantemente em comunidades com altos índices de violência e presença de tráfico de drogas e/ou grupos paramilitares. Criado em 2009, o programa tem apresentado resultados significativos nos índices de desempenho, evasão e presença do professor em sala de aula.

As 156 unidades de ensino contempladas oferecem a seus alunos uma série de ações articuladas, que buscam combater os efeitos dos principais problemas sociais vivenciados por crianças e adolescentes moradores de territórios de alta vulnerabilidade. Entre as atividades estão a educação em tempo integral (oficinas culturais e esportivas no contraturno escolar), além do Bairro Educador, da capacitação no método Uerê-Mello (desblo-

queio cognitivo para alunos com problemas de aprendizagem gerados por exposição a situações de violência), Núcleos de Saúde (primeiros atendimentos aliados ao Programa Saúde na Escola, que realiza ações de promoção, prevenção e atenção à saúde), Cientistas do Amanhã (método inovador de ensino de ciências), Salas de Leitura (ampliação de acervo, capacitação de professores, animação de voluntários e estagiários), Termo de Compromisso de Desempenho Escolar (prêmio para professores e funcionários que alcançam metas de aprendizagem e gestão), Mães e Avós Comunitárias (que atuam na mobilização de alunos e famílias, monitoramento de atividades e orientação de comportamento), Informática com Internet Banda Larga (laboratórios de informática), Escola 3.0 (computador com projetor e caixas de som em cada sala de aula e netbook para cada três alunos, com rede wireless com banda larga e suporte da Educopédia).

BAIRRO EDUCADOR: PRÁTICAS E APRENDIZAGEM

Como fazer para que um bairro ou até mesmo uma cidade inteira se transforme em

uma sala de aula a céu aberto? Como permitir que crianças e adolescentes tenham acesso a uma formação mais ampla, em que conteúdos pedagógicos formais são complementados por outras vivências na comunidade? Como promover a educação integral em escolas localizadas em áreas vulneráveis nas quais as ausências e dificuldades muitas vezes encobrem as riquezas e os potenciais da região?

Esses são alguns dos desafios a que se lançaram as escolas municipais do Rio de Janeiro que ilustram esta publicação. Mais do que apresentar fórmulas prontas, gestores, educadores, parceiros, alunos e familiares que protagonizam as histórias aqui relatadas compartilham suas descobertas e seus aprendizados. As práticas que relatam com entusiasmo e esperança têm grande potencial para inspirar e motivar outras escolas e redes de ensino.

O Bairro Educador é uma das ações do Programa Escolas do Amanhã, iniciativa da Secretaria Municipal de Educação do Rio de Janeiro que tem por objetivo de reduzir a evasão escolar e transformar a realidade dos alunos que moram nas áreas conflagradas da cidade.

As unidades escolares de Ensino Fundamental localizadas nestas áreas participam deste programa integrado que articula esforços

de educação, saúde, assistência social, cultura, esporte e lazer. São as Escolas do Amanhã, que reúnem mais de 105 mil estudantes.

As narrativas aqui apresentadas são apenas algumas das primeiras histórias que vêm sendo escritas pelos participantes do Projeto Bairro Educador, iniciativa da Secretaria Municipal de Educação do Rio de Janeiro (SME), implementada pelo Centro Integrado de Estudos e Programas de Desenvolvimento Sustentável (CIEDS) em 209 escolas, inspirada na experiência da Associação Cidade Escola Aprendiz. Desde o início de 2009, a SME busca criar soluções integradas para obter avanços efetivos na qualidade da educação do município. As políticas e ações promovidas visam não apenas garantir o acesso, mas também reduzir a evasão e o abandono escolar, melhorar a qualidade da aprendizagem dos estudantes, incluir novas tecnologias e consolidar a relação escola-comunidade.

É neste contexto que se insere o Projeto Bairro Educador, cuja metodologia inspirou-se no trabalho da Associação Cidade Escola Aprendiz, que influenciou iniciativas desenvolvidas em São Paulo, entre outros municípios brasileiros, e referenciou a criação de outras políticas públicas, com destaque para o Programa Mais Educação do Ministério da Edu-

cação – MEC.

Estudos voltados à busca de soluções para reduzir a evasão escolar e melhorar o desempenho dos estudantes, especialmente em relação às disciplinas de português e matemática, demonstram a importância de se promover uma educação mais contextualizada e um maior envolvimento das famílias, comunidade escolar e agentes públicos com os projetos pedagógicos das unidades escolares.

O Bairro Educador propõe estratégias e instrumentos para integrar todos esses atores e torná-los parceiros na criação e articulação de novas oportunidades formativas. Seu objetivo central é criar comunidades de aprendizagem, conectando as escolas e a cidade. Considerando que cada unidade escolar e cada comunidade possuem características individuais e específicas, o Bairro Educador oferece um modelo personalizado para cada unidade escolar. Em vez de optar por uma proposta localista e desvinculada das políticas públicas, o projeto trabalha fundamentalmente a partir das condições econômicas, políticas, culturais e territoriais das comunidades, sempre com o intuito de potencializá-las. Significa dizer que, em cada escola, o arranjo será distinto, considerando os Projetos Políticos Pedagógicos, os desafios e as possibili-

dades locais.

O Bairro Educador adota o conceito de que é possível aprender em vários lugares e com várias pessoas, tendo a unidade escolar como articuladora desses processos formativos.

As práticas que compõem esta publicação demonstram que redes educativas territoriais são excelentes instrumentos para criar as condições adequadas à prática da educação integral, que não se limita ao espaço escolar e que possui uma visão integradora e sistêmica do processo de formação e transformação dos sujeitos. Por isso, arranjos locais como o Bairro Educador não são simplesmente a soma de ações isoladas, mas o resultado de um plano educativo integrado do bairro.

A articulação orientada de diferentes atores, recursos e espaços educativos situados num mesmo território permite não só o estabelecimento de alianças e canais de comunicação entre as diversas esferas de vida dos indivíduos, mas também possibilita uma significativa ampliação e diversificação das ofertas educativas disponíveis.

O Bairro Educador toma como ponto de partida a necessidade de desenvolvimento das escolas, assim como um conjunto de percursos a serem pesquisados e de itinerários

educativos a serem descobertos na cidade. Eles são um começo, um marco inicial. A partir deles, cada Bairro Educador reinventará suas trilhas e construirá novos caminhos.

Isto já começou a acontecer! As práticas apresentadas nos próximos capítulos demonstram o potencial de cada comunidade do Rio de Janeiro e como essa potência tem se revertido em processos de aprendizagem mais significativos.

Esta publicação faz parte de um conjunto de dois volumes: o Traçado Metodológico do Bairro Educador e o Caderno de Práticas e Aprendizagens.

O Traçado Metodológico apresenta os conceitos, as estratégias e os procedimentos adotados pelo projeto, a partir da descrição de suas etapas, seus componentes e suas tecnologias. Registra ainda o conjunto de princípios e proposições metodológicas que orientam a iniciativa em seu cotidiano. Entretanto, é importante destacar que cada Bairro Educador se molda no seu dia a dia, a partir das vivências e experiências das crianças e dos adolescentes; da elaboração, pelos gestores, professores e educadores comunitários, de percursos de aprendizagem cada vez mais enraizados na cidade; do fortalecimento dos laços e parcerias entre unidades escolares,

instituições públicas, privadas e comunitárias; da participação ativa e cidadã das famílias e da comunidade.

Já no Caderno de Práticas e Aprendizagens, são relatadas atividades em curso, destacando conceitos e estratégias que ajudam o leitor a compreender como a teoria se articula com a prática. É importante, ressaltar, no entanto, que as práticas do Bairro Educador não se encerram nestas páginas. Busca-se aqui apenas exemplificar, e, principalmente, sugerir a você e sua unidade escolar alguns percursos já trilhados pelos 51 Bairros Educadores, de modo a inspirar novos caminhos.

Tenha uma leitura agradável e que a publicação o entusiasme e inspire para utilizar esses conceitos e metodologias em seu próprio bairro.

Boa Leitura!

A Cidade é uma Sala de Aula

PARCERIAS AMPLIAM OS HORIZONTES DA APRENDIZAGEM

Extrapolar os limites da sala de aula! Esse era o grande desejo do Centro Integrado de Educação Pública (CIEP) Doutor Adão Pereira Nunes, conhecido pelo nome CIEP Adão, unidade escolar de horário integral localizada na Comunidade do Amarelinho, em Irajá, Zona Norte do Rio de Janeiro. Mas, como transformar esse sonho em realidade quando a escola está situada em uma região com poucas oportunidades de aprendizagem, com relativo acesso ao transporte público e distante de áreas mais efervescentes da cidade?

O corpo docente do CIEP Adão, como é carinhosamente conhecido na comunidade, vivia esse grande dilema quando se integrou ao Projeto Bairro Educador. Logo no princípio da iniciativa, seguindo a metodologia proposta, o grupo foi convidado a mapear os espaços do seu entorno que poderiam abrigar atividades educativas e expandir os limites do processo de aprendizagem para além dos muros da escola. A tarefa se mostrou mais complexa



do que o esperado, pois a vizinhança oferecia muito menos opções para os alunos do que idealizavam os seus professores. Na verdade, o mapeamento mostrou que o CIEP Adão, que também faz parte do Programa Escola Aberta, era o principal ponto de encontro, interesse e referência da região de Acari.

Carolina Duarte, Gestora de Projeto do Bairro Educador responsável pela escola, explica como se deu o processo: “Nós buscamos, mapeamos, tentamos de todas as formas encontrar parceiros locais e logo percebemos que a escola era o principal ativo da comunidade. O próprio Centro Comunitário faz uso da biblioteca da escola”.

Apesar da aparente impossibilidade, o CIEP Adão, que sempre fora proativo em relação à organização de passeios culturais e aberto à construção de novas parcerias, não desistiu do seu intento. Essa determinação foi reforçada quando a equipe do Bairro Educador estimulou professores e alunos a identificar os desejos da escola. A resposta foi unânime: “Queremos sair. Queremos levar as crianças para o centro do Rio, para a Zona Sul, para museus e parques. Queremos que elas vejam monumentos!”.

A vocação da escola tinha sido desvendada, mas só se realizaria caso alunos, professores e familiares se apropriassem não apenas do bairro, mas de toda a cidade. A solução seria justamente fazer com que eles encontrassem em outras áreas urbanas aquilo de que sentiam falta no seu entorno.

Mas como transformar essa intenção em ação? Por mais que a escola estivesse aberta – suas portas, inclusive, nunca são trancadas -, havia ainda uma grande barreira a ser ultrapassada: o transporte. Como fazer com que aquelas crianças e famílias circulassem por uma cidade com a dimensão do Rio de Janeiro sem gerar uma sobrecarga financeira para a escola? “Transportar nossas turmas tinha um custo muito alto”, conta a professora da Educação Infantil, Michele Dantas Ferreira, 29 anos, que trabalha na escola há mais de uma década. A educadora explica que, antes de participar do Bairro Educador, ela tentou levar as crianças do Irajá ao centro do Rio de ônibus de linha, mas as dificuldades foram imensas. “Nós fazíamos, mas tínhamos dois problemas. Dado o custo, as visitas tinham que ser poucas e bastante espaçadas. E, na maioria das vezes, os motoristas dos ônibus não paravam para nossas turmas, temerosos de que a fila de crianças no ponto de ônibus se tornasse uma imensa bagunça”, justifica. Em alguns casos, parte do percurso era feita a pé, ao longo da movimentadíssima Avenida Brasil e ameaçava a segurança dos alunos.

Percebendo a vontade e a imensa disponibilidade da escola para levar as crianças a outros espaços educativos e culturais da cidade, a equipe do Bairro Educador entrou no circuito, tentando criar pontes entre a escola e novos parceiros. A primeira tentativa de parceria foi bastante ousada. A Gestora de Projeto do Bairro Educador decidiu arriscar. Sem qual-

quer indicação e sem alardear a proposta com medo de uma negativa, Carol telefonou para o MetrôRio, companhia responsável pelas linhas metroviárias da capital fluminense, e solicitou a gratuidade do transporte para as crianças. Para sua surpresa, a companhia sugeriu uma conversa com a área de responsabilidade social corporativa, que prontamente respondeu ao chamado. Em duas semanas, o metrô disponibilizava, não apenas o transporte, como também ingressos gratuitos para espetáculos e exposições, recursos estes que tinham pouca procura pelas instituições de ensino.

Após essa ação tão bem-sucedida, o CIEP entendeu que a receita para o sucesso dessa nova empreitada seria promover o conceito de **Cidade Educadora**, congregando parceiros no município que pudessem complementar as atividades de educação integral desenvolvidas pela escola.



CIDADE EDUCADORA

O DESAFIO DE CONSTRUIR PARCERIAS SÓLIDAS

Uma vez incentivados pela equipe do projeto, os professores do CIEP Adão decidiram investir no que o educador Paulo Freire chamava de leitura de mundo. As visitas a museus, espaços de ciências, teatros e exposições, portanto, buscavam ampliar o repertório cultural e imagético das crianças e, conseqüentemente, a sua capacidade de compreender o universo em que vivem.

O próprio trajeto até esses novos locais de aprendizado torna-se rico material a ser trabalhado em sala de aula. Ao passar por bairros ou regiões diferentes daquelas que fazem parte do seu cotidiano, os alunos entendem melhor a dinâmica da cidade, e os professores têm a chance de abordar conteúdos relacionados à geografia e à história. Os percursos formativos também permitem ao educando compreender que o território define o nível de acesso dos indivíduos a oportunidades sociais. Desta forma, eles não apenas desenvolvem uma percepção mais crítica acerca da sua realidade, mas expandem os seus próprios desejos, entendendo que eles não precisam estar circunscritos ao que encontram em sua comunidade. É neste momento que as **parcerias** tornam-se componente fundamental para desvelar novas possibilidades e fazer com que a cidade realize todo o seu potencial educativo.

Apoiados pela equipe do Bairro Educador, diretoras (titular e adjunta), professores e coordenadoras do CIEP Adão foram descobrindo que, para firmar parcerias de forma du-

Os caminhos de apropriação da cidade almejados pelo CIEP Adão estão intrinsecamente conectados ao conceito de Cidades Educadoras, formulado por um grupo de municípios que se reuniu em Barcelona (Espanha) em 1990 com a preocupação de oferecer amplas oportunidades de desenvolvimento e educação para suas crianças, adolescentes e jovens. Hoje, o coletivo se transformou na Associação Internacional de Cidades Educadoras (AICE) e defende arduamente que todas as cidades se tornem espaços educativos e que seus habitantes assumam o papel de educadores uns dos outros. Para a AICE, ao se relacionarem, as pessoas transmitem valores e atitudes que são capazes de alterar o tecido social. Essas relações pressupõem que os cidadãos devam aprender a viver juntos e que a cidade seja um espaço de reunião coletiva em que a preocupação com a educação torne-se uma atividade política permanente.

Na carta das Cidades Educadoras, publicada em 1990 em Barcelona, defende-se que “hoje, mais do que nunca, as cidades grandes ou pequenas dispõem de incontáveis possibilidades educacionais. De uma forma ou de outra, elas possuem em si mesmas elementos importantes para uma formação integral.”

Para as cidades educadoras, esse conceito se constrói em um sistema complexo, uma teia imbricada de relações que se manifesta das mais diferentes maneiras. Porém, ainda de acordo com a carta, uma cidade educadora “sempre dará prioridade absoluta a um investimento cultural e à formação permanente de sua população”, assumindo, além das suas funções tradicionais, a intenção e responsabilidade de formar, promover e garantir o desenvolvimento dos seus habitantes.

A pesquisadora especialista no conceito de Cidades Educadoras, Jaqueline Moll, reitera esse pressuposto e afirma que o conceito tem a capacidade de retirar a escola da invisibilidade, proporcionando aos indivíduos a oportunidade de (re)aprender a cidade e todas as suas possibilidades. Essa perspectiva apresenta a educação como um processo permanente e constante, que extrapola os limites da escola, fazendo com que todos os membros da comunidade se corres-

ponsabilizem pela educação das crianças e dos jovens. Dessa forma, o objetivo das Cidades Educadoras é transformar todas as pessoas que vivem na cidade em educadores e educandos de seus pares.

Apesar da sua importância, em muitas situações esse conceito aparece apenas como um sonho distante. Entretanto, as cidades signatárias da Carta e participantes da AICE têm feito esforços genuínos para execução desse ideal como uma proposta concreta de gestão pública e de Estado. Nessa perspectiva, analisando as experiências que se estendem pelo globo e tendo como referência os avanços da cidade de Barcelona, Moll destaca algumas ações fundamentais para que o conceito seja posto em prática:

- É preciso se construir uma forte interlocução com a comunidade, tendo a escola como mediadora;
- O projeto pedagógico da escola precisa ter um forte grau de identidade com as pessoas que vivem na comunidade;
- A escola deve conhecer bem todos os espaços de convivência e as lideranças da sua comunidade;
- País de alunos devem frequentar a escola, assim como alunos e professores devem frequentar a comunidade.

No Brasil, os cerca de 20 municípios que fazem parte da rede de cidades educadoras realizam práticas diversas, entre elas movimentos voltados à cultura de paz, educação para a democracia, orçamento participativo e preservação do patrimônio arquitetônico como bem cultural. Todas têm por pressuposto a ideia de que precisam trocar experiências para crescer coletivamente e construir um país educador.

Embora seja uma proposta de gestão, em que o governante precisa assinar um termo de responsabilidade e cumprir uma série de requisitos para tornar a sua cidade um membro da AICE, o processo depende do envolvimento da comunidade escolar. A escola, compreendida como foco central dessa discussão, deve reconhecer a importância e se abrir para uma profunda integração com a cidade, reforçando o compromisso dos gestores de torná-la um amplo e permanente agente educativo.

radoura, precisavam trazer os parceiros para dentro da escola e permitir que se apropriassem da iniciativa. Eles tinham que entender a importância da parceria e os benefícios que ela traria para todos os envolvidos. Além disso, era necessário explorar todo o potencial do parceiro. Foi assim que conseguiram que o MetrôRio disponibilizasse não só a gratuidade do transporte, mas também ingressos para atividades culturais extensivos aos alunos, pais e professores responsáveis por acompanhá-los nas atividades!

O PROCESSO DE OCUPAÇÃO DA CIDADE

O sonho do CIEP Adão começou a se realizar com a organização de um passeio para assistir a um espetáculo na Universidade do Circo - Unircirco, criada pelo ator Marcos Frota, na Quinta da Boa Vista, em São Cristóvão, Zona Norte do Rio. Para realizar essa primeira saída, a escola precisava de colaboradores que auxiliassem as professoras a acompanhar as crianças na visita. A primeira ideia foi chamar quem estava mais próximo e disponível. No caso, foram chamadas as Mães Voluntárias, que já monitoravam a entrada, a saída e o horário do lanche dos alunos. Viviane Francisco da Silva, 30 anos, mãe de cinco filhos, três deles estudando no CIEP Adão, foi uma das procuradas. Ela ficou tão entusiasmada, que solicitou à escola mais ingressos para convidar vizinhos e ex-alunos. “Contando com as turmas da escola, fomos em um grupo de 90 pessoas, incluindo uns dez adultos.

CONSTRUINDO PARCERIAS

Ao constituir parcerias, a escola não pode ter medo de arriscar. Ao contrário, vale buscar o ideal e lidar com as possibilidades que forem surgindo ao longo do caminho. Muitos parceiros importantes, como o MetrôRio, desejam chegar até a escola e não sabem como. Então, a sugestão é não esperar que os parceiros batam à porta e sim ir atrás deles com propostas claras, mas com flexibilidade para construir objetivos comuns, que respondam aos interesses de todas as partes, tendo como foco principal a promoção da educação integral. Para tanto, a escola deve apresentar ao parceiro seus objetivos e valores fundamentais, ressaltando, por exemplo, seu Projeto Político-Pedagógico (PPP) como importante alicerce para a discussão. Uma vez estruturada a parceria, a escola deve estar atenta aos combinados e garantir que tanto as suas expectativas, quanto as do parceiro sejam atendidas.

Considerando as Diretrizes Curriculares da Secretaria Municipal de Educação do Rio de Janeiro, o Bairro Educador é uma proposta livre, calcada na autonomia das escolas e no reconhecimento da diversidade de cada território. Logo, o que aconteceu e acontece no CIEP Adão é um arranjo único, em que as oportunidades educativas identificadas se relacionam diretamente com a vocação e os desejos da escola, mas também com o desenho e características do território onde ela está inserida. Novamente, é o PPP bem construído que garante à escola sua autonomia nos processos decisórios e de construção de parcerias. Afinal, ele define o que a escola espera do processo educativo e como ela pretende alcançar aquilo a que se propõe! No caso do CIEP Adão, o Bairro Educador apoiou a escola a gerir melhor as oportunidades formativas geradas a partir da parceria com o MetrôRio e as demais organizações mobilizadas para viabilizar a realização das atividades e visitas culturais.

Entramos todos juntos no metrô e seguimos para a Quinta da Boa Vista. Não tenho palavras para explicar. Foi um dos dias mais bonitos da minha vida”, relata emocionada. Ela havia saído poucas vezes do bairro e não tinha como levar as crianças. A ida ao circo foi a primeira oportunidade de lazer em família fora da comunidade.

Embora o entretenimento em família e com a escola seja raro e de inegável importância na vida desses alunos, a ida ao circo foi mais que uma oportunidade lúdica. Na realidade, a visita consolidou uma série de aprendizados ao relacionar **o circo com os conteúdos da sala de aula**.

Seguindo as orientações da Secretaria Municipal de Educação, o CIEP Adão realiza seu planejamento anual a partir de um tema gerador. Em 2011, o tema foi “cinema” e, nessa perspectiva, várias atividades foram criadas para gerar conteúdos interdisciplinares que discutissem o audiovisual como ponto de investigação dos saberes curriculares.

A coordenadora pedagógica da escola, Gisele Cardoso, grande entusiasta dos temas geradores como eixo estruturante do planejamento pedagógico e uma verdadeira apaixonada por cinema, conta que pouco antes da visita ao circo, as crianças haviam assistido a um filme do Charles Chaplin e estavam absolutamente entusiasmadas com a expressão corporal e interpretação do ator. “No dia do espetáculo, não houve dúvida. Um dos nossos alunos levantou a mão e prontamente identificou que os atores do circo faziam referência

ao mestre do cinema mudo”. Impressionado com o nível de atenção e conhecimento das crianças, o próprio Marcos Frota, ao final do espetáculo, pediu para conhecê-las e ficou fascinado com o entusiasmo dos pequenos, perguntando onde eles estudavam!

Ainda com foco no cinema, Gisele relata outra peripécia dos alunos. Por meio de mais uma parceria, a escola, que já desenvolvia o projeto CineAdão, envolvendo as crianças na roteirização, filmagem e produção de curta-metragens, propôs que um dos grupos do Ensino Fundamental I assistisse um filme do cineasta baiano Glauber Rocha. Na sequência, as crianças foram levadas ao Museu de Arte Moderna para assistir a um filme complementar à proposta. “Quando chegamos ao cinema, como de costume, as luzes se apagaram para o começo da sessão. Um dos nossos alunos, super decepcionado, falou aos colegas: ‘Puxa! Chegamos aqui de tão longe para ver o filme e, justo agora, acabou a luz!’”. Para Gisele, expressões como esta demonstram como as visitas culturais são mais do que atividades lúdicas.

A prática tem desempenhado um papel muito importante não apenas na vida das crianças, mas de toda a comunidade. A mãe voluntária Viviane destaca que todos aprendem juntos. “Meus filhos, vizinhos, os professores e eu descobrimos como andar na cidade. Tínhamos medo, vergonha e nunca nos arriscávamos a sair do bairro. Com essa oportunidade, aprendemos que juntos podemos encontrar ca-

minhos para chegar onde quisermos”.

UM SALDO PRA LÁ DE POSITIVO: 18 PASSEIOS EM UM MÊS

O CIEP Adão valoriza tanto a ideia dos passeios como forma de ampliação do repertório sociocultural, que os **passeios culturais** se mul-

CONTEÚDOS ESCOLARES ESPALHADOS PELA CIDADE

É nessa hora que você deve estar se perguntando, mas o que tem a ver circo com currículo escolar? Tem tudo a ver quando a escola investe no ensino de temas transversais. O circo é uma expressão popular que congrega símbolos importantes para o desenvolvimento cultural de crianças e adolescentes: palhaços, mágicos e acrobatas remetem a história, literatura, artes e até matemática.

E, vale lembrar que o percurso pela cidade é repleto de conteúdos educativos, promovendo discussões sobre os monumentos, a formação dos bairros, a estrutura da cidade, a organização dos espaços públicos, entre muitos outros assuntos.

As atividades nos diferentes locais visitados complementam e ampliam o repertório cultural do aluno, apresentam novas possibilidades de socialização e desmistificam a ideia de que os espaços públicos e centros culturais são inacessíveis. “As saídas tornam o aprendizado e o ensino mais fáceis, estimulam a curiosidade, as perguntas e dão aos alunos, seus pais e até aos professores a oportunidade de conhecerem a cidade onde vivem”, complementa a coordenadora Gisele.

tiplicam a olhos vistos. Desde abril de 2011, quando teve início a parceria com o MetrôRio, a escola, em articulação com o Bairro Educador, já organizou mais de uma centena de visitas a centros culturais, museus, parques, teatros, entre outros. São, em média, dez visitas mensais, mas, em meses de muitas ofertas culturais, a escola já chegou a promover 18 passeios, que aconteceram, inclusive, em finais de semana e feriados.

No CIEP Adão, a escolha das atividades se dá em função do conteúdo trabalhado em sala de aula ou das competências que as professoras consideram importantes desenvolver em seus alunos. Outras visitas são indicadas pelo corpo diretivo e envolvem diferentes turmas, de acordo com a faixa etária dos alunos. Independente da forma como são propostos, a direção garante a autonomia dos professores na definição dos passeios e do trabalho pedagógico realizado. Esta postura tem sido muito bem avaliada pela comunidade escolar, que desde o início da participação no Bairro Educador não apresentou qualquer resistência ao projeto.

É nessa perspectiva que a coordenadora Gisele não esconde o apreço pelo que foi e vem sendo desenvolvido. Para ela, por mais que a escola já estivesse aberta e com vontade de realizar as atividades, dada a carga de trabalho dos professores, seria impossível eles conseguirem iniciar o processo de contar tantas parcerias. Sueli Dantas, diretora adjunta do CIEP Adão concorda, insistindo que os próprios alunos já incorporaram a Gestora

de Projeto do Bairro Educador como parte da comunidade escolar. Agora, como processo futuro para a escola, serão trabalhadas formas de sustentabilidade das ações, garantindo que elas sejam incorporadas ao cotidiano da equipe pedagógica.

OS GANHOS “INVISÍVEIS”! IRAJÁ VAI AO CENTRO!

Toda essa articulação traz ganhos muito significativos. As crianças vivem e cuidam da escola como uma extensão da sua própria casa, andam livremente pelas diferentes salas, auxiliam a confecção dos materiais, atendem o telefone, ajudam na organização do lanche e, constantemente, abraçam e beijam os professores e coordenadores. O aluno Raphael Salgado, 8 anos, do 3º ano do Ensino Fundamental, não esconde o carinho pela escola e valoriza a contribuição de Carol para as atividades. “Nossos professores são os melhores, eles encontram as visitas mais legais, que deixam a gente mais feliz. Eu fico super triste de pensar que daqui a pouco não vou mais estar aqui. Mas fico contente de saber que a Carol vai continuar correndo atrás de novos projetos para a gente”, conta.

As visitas se tornaram parte tão integrante do cotidiano da escola, que o próprio Centro Comunitário, antigo parceiro do CIEP Adão, também decidiu participar das saídas culturais. Desta forma, outros moradores da região também começaram a frequentar as atividades. Em um período de pouco mais de um ano, mais de 2.000 crian-

ças e adultos haviam sido beneficiados pelas parcerias.

Para a diretora do CIEP, Ademilda da Silva José Maria, há 17 anos nesta função, incluir a comunidade nos passeios é uma forma de preservar a estreita relação que a escola cultiva com seu entorno. Para ela, manter as portas da escola abertas à população é uma consequência de muitos anos de trabalho, fortalecido principalmente pelo Conselho Escola-Comunidade (CEC), que envolve direção, funcionários, professores, pais e alunos na decisão sobre a aplicação dos recursos que chegam à escola. “As visitas vieram comple-

mentar essa cultura democrática que já exercíamos. Queríamos que nossos alunos, seus professores, familiares e comunidade tivessem acesso à cidade, que muitas vezes é restrito para as populações da periferia”, justifica.

Contam os professores e diretores da escola que, no início da parceria com o MetrôRio, as crianças e seus pais ficavam envergonhados de usar o transporte, achando que o METRÔ era muito sofisticado para eles. A escola está localizada a menos de 500 metros de uma estação, mas os moradores a ignoravam. “A questão estava além da dificuldade financeira. Os moradores não se sentiam no direito de fazer uso do transporte”, explica Ana Carolina Duarte, justificando que o Bairro Educador defende que a educação seja incorporada pela comunidade como um valor construtivo que lhe pertence.

Assim, ao trazer as crianças e a comunidade para dentro do METRÔ, o Bairro Educador recuperou valores cidadãos, garantindo a mobilidade dos participantes como um direito e também como uma premissa educacional. A coordenadora pedagógica Gisele explica que muitas das crianças não sabiam que o METRÔ poderia conectá-las à praia, ao centro, ao Rio de Janeiro que eles apenas viam na televisão. “Com as saídas, as crianças não só passaram a se apropriar dessa realidade, mas a apresentaram aos seus pais, que, por sua vez, também não conheciam as rotas e trajetos da cidade”, conta.

A resposta e participação do MetrôRio

ORGANIZANDO OS PASSEIOS CULTURAIS

A escola tem completa liberdade na escolha dos pontos a serem visitados. Para facilitar a organização das atividades, professores, coordenação, direção e a Gestora de Projeto do Bairro Educador montaram o grupo “Educadão” na rede social Facebook. Cada professor identifica uma atividade que acha importante para o percurso educativo que desenvolve com a sua turma e faz a indicação na rede. A Gestora de Projeto entra em contato com o local e, na grande maioria dos casos, a resposta é positiva. Consegue-se a gratuidade da atividade e, quando disponível, o apoio pedagógico das diferentes instituições visitadas.

também foram muito importantes neste sentido. As ações são organizadas com antecedência e a equipe do METRÔ se prepara para receber e organizar o fluxo e movimentação dos estudantes. Em todas as saídas, os alunos andam em filas indianas, acompanhadas pelos adultos responsáveis. Trabalhando a escuta atenta, os acompanhantes organizam a passagem das crianças pela roleta, e todos aguardam o trem seguindo as normas de segurança. O condutor e os agentes do METRÔ, por sua vez, auxiliam e aguardam a entrada das crianças no veículo.

Cria-se um clima de entendimento e respeito mútuos que contagia todo o vagão e desperta a curiosidade dos outros passageiros. Quem frequenta o transporte dá licença às crianças, os seguranças participam do cuidado e da atenção à movimentação e, aos poucos, essas pequenas ações se traduzem em importantes processos educativos, que transformam a cultura não só da escola, mas de toda a comunidade.

A parceria entre o Bairro Educador, a escola e o MetrôRio se fortaleceu tanto, que a equipe de responsabilidade social da companhia foi ao CIEP Adão conhecer “de perto” seus mais novos usuários. Os funcionários ficaram muito felizes de visitar a escola, e a parceria se

tornou extremamente importante para a própria empresa. Eles viram o resultado na ponta, ouviram as histórias e estão em constante contato para acompanhar os desdobramentos de cada atividade. Voluntários do MetrôRio foram mobilizados também para ações em outras unidades escolares, e a parceria já foi ampliada para outros Bairros Educadores.

CONQUISTAS PEDAGÓGICAS

A professora do 3º ano do Ensino Fundamental, Gwendolin Sônia Brathwaite, 32 anos, há oito anos na escola, lembra de um fato ocorrido com um de seus alunos diagnosticado com autismo. O menino, bastante quieto e de pouca interação social, tem uma verdadeira paixão por animais, em especial por répteis e dinossauros. Pensando nele e seguindo os conteúdos curriculares, a professora resolveu organizar um passeio para uma exposição de biologia e história natural. “Foi emocionante. Ele não parou de falar, sabia tudo sobre os animais e voltou entusiasmadíssimo para casa, relatando aos seus pais cada uma das coisas que tinha aprendido”, conta. Mas a história não acabou aí. No dia seguinte ao passeio, Gwendolin conta que a equipe da Secretaria da Educação foi visitar a escola e interpelou justamente a sua

turma para saber como havia sido a ida à exposição. Para surpresa de todos, foi justamente ele quem levantou da cadeira e começou a narrar a experiência em detalhes.

A professora conta ainda que, em outra situação, ela e sua turma estavam discutindo o conceito de formulação de hipóteses, verificação de teorias e caminhos epistemológicos. Por isso, foram aos jardins da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, PUC-Rio. A visita, que se dá ao ar livre e conta com a participação de monitores, quase foi interrompida por uma chuva bastante forte. Um de seus alunos, logo no início do passeio, afirmou ter uma hipótese. “Ele nos disse que nós não iríamos nos molhar porque as copas das árvores formariam um guarda-chuva natural”. A hipótese do jovem foi logo colocada em pauta na discussão do passeio e, ao final da atividade, com todos completamente secos, a professora retomou a questão. O aluno se prontificou a dizer, com rico vocabulário, que a sua hipótese havia sido confirmada e não refutada. “Os monitores ficaram apaixonados pela minha turma e afirmaram que nunca haviam monitorado uma visita tão boa. Fiquei super orgulhosa deles e percebi o quanto eles estão se desenvolvendo e aplicando os conhecimentos adquiridos em suas vidas, na

forma como pensam e constroem o raciocínio lógico”, comemora.

Os professores defendem que todos os passeios apresentem novas possibilidades para as crianças. Por mais que não tenham relação direta com os conteúdos de sala de aula, auxiliam na formação do indivíduo, apresentando às crianças uma imensa gama de símbolos e imagens que tradicionalmente não fazem parte do seu cotidiano.

DESCOBRINDO AS MARAVILHAS DO RIO DE JANEIRO

O corpo docente observou que os alunos têm se comportado na escola como se comportam nas visitas. Brigam menos, correm menos em espaços apertados e se escutam muito mais do que antes. Segundo o aluno João Vítor Alves da Silva, 9 anos, aluno do 5º ano, os passeios fizeram com que eles se respeitassem mais. “Aprendemos que quando nos respeitamos, estamos respeitando todo mundo. Eu ouço mais porque sei que também irão me ouvir mais”, conta. O garoto já está apreensivo com o final do ano escolar e sua eventual saída da escola. “Fico chateado porque sei que o Rio tem belezas e maravilhas que a gente nem imagina.

Quero ficar velhinho bem tarde para poder ver tudo. Tomara que a minha nova escola também leve a gente para lugares tão legais na cidade”.

Reunida em roda, parte da turma do 5º ano listava os lugares que havia visitado nos passeios escolares, explicando que determinada igreja era católica, que o Jardim Botânico foi um marco da transferência da coroa portuguesa para o Brasil, que os teatros do Leblon são muito limpos, que o Complexo do Alemão tem um cinema divertido, entre outros inúmeros comentários, que incluíam teses históricas, questionamentos de biologia a expressões de pura alegria pela diversão experimentada. “Uma vez vi a estátua de Dom Pedro no Museu Nacional e, na volta, pesquisei sobre a história dele. É muito legal aprender enquanto a gente passeia”, justifica João Vítor.

Kaylane Carvalho, 8 anos, aluna do 3º ano do Ensino Fundamental, decidiu com os passeios que quer ser professora. “Gosto muito de aprender e quero poder ensinar também. Minha mãe sempre me deixa ir porque eu fico feliz de poder conhecer novos lugares. Sempre quero voltar e aprender mais e mais”, conta.

A escolha profissional também se apresentou para a pequena Karoline da Silva Oliveira, 10 anos, aluna do 5º ano, que sempre que volta dos passeios faz uma redação relatando o que viu. “Quero ser es-

critora e atriz”, conta a aluna, que tomou a decisão ao assistir a sua primeira peça, no Teatro do Leblon. “A vontade veio da primeira vez, e toda vez que vamos a uma peça com a escola, essa vontade só aumenta”, justifica.

INSPIRANDO NOVAS EXPERIÊNCIAS

Os diretores e professores da escola e os gestores do Bairro Educador não escondem a alegria com o desenvolvimento do projeto. Ao longo da sua implementação, o CIEP Adão foi firmando parceria com o Centro Cultural Banco do Brasil (CCBB), cinemas da Zona Sul e de outras regiões da cidade, inúmeros museus, locais de exposição e até a Câmara Municipal. “É incrível e, por mais estranho que pareça, foi muito fácil. Era preciso apenas ter alguém com tempo e disposição para ligar para os lugares e fazer o pedido. As organizações querem contribuir”, afirma Ana Carolina Duarte, Gestora de Projeto.

A parceria com o MetrôRio deu tão certo, que foi estendida para as demais escolas de Irajá participantes do Bairro Educador. A iniciativa tem interferido profundamente na realidade. As pessoas estão tomando pra si o direito à cidade e se apropriando das inúmeras oportunidades educativas que ela oferece.

IRAJÁ

Fundado em 1985, o CIEP Adão Pereira Nunes está localizado na Comunidade do Amarelinho, no Complexo de Acari, em Irajá, Zona Norte do Rio. Atualmente, atende cerca de 550 alunos, moradores do entorno, e tem turmas da Educação Infantil ao 5º ano do Ensino Fundamental. Escola de educação integral desde 2000, o CIEP Adão trabalha com atividades de arte e cultura integradas ao currículo escolar. Comparativamente com a região em que está localizada, a escola tem bom rendimento nos índices de avaliação.

Segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), na análise de 2000, a região de Irajá apresentava índice de 0,78, bastante inferior ao 0,97 da Gávea ou o 0,97 do Leblon, bairros da Zona Sul Caroca. De 126 bairro analisados Irajá está em 94º lugar.

Dados do Instituto de Segurança Pública de 2010 indicam que a 9ª. Área Integrada de Segurança Pública (AISP), que inclui mais de 20 bairros da Zona Norte da cidade, incluindo Acari, Madureira e Rocha Miranda, foi considerada a mais violenta do estado, com um índice de homicídios de 60,38 por 100 mil habitantes, quase o dobro da média estadual (34,6 por 100 mil). A região abriga o Complexo do Amarelinho, palco de intensas e violentas incursões do tráfico de drogas. Acari também é lembrada pela chacina de 1990, em que 11 jovens desapareceram. Acredita-se terem sido assassinados por homens que alegavam ser policiais. As mães dos jovens, conhecidas como as “Mães de Acari”, lutam até hoje para avançar com as investigações.



Arranjos Educativos Locais

QUANDO PROBLEMAS SOCIAIS SE TORNAM OPORTUNIDADES EDUCATIVAS

A história do Centro Integrado de Educação Pública (CIEP) Luiz Carlos Prestes bem que poderia ganhar as telas de cinema, assim como aconteceu com a comunidade em que ele se insere, a Cidade de Deus. A unidade escolar, que funciona em horário integral e atende crianças da Educação Infantil ao 3º Ano do Ensino Fundamental, se insere em um contexto de grande vulnerabilidade social. Seu entorno é taxado pela mídia como um dos mais violentos do país.

Alvo de uma forte intervenção policial, em 2009, o bairro recebeu uma **UPP - Unidade de Polícia Pacificadora** com cerca de 350 policiais recém-formados. Mesmo com a inclusão de novos programas sociais, a desigualdade ainda impera na região, e a população vive as consequências do estigma de, por muito tempo, ter sido considerada “terra de ninguém”.

O CIEP Prestes, como é conhecido na comunidade, sempre atendeu

crianças que vinham de um contexto de grande vulnerabilidade social e, com recursos escassos, sempre conviveu com o desafio de resolver demandas dos seus alunos que, a princípio, não faziam parte das responsabilidades escolares. Problemas de saúde, acúmulo de lixo nas ruas, falta de acesso à cultura e a uma alimentação mais saudável, entre outras questões sociais diversas, mesmo impactando diretamente o processo educacional, não podiam ser resolvidas apenas pela escola, sem a corresponsabilização de outros setores da sociedade.

Mesmo em meio a toda essa adversidade, o CIEP Prestes desejava transformar a dura realidade do seu entorno. Seu sonho era abrir-se para a comunidade, para que o desenvolvimento dos seus alunos se tornasse uma responsabilidade de todos e contasse com a participação das famílias, bem como de diferentes parceiros que auxiliassem no cuidado e na formação dessas crianças.

Ou seja, a escola tinha um objetivo, mas, ao mesmo tempo, um enorme desafio em suas mãos. “Nós queríamos muito o apoio de atores externos e precisávamos de ajuda. Mas, com as demandas cotidianas, por mais vontade que tivéssemos, era muito complicado estabelecer novas pontes com a comunidade”, conta Maria Marta de Barros, Diretora da unidade escolar há 25 anos. O corpo docente se perguntava como poderia resolver esse impasse, pois en-

tendia que precisava de suporte externo para dar esse salto.

Foi em meio a todo esse mar de demandas e desejos que o Programa Escolas do Amanhã através do Projeto Bairro Educador, aportou no CIEP Prestes. Sua chegada foi vista com bons olhos, pois era o impulso que faltava para a escola extrapolar os limites dos seus muros e se abrir para o entorno!

E foi assim que a escola foi convidada a olhar para a comunidade à sua volta e tentar identificar possíveis parcerias que respondessem aos desafios sociais vivenciados pelos seus alunos e complementassem o processo pedagógico oferecido pelos seus educadores. Felizmente, o mapeamento dos potenciais comunitários da Cidade de Deus trouxe gratas surpresas. A tarefa se mostrou mais fácil do que o esperado, pois a escola já conhecia muito bem os atores da comunidade, só não sabia ao certo como convocá-los e articulá-los para colaborar com objetivos e ações comuns.

A escola percebeu que, mesmo com todo o estigma que carrega, a Cidade de Deus é uma região muito viva, repleta de pessoas e organizações com potencial para contribuir com a educação integral e responder às demandas sociais expressas tão fortemente na vida das crianças e adolescentes do bairro. Assim, a partir do momento em que a escola se viu aberta e capaz de congregiar parceiros, novos caminhos

AS UNIDADES DE POLÍCIA PACIFICADORA

Implementadas pelo Governo do Estado e pela Secretaria de Segurança Pública do Rio de Janeiro, as Unidades de Polícia Pacificadora (UPPs) são núcleos capacitados para atuar em áreas de violência conflagrada, marcadas por forte incidência de tráfico de drogas e grupos paramilitares. Atualmente, as UPPs ocupam mais de 20 territórios, trabalhando em consonância com os princípios da polícia comunitária, que garantem o direito das populações socialmente excluídas aos serviços básicos de saneamento, assistência, transporte, telecomunicações e saúde. Segundo portal informativo oficial, em 2012, o Governo do Rio de Janeiro prevê um investimento de R\$ 15 milhões na qualificação da Academia de Polícia para que possa responder às novas necessidades da política de segurança do Estado.

passaram a ser construídos e o percurso, embora difícil, foi trazendo cada vez mais conquistas.

A EXPERIÊNCIA DE ARTICULAÇÃO COMUNITÁRIA NA CIDADE DE DEUS

O CIEP Prestes deu início ao seu percurso no Bairro Educador listando suas demandas e pensando em atividades que gostaria de proporcionar aos seus alunos caso os recursos estivessem disponíveis. A ação gerou um imenso conjunto de desejos da comunidade escolar.

Analisando a relação, a escola descobriu que a comunidade tinha muitas potencialidades que seriam capazes de responder a estes desejos. Era hora, portanto, de iniciar a articulação das parcerias.

A partir da metodologia do Bairro-escola, que inspira o Bairro Educador, “a educação, transformada em objetivo comum e superior, passa a ser promovida por meio de uma rede de cooperação e ação conjunta”, na qual as diferentes expertises se complementam, formando uma complexa rede de assistência e qualificação do processo pedagógico dos alunos. Alinhado com essa premissa, o CIEP Prestes compreendeu que a oferta da educação integral para as crianças e os adolescentes do bairro dependia da participação de diferentes atores sociais e da conectividade entre eles. Fundamentalmente, a escola seguiu à risca os princípios do Bairro Educador, fortalecendo, principalmente, a corresponsabilidade entre os diferentes setores do território: poder público, empresários, organizações sociais e a própria comunidade.

Assim sendo, a identificação e mobilização desses parceiros passou a ter fundamental importância, ainda que exigisse da escola muita persistência. O mapeamento é um processo contínuo, que pode e deve ser desenvolvido paulatinamente, à medida que a escola (leia-se gestores, professores e alunos) identifica suas demandas de aprendizagem.

Na experiência do CIEP Prestes e de outras escolas participantes do Bairro Educador, a conquista de parceiros se deu e se dá continuamente. Diferentes atores são permanentemente acionados a participar, cada um no seu tempo e de acordo com suas possibilidades. Em muitos casos, o próprio parceiro traz novos indivíduos, organizações e equipamentos para atuar no mesmo projeto ou em atividades complementares. Em outros casos, uma vez que a escola se mostre aberta para trabalhar com a comunidade, potenciais parceiros passam a procurá-la e propor novas iniciativas.

Atualmente, o Bairro Educador entende os **parceiros como atores que possuem uma ligação afetiva** com um determinado território ou com um de seus estabelecimentos, seja ele uma escola, uma unidade de saúde, uma associação de moradores ou um campo de futebol. Desta forma, o conceito de comunidade se estende para além dos limites geográficos.

O CIEP Prestes começou a estabelecer sua rede de parceiros identificando quem já estava próximo à escola ou tinha uma vontade ou vocação clara para atuar com a educação das crianças e dos adolescentes da Cidade de Deus. Em pouco tempo, porém, novos parceiros surgiram, oferecendo propostas de apoio a trilhas educativas e trilhas complementares à aprendizagem dos alunos.

Maria do Socorro Melo, hoje Gestora de Núcleo do Bairro Educador, foi a Gestora de Projeto responsável pelos primeiros 18 meses de trabalho. Ela já atuava na escola como vo-

luntária, por meio de parceria com a Associação Semente da Vida Cidade de Deus (ASVI), entidade que atua com projetos de educação e desenvolvimento na comunidade. Aproveitando essa oportunidade, a escola estabeleceu sua primeira parceria justamente com a ASVI.

Na sequência, começou a contatar novos colaboradores, como: Federação das Indústrias do Estado do Rio de Janeiro (Firjan), Unidade de Polícia Pacificadora, OdontoSesc (programa do Serviço Social do Comércio), CDI – Comitê para Democratização da Informática, Projeto Grão, Horta Jardim de Anil, Lions Clube, Natura, Laboratório Farmacêutico Federal Farmanguinhos, Coordenadoria de Saúde CAP 4.0 e a Companhia Estadual de Água e Esgo-

BUÇCANDO PARCEIROS PRÓXIMOS DA ESCOLA

Uma forma bastante interessante de estabelecer parcerias é buscar o apoio de quem já está próximo da escola. Um professor, uma mãe, um funcionário ou mesmo um vizinho pode ajudar a estabelecer o diálogo com novos parceiros. O segredo é estar atento e aberto à colaboração de atores externos.

tos (CEDAE), que vieram em tempos diferentes para realizar atividades diversas. Outros parceiros também desenvolveram atividades pontuais com a escola e criaram oportunidades para trilhas complementares, como visitas a exposições, museus e espetáculos culturais.

DESENVOLVENDO ATIVIDADES QUE ARTICULEM OS ATORES LOCAIS

Após estabelecer as principais parcerias, o CIEP Prestes começou a articular a comunidade por meio de uma **série de eventos**. A primeira grande atividade aconteceu no dia 22 de outubro de 2010, apenas dois meses após o início do projeto. Com a Companhia Estadual de Água e Esgotos (CEDAE), a escola desenvolveu uma trilha educativa sobre a dengue, questão bastante presente no território. Os professores queriam trabalhar com o tema, acreditando que as crianças poderiam ser importantes pontes de diálogo com seus pais. Se educassem os alunos sobre o combate ao mosquito transmissor da doença, a chance de que esse conhecimento se propagasse era grande!

Uma equipe da CEDAE foi à escola e, junto com os professores, deu início à atividade, realizando um debate e explicando como a dengue se desenvolve. O conteúdo continuou a ser trabalhado pelos educadores e, ao final do processo, montou-se uma grande feira. Em um dos estandes, as próprias crianças apresentavam o resultado do projeto desenvolvido. Os parceiros, por sua vez, também voltaram à escola e montaram um outro estande, partici-

pando da troca de informações sobre o tema.

Para aproveitar o movimento gerado pela feira, o CIEP Prestes e a equipe do Bairro Educador convocaram a ASVI para ministrar aulas de educação sexual, respondendo a outra demanda da escola. Era preciso abordar, desde cedo, temas como resposta assertiva, questões de gênero e higiene, que compõem o universo da sexualidade infantil e adolescente. Uma pesquisa da Universidade Estadual do Rio de Janeiro - UERJ identificou que 47% das mulheres de baixa renda no estado já tinham pelo menos um filho aos 19 anos.

Assim como na atividade sobre dengue, o aprendizado sobre saúde sexual e reprodutiva iniciado com os alunos acabou atingindo

PROVENDO A ARTICULAÇÃO POR MEIO DE EVENTOS DIVERSIFICADOS

Para estimular a participação da população em eventos escolares, vale mesclar uma gama variada de temas e atividades. Apresentações culturais, como peças de teatro, contação de histórias e shows de música, são uma forma interessante de valorizar o evento como um “dia diferente” no cotidiano da instituição de ensino e de associar saberes científicos a manifestações artísticas. Desta forma, a escola consegue promover um evento de grande movimentação, que impacta a comunidade de várias maneiras diferentes.



Grão. Com a feira organizada e os conhecimentos já amplamente discutidos em sala de aula, o CIEP Prestes conseguiu fortalecer a articulação com a comunidade, abrindo o evento para os familiares dos seus estudantes, bem como para professores e alunos da Escola Pedro Aleixo, localizada na região.

Para a ASVI, a parceria com o CIEP Prestes foi muito produtiva. A partir das atividades pontuais que já eram realizadas antes do Bairro Educador, bem como da feira e das trilhas educativas que aconteceram com o suporte do programa, a entidade conseguiu se aproximar ainda mais dos adultos da comunidade. As crianças discutiam conteúdos que rapidamente chegavam às suas casas e mobilizavam suas famílias. “Aí vinham os avós e os pais perguntar sobre questões de saúde. Eles diziam que o filho ou neto tinha falado que

seus familiares. “Eu contei para meus pais o que aprendi. Minha mãe me disse que ficou muito feliz com meu aprendizado. Mais tarde, meu pai me procurou e conversamos mais um pouco sobre o assunto, porque ele disse que a escola me trouxe algo muito importante para eu saber na minha vida”, explicou Elias dos Santos Santana de Jesus, 8 anos.

A iniciativa contou ainda com outras atividades complementares, como as rodas de contação de histórias promovidas pelo Projeto

o nome de tal coisa era isso e que câncer de mama também dava em homem”, explica. Foi então que a ASVI passou a realizar uma roda de conversa mensal com os familiares, promovendo discussões sobre sexualidade e distribuindo métodos contraceptivos.

As mulheres apareceram primeiro. Com o passar do tempo e a continuidade das atividades, os homens, que até então se mostravam mais distantes, também começaram a se aproximar e mudar de atitude com suas mulheres. Passaram a não ter medo de perguntar e a pensar mais sobre a qualidade de vida e a saúde sexual de suas companheiras.

“Sempre provocamos o debate. No início, vinham muitas mãe e avós. Depois começaram a aparecer os homens. A gente distribuía camisinhas e gel para eles fazerem sexo seguro, respeitando a vida sexual desses adultos”, explica Magnólia Regina Souza Regis, 54 anos, integrante da ASVI. Com a entrada do Bairro Educador, ela foi convidada a ser a educadora comunitária da escola.

Porém, para a ASVI trabalhar com a unidade escolar, foi preciso que o corpo docente e o diretivo estivessem disponíveis para o diálogo, permitindo a presença de um parceiro externo que fazia comentários e interferia na prática pedagógica. Com o apoio do Bairro Educador e muita disponibilidade por parte do CIEP Prestes, esse caminho foi tranquilo, garantindo aos parceiros liberdade para propor e

renovar ideias.

A direção sempre trabalhou com a perspectiva de que o parceiro complementaria a capacidade de atendimento da escola, mas que os professores teriam autonomia para decidir como e quando realizar essas atividades. Dessa forma, o Bairro Educador foi se tornando uma verdadeira extensão do corpo pedagógico.

ARTICULAÇÃO CONTAGIANTE: DO DENTISTA AO CIRCO

A partir da feira, a escola começou a congrega cada vez mais parceiros. A lista de atividades e propostas aumentou gradualmente, mas sempre em diálogo com o seu Projeto Político-Pedagógico, garantindo que todas as ações constituíssem trilhas que complementassem o aprendizado das crianças. Com a pacificação, a oferta de parceiros cresceu ainda mais, e organizações do entorno e de outras localidades do Rio de Janeiro começaram a se voluntariar, oferecendo novas oportunidades.

Por estar em uma região de alta vulnerabilidade social, as demandas da escola eram as mais diversas. Além das discussões sobre dengue e saúde sexual e reprodutiva, era preciso buscar parceiros que ofertassem programações culturais e lúdicas que ampliassem o repertório dos estudantes, visitas a museus que complementassem os conteúdos trabalhados em sala de aula, atividades na área de saúde global para

os alunos e seus familiares, alimentação saudável para garantir a nutrição balanceada das crianças, entre outras inúmeras necessidades.

Assim, cada integrante da escola teve que fortalecer sua relação com a equipe do Bairro Educador, elencando prioridades e organizando as demandas de parceria. Uma das articulações mais comemoradas foi a estabelecida com o Serviço Social do Comércio (SESC) para atendimento odontológico gratuito às famílias. Um grupo de dentistas atende as crianças e seus pais em um caminhão montado próximo a escola e ministram palestras e oficinas para promover a higiene bucal. A parceria é bastante enaltecida por vários usuários do serviço. “Quero colocar aparelho porque é bom. Vou colocar borrachinha rosa e amarela”, celebra a aluna Ana Carolina dos Santos Melo, 9 anos.

A parceria com a Unidade de Polícia Pacificadora permitiu à escola oferecer aulas de balé e música. Leila Maia Ribeiro, 41 anos, mãe de uma aluna da Educação Infantil, ressalta que a maioria das famílias não conseguiria ter acesso a este tipo de atividade se não fosse oferecida pela escola. “Nós estamos tendo a oportunidade de conhecer coisas pelas quais eu não teria como pagar. Estamos passeando, vivendo muito próximos dos nossos filhos e vendo várias possibilidades novas”, justifica.

A escola também organizou visitas a centros culturais, a uma exposição do pintor Cândido Portinari e a uma grande mostra sobre o corpo humano, integrando conhecimentos sobre artes, ciências e sobre a cidade. As famílias foram convidadas a acompanhar seus filhos ao espetáculo do Unicirco. “Nesta última visita, as crianças foram com seus pais”, conta Maria do Socorro. “Nossa ideia era aproveitar uma atividade lúdica para que as crianças estivessem perto da família, vivenciando um momento de lazer, tantas vezes impossível”.

PREPARANDO A COMUNIDADE PARA ACOLHER MELHOR AS CRIANÇAS E OS ADOLESCENTES

Assim como a escola e os parceiros, a comunidade também teve que oferecer um ambiente mais educador. Para que os alunos pudessem caminhar pelas ruas, era preciso que elas estivessem limpas e seguras. Acontece que o acúmulo de lixo ainda é um problema na Cidade de Deus.

Preocupados com o percurso das crianças em ruas cheias de detritos, a escola firmou parceria com o Ecoponto instalado nas suas imediações para realizar um processo de conscientização e reciclagem. Embora recente, a atividade já tem alcançado efeitos bastante positivos. As crianças ensinam seus pais sobre a importância do cuidado com o lixo e se mostram

incomodadas quando há acúmulo de sujeira.

Dado o número de atividades em saúde promovidas na escola, as crianças e suas famílias começaram a se preocupar também com a própria higiene. Segundo a diretora adjunta do CIEP Prestes, Doroteia Santana, no último ano, os alunos passaram a vir mais limpos para a sala de aula. A equipe chegava a dar banho na maioria das crianças, que apresentavam problemas de coceira e ardência por doenças de pele. Hoje, apenas cinco ou seis ainda necessitam de cuidados especiais. A mudança é notável.

Para trabalhar a higiene, o CIEP Prestes e seus parceiros ensinaram as crianças a tomar banho e lavar suas próprias roupas. Os novos conhecimentos rapidamente chegaram aos pais. Magnólia Regis, parceira da escola, conta que tinha uma aluna que só tomava banho de balde. Ela morava em um sítio, mas, por meio de um programa da prefeitura, mudou-se para um apartamento. Emocionada, a aluna contou à educadora que hoje tem chuveiro e pode tomar banho direitinho. “Eu fiquei com os olhos cheios de lágrimas, pensando: ‘É pra isso que eu trabalho’”.

Ainda na perspectiva da saúde, o Bairro Educador fez importante parceria com a Horta Jardim de Anil, que entrou na escola com a intenção de criar uma horta sustentável. A proposta, além de bem aceita pela comunidade

de escolar, passou a ser uma atividade regular para as crianças, que plantam e experimentam cada um dos vegetais cultivados. Ao mesmo tempo em que aprendem sobre o crescimento das plantas, botânica e cultivo, também desmistificam a ideia de que legumes e verduras têm gosto ruim.

As crianças escolhem as sementes a serem plantadas, normalmente, utilizando referências que trazem de casa. “Eu escolhi a semente da banana porque meu avô tinha uma fazenda, e a melhor coisa que ele plantava lá era a banana. Eu gosto de comer banana, mas abacaxi é a minha fruta predileta”, justifica a aluna Nicole Pereira Moraes, 9 anos. Ela conta ainda que alface com salsinha não é seu prato predileto, já que, segundo ela, alface é bom, mas a salsinha arde muito.

O plantio também envolveu os familiares das crianças. No caso de Nicole, sua mãe foi à escola para ajudá-la a plantar as sementes escolhidas. “Minha mãe me ensinou que a gente tira as folhas secas e vê o que está atrapalhando a planta crescer”.

Nicole também faz aula de teclado e quer aprender violão, mas reclama que são poucas as vagas para oficinas de instrumentos musicais. Segundo ela, faltam “soldados” para ensinar um número maior de alunos. A referência tem a ver com o fato das atividades artísticas serem ofere-

cidas pela UPP. Vale ressaltar, no entanto, que, ainda que a demanda seja superior ao contingente de educadores disponível para atendê-la, os alunos do CIEP Prestes participam de atividades complementares diariamente.

Os professores ressaltam que para as crianças, as oficinas já fazem parte do cotidiano escolar. E mesmo com toda a oferta de atividades dentro do próprio CIEP, sair da escola é importante para que as crianças sejam apresentadas a novos repertórios. “No dia da exposição de Portinari, eles adoraram uma tela que representava as brincadeiras de criança. No dia seguinte ao circo, eles desenharam a fila de alunos entrando no ônibus, a Linha Amarela, o Engenhão (Estádio Olímpico João Havelange). Os passeios estimulam muito a criatividade, apresentam novos símbolos”.

Alessandra Galvão, mãe de uma aluna da escola, lembra a alegria com que a filha volta dos passeios. “Em uma ida ao zoológico, ela voltou super entusiasmada, cheia de conhecimentos! Ficou o tempo inteiro falando dos bichos e me contando o que tinha aprendido. De tudo o que ela viu, ela ficou fascinada pelas cobras. Acho que nem teve medo!”

Atualmente, o desafio do corpo docente é **articular melhor os aprendizados fora da sala de aula com o currículo**. Muito já foi conquistado, mas ainda há muito a se trabalhar. Segundo os professores, o Bairro Educador tem sido um intenso processo de aprendizagem. O primeiro passo foi abrir a escola. Agora, é a vez de abrir



as salas de aula.

ANDANDO COM AS PRÓPRIAS PERNAS: RUMO À SUSTENTABILIDADE DAS AÇÕES

O CIEP Prestes e as demais escolas do Bairro Educador registram todos os processos que realizam em seus respectivos blogs. É o registro das ações dentro e fora de sala de aula que permite aos participantes refletir sobre a sua prática, as decisões tomadas ao longo do percurso e os resultados alcançados.

Muitas escolas envolvem os alunos nas atividades de registro, tornando-os parte integrante de todas as etapas do programa. Segundo o educador francês Célestin Freinet, cujas ideias inspiram a proposta metodológica do Bairro Educador, o processo educativo deve ser registrado pelos próprios envolvidos, pelos alunos e professores, juntos, observando a realidade em que se inserem, valorizando os desafios que aparecem no caminho e comemorando as conquistas e aprendizados.

E foi justamente com essa perspectiva que professores e alunos decidiram inaugurar um jornal escolar. A partir de uma relação estabelecida com o jornal comunitário da Cidade de Deus, a educadora decidiu trabalhar o olhar dos seus alunos sobre a escola.

A professora relata que, em suas reportagens, os alunos pesquisam e falam sobre todos os espaços da escola: do banheiro ao parquinho. O processo garante que as crianças

tenham liberdade e autonomia para escolher os assuntos dos textos, ilustrações e fotografias que produzem. Depois da etapa de pesquisa, a turma vota no tema de cada edição, enquanto aprende a olhar e reconhecer a própria escola. Agora, o projeto vivencia um novo desafio: os alunos estão selecionando um mascote para sua publicação.

Além dos resultados pedagógicos, o jornal também ajudou a fortalecer a relação dos pais com a escola. “Atingindo a família, você atinge também a criança. Se a família está na escola, ela está mais próxima dos alunos, dos professores, da diretoria. E tudo isso foi o Bairro Educador que trouxe”, complementa Ângela.

O Bairro Educador está agora trabalhan-

do para que os professores da escola se sintam cada vez mais confortáveis para estabelecer parcerias sozinhos, sem a mediação direta da equipe do projeto. A Gestora de Núcleo, Maria do Socorro, comemora os resultados alcançados até aqui, indicando que muitas parcerias se mostram sustentáveis e vão perdurar mesmo quando o projeto concluir seu ciclo.

A escola vem avançando na conquista de novos parceiros e na construção de trilhas educativas. Todos são unânimes ao dizer que muitas dessas ações terão sucesso ainda maior ao longo dos anos, pois pressupõem uma mudança cultural na comunidade e na escola. Até lá, eles colhem os frutos imediatos e comemoram cada vitória, que já vem transformando a vida das crianças envolvidas no processo.



ARTICULANDO CONTEÚDOS DA COMUNIDADE COM CONTEÚDOS DA SALA DE AULA

Para o Bairro Educador, é fundamental investir na formação das crianças e dos adolescentes a partir de conhecimentos que sejam significativos e que façam parte do seu imaginário. O trabalho com a horta, por exemplo, mobilizou os saberes escolares (biologia, botânica, saúde) juntamente com os saberes comunitários (a história de vida dos pais e avós das crianças, memória das famílias, imigrações, diferentes territórios e costumes do Brasil).

Para articular os conteúdos que emergem das atividades na comunidade com os conteúdos formais, o professor precisa assumir um papel cada vez maior de mediador, incorporando o que o aluno traz da comunidade ao trabalho de sala de aula e permitindo que ele leve os conteúdos trabalhados em sala de aula de volta à comunidade. No Bairro Educador, cada escola estrutura um arranjo educativo distinto, oferecendo diferentes oportunidades formativas. Os itinerários percorridos são definidos a partir dos potenciais e das limitações do território. Ao conhecer e compreender melhor o seu entorno, a escola consegue estruturar seu percurso de aprendizagem de forma mais autônoma. Simultaneamente, também ajuda a comunidade a se redescobrir e desmistificar eventuais estigmas gerados pelo contexto de vulnerabilidade social onde está inserida.

CIDADE DE DEUS

Localizado próximo a Jacarepaguá, na Zona Oeste da cidade do Rio de Janeiro, Cidade de Deus é um bairro de grandes dimensões, com cerca de 120 hectares ocupados por uma população que, em 2010, já ultrapassava a marca dos 36 mil habitantes. Por conta do filme homônimo (2002), o bairro foi tema de inúmeras reportagens que o apontavam como uma região de extrema violência, fato este que ajudou a referendar preconceitos e estigmas.

A região tem um IDH – Índice de Desenvolvimento Humano de 0,751 e ocupa o 113º lugar entre os 126 bairros da capital fluminense.

Em 2009, a região recebeu uma Unidade de Polícia Pacificadora (UPP), a segunda a ser implementada na cidade, e desde então, os níveis de violência diminuíram e a oferta de serviços aumentou significativamente.

Degusta Alemão

A RECEITA DE UM PROJETO PEDAGÓGICO DE SUCESSO

Desta vez, o Complexo do Alemão ganhou espaço na mídia não pela sua conhecida e alarmada vulnerabilidade social, mas por conta do projeto pedagógico Degusta Alemão, que envolve uma rede de escolas da comunidade. Duas delas, a Escola Municipal Professor Mourão Filho e a Escola Municipal Professor Affonso Várzea são integrantes do Bairro Educador desde 2009.

Ambas já desenvolviam atividades que relacionavam gastronomia aos seus respectivos projetos pedagógicos. A EM Professor Affonso Várzea desenvolvia o Receita de Sucesso. Já a E.M. Professor Mourão Filho promovia a Semana do Alimento. Apesar da afinidade entre as duas iniciativas e da proximidade geográfica entre as duas unidades escolares, elas nunca haviam trocado experiências. Faltava alguém que pudesse fazer essa ponte. Bruno Aguiar, morador do território, é o Gestor de Projeto responsável pelo Bairro Educador no Complexo, inicialmente orientado por Bruno Lopes, que hoje está na



Coordenação do Bairro Educador. Sua primeira tarefa na região foi justamente unir essas duas escolas e mais quatro do entorno.

As potencialidades estavam ali, nas próprias escolas, bastava ajudá-las a se articularem. E assim, oriundo de projetos que já aconteciam, nasceu o Degusta Alemão. A iniciativa se inspirou no evento gastronômico Degusta Rio e ganhou destaque na imprensa, elevando a autoestima não só das instituições de ensino, como de toda a comunidade, que participou ativamente da prática educativa.

O Degusta Alemão é uma grande exposição anual, na qual cada unidade escolar tem a oportunidade de apresentar as receitas que desenvolve com seus alunos ao longo do ano letivo. Os quitutes são criados de forma lúdica, a partir da vivência dos estudantes articuladas com conteúdos curriculares de Português, Matemática, Ciências, História e Geografia. Os pais e responsáveis também são convidados a participar de oficinas promovidas por parceiros. O evento é uma oportunidade de integração entre as unidades escolares, bem como de troca de experiência e de valorização de toda a comunidade.

Atualmente, **seis escolas participam do projeto e outras quatro têm aderido à proposta.** A iniciativa está na sua terceira edição. Em 2010, o primeiro Degusta Alemão teve como tema “Comida do Bairro”. A ideia era trabalhar o que se come no dia a dia do Complexo do Alemão. Entre as receitas apresentadas estavam alimentos como pipoca, cachorro-quente

e algodão-doce. O tema do segundo Degusta, realizado em 2011, foi “Aproveitamento Integral de Alimentos”. A segunda edição contou com a parceria do Serviço Social da Indústria (SESI) promovendo uma oficina de culinária. A terceira edição, de 2012, tem como tema “Dona Benta e Tia Nastácia visitam o Complexo”, uma homenagem ao escritor Monteiro Lobato. A iniciativa conta com parceria da Frente Humana de Intervenções Organizada (FHIO).

Ainda em 2011, três receitas do Degusta foram eleitas pela FHIO para participar do Festival Gastronômico do Alemão, que aconteceu na estação do teleférico do Adeus e reuniu mais de 1.500 pessoas. A barraca do Degusta foi a única gratuita do evento. As crianças também usaram grãos para confeccionar as placas de identificação da festa. Após o festival, as obras foram espalhadas pelo Complexo e puderam ser vistas por toda comunidade.

UMA IDEIA ABRAÇADA POR TODOS

Desde que a proposta do Degusta Alemão surgiu, as escolas vêm se envolvendo fortemente no projeto. Todo mundo faz alguma coisa, até quem não tem habilidades culinárias passa por aprendizados básicos como, por exemplo, misturar uma pasta e passar no pão.

O engajamento inicial foi tanto, que os educadores compravam os gêneros alimentícios com dinheiro do seu próprio bolso e traziam de casa os materiais para a montagem das barracas. As professoras chegavam com potes, bandejas, jarras de suco e tudo virava

material pedagógico! Já na segunda e terceira edições, parceiros foram mobilizados para apoiar a iniciativa através da compra de alimentos e materiais descartáveis.

A diretora da E.M. Affonso Várzea, Eliane Sampaio, diz que “o Degusta é a culminância de um grande trabalho. Meu papel é ajudar a adquirir os alimentos, a comprar os produtos. A iniciativa uniu as escolas, promovendo também a valorização do trabalho das professoras, que ganham muitos aplausos durante o evento”.

O Degusta foi tão bem aceito pelas escolas e pela comunidade que até mesmo um mascote foi criado para os eventos. Em 2010, nasceu o “Seu Beca”, fruto da cooperação entre professores e familiares dos alunos. O nome do mascote é a sigla do projeto Bairro Educador Complexo do Alemão. No dia do evento, ele usa um avental e uma colher de pau, simbolizando a união da comunidade em torno de um objetivo comum.

Com a chegada do Bairro Educador em 2009, os laços entre as escolas da região foram se estreitando. Reuniões sistemáticas foram organizadas para permitir que elas trocassem experiências, partilhassem ideias e informações a respeito do seu projeto pedagógico. Dessa forma, passaram a se articular em prol do desenvolvimento de atividades conjuntas.

A partir dessa articulação, a equipe do Bairro Educador percebeu que elas tinham alguns propósitos em comum, entre eles o interesse de extrapolar os limites do currículo escolar e o gosto pela gastronomia.

O grande triunfo da iniciativa no Alemão, no entanto, foi fortalecer o relacionamento entre as unidades escolares e a comunidade. Uma vez articuladas em rede, as escolas buscaram envolver o seu entorno. Para isso, usaram estratégias variadas. Nilce Nunes, Coordenadora Pedagógica da E.M. Professor Mourão Filho desde 1984, destaca que “as escolas devem promover atividades interessantes, como palestras, cursos rápidos, passeios e convidar os pais para participar”.

Na prática, cada escola envolve uma ou duas turmas no evento, e as atividades de preparação dos alimentos são sempre relacionadas com o projeto pedagógico de cada escola. Cada instituição realiza sua prática internamente e compartilha o resultado com as demais.

CURIOSIDADE

As escolas do Complexo provocaram a ida do Bairro Educador para a comunidade ainda na fase piloto. A Escola Municipal Professor Mourão Filho, inaugurada em 1972, atende a 950 alunos, da Educação Infantil ao 5º ano. Já a Escola Municipal Affonso Várzea tem cerca de 1.000 alunos, também da Educação Infantil ao 5º ano. Nas duas escolas, que utilizam a culinária como apoio pedagógico, as turmas são compostas, predominantemente, por crianças que moram no Complexo do Alemão e adjacências.

ESCOLAS PARTICIPANTES DA TERCEIRA EDIÇÃO DO DEGUSTA ALEMÃO

Escola Municipal Rubens Berardo;
Escola Municipal Profª Vera Sabaack Sampaio;
Escola Municipal Profª Mourão Filho;
Escola Municipal Profª Affonso Varzea;
Escola Municipal Nereu Sampaio;
Escola Municipal José Aparecido do Prado Sarti;
Escola Municipal Jardim Guadalajara;
Creche Municipal José Vieira da Silva;
Creche Municipal Nova Brasília;
Espaço de Desenvolvimento Infantil Dona Lindu;
Espaço de Desenvolvimento Infantil Lúcia Maria Batista de Albuquerque;
Espaço de Desenvolvimento Infantil Professora Luisa Helena Maia Medeiros.

Para Deise Castro, 47 anos, com mais de 20 anos de professorado, a visita às barraquinhas das outras escolas é uma intensa partilha pedagógica. “Nós, professores, aprendemos muito e trocamos registros e experiências para levar para nossas próprias turmas”, justifica. Com a iniciativa, a prática pedagógica das escolas se fortaleceu. Elas passaram a trabalhar em parceria e a investir na **educação integral**.

Julia Sobreira, 26 anos, coordenadora do projeto Horizonte Gastronômico da FHIO, parceira do Degusta, conta que a ação só deu certo porque foi fruto de intenso proces-

so de articulação. O Horizonte Gastronômico tem como objetivo fortalecer a gastronomia no Complexo, ajudando a legalizar negócios e capacitar profissionais para que os moradores possam transformar a região em um pólo turístico. Durante uma reunião com lideranças locais, Julia foi chamada pela equipe do Bairro Educador para conversar sobre o evento.

Igualzinho ao dito popular, o Bairro Educador veio para juntar a “fome com a vontade de comer”. O Degusta, além de fortalecer a gastronomia da região, o faz por meio das novas gerações. “Nós queremos que as nossas ações permaneçam na comunidade, queremos influenciar o maior número de pessoas e, certamente, as crianças são um público importantíssimo para isso”, explica Julia.

Para a coordenadora do Horizonte Gastronômico, além de terem se conectado diretamente com as crianças, que representam a continuidade das ações, eles puderam se aproximar dos professores e estreitar laços com as diretoras das escolas. “Eles têm um poder de mobilização tremendo”, ressalta. As famílias também foram envolvidas. No Degusta, os pais participaram da oficina do imaginário, que buscou descobrir o que eles achavam que seria uma alimentação saudável.

OS CONTEÚDOS NO PRATO

O que gira em torno do Degusta vira um **gostoso aprendizado para as crianças**. Desde a temática até as receitas, tudo é aproveitado pelas

escolas. Por exemplo, como o tema da terceira edição do evento foi Monteiro Lobato, na E.M. Professor Mourão Filho, a educação infantil estudou jardim, horta, pomar e sítio, todos os elementos da obra do escritor, dando destaque às frutas e, conseqüentemente, aos sucos.

Na experiência das escolas, as receitas passam a ser uma consequência dos conteúdos trabalhados em sala de aula. Nesse sentido, a Coordenadora Nilce conta que “o bolo de banana que já apresentamos no Degusta surgiu através de uma atividade de texto. As crianças procuraram, pesquisaram, descobriram essa receita e a testaram. No ano passado, o tema foi alimentação integral e fizemos composta de carambola e abacaxi, aproveitando os alimentos de modo integral. Um aluno levou o aprendizado para casa, e a mãe dele depois veio nos dizer que passou a aproveitar a casca do abacaxi em casa”.

Eliane Sampaio, diretora da E.M. Affonso Várzea, conta que uma professora fez da preparação das receitas uma verdadeira aula de matemática. “Uma vez, a professora Deise fez rolinho primavera usando a massa de pastel que vem em rolo e uma régua com a qual foi dividindo-a em quadradinhos. Desta forma, explorou a figura, a área, quantos quadradinhos cabem em um metro, quantos cabem com uma medida menor e assim por diante”.

Com o projeto, até os hábitos alimentares das crianças melhoraram. A aluna Mayara Santos, 9 anos, conta que “durante a aula, a professo-

EDUCAÇÃO INTEGRAL

Uma das premissas da educação integral, que orienta os passos do Bairro Educador, é justamente agregar o máximo de oportunidades à vida escolar das crianças e dos adolescentes. Seja garantindo a atenção à saúde, seja promovendo atividades de lazer em família, a intenção é sempre fazer com que os conteúdos pedagógicos formais sejam complementados por outras vivências na comunidade.

Segundo o Ministério da Educação, a educação integral reorganiza o espaço, o tempo e os conteúdos curriculares para integrá-los à trajetória de vida do estudante, à história de seus familiares e à comunidade e contexto onde estão inseridos. Concomitantemente, fortalece a escola como espaço de integração das políticas públicas que garantam assistência e atendimento e promovam os direitos das crianças e adolescentes, bem como de suas famílias.

Hoje, no Brasil, são várias as experiências que promovem a educação integral. Jaqueline Moll, diretora de Educação Integral da Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade do Ministério da Educação (SECAD/MEC), é a principal referência nacional sobre o tema. Segundo ela, surgem por todo o país iniciativas que visam propiciar às crianças e adolescentes o acesso a: cultura, arte, esporte, ciência e tecnologia. “Desenvolvem-se novas práticas curriculares, pedagógicas e de gestão que buscam conjugar maiores oportunidades de aprendizagem com proteção social”.

Quando se fala em educação integral, defende-se, acima de tudo, a possibilidade de que a escola permita aos estudantes uma aprendizagem significativa, amparada por percursos pedagógicos que garantam seu direito à infância e adolescência. Esta é a posição assumida pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação, que a entende não só como direito fundamental, mas como força motora e ponto de partida para todas as mudanças sociais e políticas que buscam recriar o país como democrático e justo.

Para Moll e colaboradores da publicação “Tendências para Educação Integral” (2011), “ao dar voz a múltiplos grupos sociais, diferentes etnias e distintas representações, ao dar espaço a variados modos de saber e fazer, a educação estará exercendo o que se espera dela para o século XXI”.

Dessa forma, o Degusta Alemão, ao reunir escolas, mobilizar a população e propor intervenções significativas na comunidade, promove a construção de pontes entre os diferentes tempos e espaços de produção do conhecimento, em que o saber acadêmico dá as mãos ao saber comunitário, gerando múltiplas oportunidades de aprendizagem, não só para os alunos, mas para todos os envolvidos no processo educativo. Nessas experiências gastronômicas, todos se educam. Professores viram chefes de cozinha, crianças descobrem suas próprias receitas e a comunidade degusta um verdadeiro banquete de experiências.

ra traz novas receitas e fala sobre saúde. Primeiro a gente lê e depois faz a receita. Ela falou para a gente parar de comer biscoito recheado. Cheguei em casa e falei a novidade para a minha mãe. Agora não como mais biscoito doce de manhã”.

Ao preparar os alimentos para o evento, as professoras fazem exercício de português, pedem para os alunos pesquisarem receitas e ainda conversam sobre o valor nutricional dos alimentos. Os aprendizados não param nem durante o evento. Mayara conta que passou o evento todo falando sobre pipoca. “Eu fiquei na barraca explicando que a pipoca estourava porque a água que tinha no milho evaporava no fogo”.

OS GANHOS QUE VÃO ALÉM DO PROJETO

Um dos grandes desafios do Degusta é mobilizar parceiros para dar suporte ao projeto. A equipe do Bairro Educador apoia as escolas a buscar aliados no comércio local que contribuam com a doação de alimentos. A ideia é que o Degusta seja sustentável e consiga continuar atraindo antigos e novos parceiros.

Ao longo dessas três edições, o Degusta Alemão conquistou importantes colaboradores, que tiveram uma participação bastante marcante na iniciativa. “Na segunda edição, o SESI promoveu o curso ‘Cozinha Brasil’ para as escolas e realizou oficinas no evento. Como o tema era “Aproveitamento Integral de Alimentos”, eles desenvolveram uma compota de carambola e uma quiche de semente de abóbora que foram um sucesso”, conta a Gestora de Nú-

RECEITA DE SUCESSO: APRENDIZADOS DA PRÁTICA

Ao levar a gastronomia para a sala de aula, as escolas observaram que as crianças desenvolvem um contato mais positivo com os alimentos. Também passam a manipulá-los com mais higiene, uma vez que lavam as mãos e colocam luva e touca antes de preparar as receitas. Além disso, estudam a origem e o valor nutricional daquilo que comem.

No âmbito dos conteúdos formais, aprendem matemática lidando com as quantidades e porções dos diferentes ingredientes. Por exemplo, ao fazer um suco, precisam calcular quantas frutas usar, quanto de açúcar e de água adicionar. Melhoram ainda na leitura e expressão escrita ao trabalhar com os textos das receitas.

A turma desenvolve ainda o respeito mútuo e a capacidade de trabalhar em equipe. Todos colocam a mão na massa ao mesmo tempo para fazer a receita dar certo. Para que a comida fique pronta, cada um tem sua tarefa específica e precisa executá-la em sintonia com o restante do grupo. As crianças também se aproximam mais da equipe da escola, já que professores e alunos trabalham juntos por um objetivo comum. Além disso, se integram mais com a comunidade, mobilizando parentes e vizinhos a trazer novas receitas e participar das festividades anuais.

O ritmo descontraído faz com que a aprendizagem assuma um caráter mais lúdico, despertando maior vontade de aprender. Por fim, a autoestima da comunidade cresce. Ao invés de ser palco de violência, o Complexo do Alemão passa a ficar famoso pela gastronomia e pela criação de uma cultura de paz e amizade entre as escolas.



cleo do Bairro Educador, Mary Lança.

Em 2011, as parcerias com o SESI e a FHIO possibilitaram também a realização de uma oficina para os pais. O objetivo era gerar aprendizados para as famílias e apresentar o Alemão como um ambiente gastronômico. Em 2012 foi a vez do Gestor de Projeto do Bairro Educador conduzir a palestra “Receita para uma relação familiar saudável”.

A professora da Educação Infantil, Gisele da Silva, conta que o Realfa teve que desenvolver uma metodologia própria para alfabeti-

zar crianças de 11 e 12 anos. Segundo explica, mesmo antes do evento surgir, a professora estava trabalhando um livro em que havia a família banana e uma receita de bolo. Uma das atividades da turma foi fazer o bolo de banana descrito na história. A receita precisou ser adaptada ao forno de micro-ondas, pois a escola passava por uma reforma, e a cozinha não estava em pleno funcionamento.

A professora acredita que as atividades do Degusta fazem com que as crianças se sintam mais integradas não só ao bairro, mas também à escola. “As crianças do Projeto Realfa, que apresentam defasagem escolar, fizeram parte do Degusta. Percebo que, ao participar, elas se sentem valorizadas, importantes, autoras, colocam a mão na massa e veem que outros estudantes fizeram o mesmo que elas. “Isso é muito importante, destaca.

Quando surgiu o Degusta, a diretora propôs que a turma fizesse o bolo novamente. Na hora, todos aceitaram o desafio! Foi então que a escola percebeu que, quando os alunos em defasagem se sentem valorizados, participam muito mais. Em coro todos diziam: “Nós que vamos, nós que fomos escolhidos, vamos divulgar o que fizemos na escola”.

Dito e certo, eles foram escolhidos para representar o colégio. Mas, antes disso, usaram a receita para trabalhar os conteúdos curriculares. O português foi abordado por meio da formação de palavras e da elaboração de uma lista de compras. “Eles tiveram a noção dos tipos de texto, que receita era diferente de um outro texto que a gente estava trabalhando. Na Matemática, trabalhamos as quantidades, meia xícara, um copo, dois quartos. Em relação à saúde, falamos sobre os cuidados na preparação de alimentos. Foi muito proveitoso!”, destaca a professora.

A iniciativa estimulou o aprendizado, pois conseguiu envolver bastante os alunos. No caso dessa turma do Realfa, cada aluno foi responsável por uma parte da atividade e, no dia do evento, todos participaram fazendo rodízio. O aprendizado dialoga em perfeita consonân-



cia com o que o educador Paulo Freire ressaltava como fundamental para o processo de alfabetização. No lugar da cartilha, que apresenta as sílabas descontextualizadas, aprende-se a ler pelo interesse e pela vontade de compreender as palavras. A leitura se ampara no mundo em que se insere, e as crianças reconhecem e aprendem a grafar os signos que representam o que já conhecem.

A professora Gisele destaca que um grande caminho foi trilhado pelas turmas de defasagem. Primeiramente, foi preciso conquistá-los a participar e, só depois, os conteúdos foram introduzidos. Além dos aprendizados curriculares, essa turma ganhou muita autoestima. Conforme iam se sentindo mais seguros, os alunos também foram ficando mais calmos e aprendendo o que estava programado com muito mais naturalidade. Como prova desse esforço, as crianças apresentaram ótimo espírito de grupo e souberam distribuir suas tarefas com tranquilidade, sem imposições, de forma que cada um ficasse satisfeito com a sua função. Como resultado, eles prepararam um super bolo no dia do evento. Um foi responsável por cortar, outro por misturar, separar os ingredientes, fazer cartaz, tirar foto, enfim, todos par-

ticiparam e saíram realizados da atividade.

NA COZINHA, OS CONTEÚDOS SE MULTIPLICAM

A proposta adotada pela professora Gisele está presente em todas as escolas que participam do projeto. Deise Castro, que também é professora, brinca com a matemática. Traz embalagens com vários preços e, em sala, calcula os produtos mais caros, mais baratos, o que pode ser comprado, quanto sobra de troco.

E quem nunca ouviu falar em sopa de letrinhas? Com seus alunos da alfabetização, Deise faz letras móveis com os ingredientes e monta cruzadinhas! Na sequência da atividade, a professora leva os alunos ao computador e pede que eles digitem os seus nomes. Assim, ela trabalha a produção textual da turma. Além disso, pede a seus alunos que escrevam a receita em modo narrativo. A prática se transforma em aprendizado e aprender fica muito mais gostoso!

Como o tema da terceira edição do Degusta foi Monteiro Lobato, os alunos de Deise fizeram cocadinha e brigadeiro do saci. A professora conta que “durante a preparação, se é preciso usar 150 ml, a criança vai medir e colocar. Cada aluno faz a sua massa de cocadinha, e todos têm que medir a sua quantidade”.

Nessas atividades, os alunos se engajam bastante, pois participam, interagem e vivem o aprendizado. “Eu tinha uma aluno

muito tímido, com muita dificuldade de aprendizado. A mãe achava que ele não ia aprender mesmo. Quando eu falei que íamos desenvolver uma receita, ele falou que sabia fazer banana com leite condensado. Então, pedi para ele ensinar sua receita na oficina. Além disso, pedi para ele fatiar a banana em 10 pedaços iguais, cortando na metade e depois na metade, sucessivamente. Foi ótimo para ele!”, relata a professora.

Os alunos aprendem brincando. Jenifer Oliveira, 10 anos, aluna do 5º ano, conta que a professora trabalha matemática enquanto ela e sua turma preparam a receita. “Ela fala em multiplicação, divisão, adição e subtração. Coloca várias contas no quadro. Por exemplo, ela pergunta quanto dá 25 fatias divididas por três pessoas. Em Português, ela passa um ditado com a receita ou coloca no quadro para a gente copiar. A gente aprende enquanto cozinha”, conta. Mas, para a garota, o grande barato mesmo é ouvir que a comida está boa e gostosa. “Eu adoro ser escolhida para participar do Degusta. É muito bom encontrar outras escolas e provar o que elas fazem”.

A pequena Laís Ferreira, 10 anos, é prova do sucesso da iniciativa. “Desde que começamos a fazer as receitas, as minhas notas em matemática melhoraram muito”, conta. Dado este que se repete com vários alunos das escolas. O desempenho em Português e Matemáti-

ca tem crescido bastante, e os alunos, além de mais participativos e engajados nas atividades da escola, trazem retornos muito positivos à equipe pedagógica, afirmando que têm gostado cada vez mais de aprender.

Novamente, o aprender ganha um significado prático em que aquilo que é descoberto está diante dos olhos dos alunos. Conteúdos que muitas vezes aparecem como abstratos ganham forma, cor, e, no caso das atividades para o Degusta, ganham também uma infinidade de sabores.

COMPLEXO DO ALEMÃO

Segundo o Censo 2010, o Complexo do Alemão, conjunto de 13 favelas na Zona Norte do Rio de Janeiro, tem uma população de cerca de 69 mil moradores. A região apresenta o pior Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) de todo o município (0,711), bem inferior ao registrado na região metropolitana (0,816) e à média do estado (0,807).

Ocupado pela Força de Pacificação desde 28 de novembro de 2010, o complexo ganhou as duas primeiras Unidades de Polícia Pacificadora no dia 18 de abril de 2012, uma na comunidade de Nova Brasília e outra na Fazendinha.

O Complexo do Alemão sempre foi considerado um dos quartéis-generais da principal facção criminoso carioca e, em junho de 2007, foi palco de uma chacina que contribuiu para fortalecer a sua imagem de uma das regiões mais violentas da cidade. O Instituto de Segurança Pública (ISP) aponta que todos os indicadores da comunidade apresentaram melhoras ou mantiveram o mesmo índice após a pacificação dos complexos do Alemão e da Vila Cruzeiro. Dados registram uma queda de 9,1% nos casos de homicídios dolosos nas duas regiões e bairros próximos. Ainda de acordo com o ISP, os casos de latrocínio (roubo seguido de morte) tiveram decréscimo de 40%. Os números são comparações do período de 28 de novembro de 2009 a 27 de novembro de 2010 (anterior à tomada) com 28 de novembro de 2010 a 23 de novembro de 2011 (período posterior à operação).

Trilhas Ambientais



QUESTÕES COMUNITÁRIAS VIRAM SOLUÇÕES EDUCATIVAS

Lixo. Sujeira. Doenças. Uma tríade muito presente em várias comunidades e cidades brasileiras. O Rio de Janeiro, apesar de todo seu esplendor, não escapa dessa realidade. O Morro da Formiga, localizado na imensa e ainda parcialmente preservada Floresta da Tijuca, na Zona Norte carioca, não é uma exceção.

É lá que se situa a Escola Municipal Jornalista Brito Broca, que enfrentava diariamente esta situação, ao mesmo tempo em que nutria a vontade de investir em projetos multidisciplinares que respondessem ao interesse dos alunos. A chegada do Projeto Bairro Educador proporcionou a estruturação de vivências pedagógicas que aproximaram a escola do seu entorno, permitindo que os estudantes participassem de experiências educativas nas ruas e instituições da comunidade.

Quando os professores da escola e a equipe do Bairro Educador começaram a mapear a comunidade, a questão do lixo e a falta de atenção

sanitária apareceram como problemas latentes que, inclusive, poderiam ser um obstáculo para a circulação dos alunos pela região. Depois de investigar diferentes possibilidades, a equipe pedagógica da escola, representada pela professora de biologia Marlene de Azevedo, decidiu investir em percursos educativos que unissem a questão ambiental com os conteúdos de Ciências Naturais, Estudos Sociais e Geografia.

Marlene, 54 anos, professora da E.M. Jornalista Brito Broca há 14 anos, conta que, apesar do projeto ter começado há pouco tempo, já é possível verificar uma mudança no comportamento dos alunos. “Isso se deu, inclusive, com relação ao respeito de uns para com os outros. Às vezes alguém escorrega, e a gente lembra que não é por aí. A educação é assim, a gente sempre precisa lembrar o camarada de que seu comportamento deve contribuir para o bem dele e o bem do outro. E a base de tudo isso é o respeito a si próprio e ao meio ambiente.”

PERCORRENDO TRILHAS EDUCATIVAS

Com o objetivo de relacionar a teoria com a prática socioambiental sustentável e suas consequências para uma vida comunitária mais saudável, a equipe decidiu envolver as turmas de 3º, 4º e 5º anos do Ensino Fundamental, difundindo práticas e conceitos de educação ambiental. A intenção era trabalhar técnicas de agricultura natural, reutilização de objetos descartáveis, consumo de alimentos

naturais, combate ao mosquito da dengue, entre outros, para conscientizar a comunidade escolar e seu entorno sobre a relação entre os seres humanos e o meio ambiente, bem como, estimular o exercício da cidadania.

Para tanto, os professores começaram a organizar **trilhas educativas**, ou seja, atividades em sala de aula que se articulassem com a proposta. Uma das docentes montou um coral com os alunos para compor e cantar músicas sobre a prevenção à dengue e criou uma peça para a comunidade escolar sobre os riscos e formas de evitar a transmissão da doença. Na época de final de ano, estudantes e professores construíram uma árvore de natal com materiais recicláveis.

Seguindo a metodologia do Bairro Educador, a escola buscou ainda fazer com que essas ações educativas dialogassem com a comunidade do entorno. Foi assim que identificou e articulou parcerias com diversas organizações locais. O Programa Saúde na Escola participou da peça de teatro e da apresentação de trabalhos sobre o combate à dengue. Também ajudou a escola e seus parceiros a realizar um dia de mobilização na comunidade para conscientização sobre a doença. A interface com a Ecobé Projetos Ecológicos gerou uma oficina de horta suspensa. O projeto Cientistas do Amanhã oportunizou experimentações científicas com diferentes tipos de solo. A equipe da Biblioteca do SESI cadastrou os alunos para que pudessem ter acesso e consultar materiais

complementares ao que estavam estudando em sala de aula. Já a organização Conselho Internacional de Desenvolvimento e Segurança

(ICOS Cidadania) envolveu os alunos no movimento Formiga Limpa, Formiga Linda!, iniciativa que também tem o apoio da COMLURB, empresa de limpeza urbana do Rio de Janeiro.

A escola acertou na mosca! Desde o início de 2011, mais de 300 alunos da E.M. Jornalista Brito Broca participaram dessa trilha educativa.

FORMIGA LIMPA, FORMIGA LINDA!

As ações do Bairro Educador na E.M. Jornalista Brito Broca ganharam um impulso extra por conta da sua articulação com o movimento “Formiga Limpa, Formiga Linda!”, uma grande **mobilização comunitária iniciada pela ICOS Cidadania**, que convocou os moradores e organizações locais a repensar sua relação com o meio ambiente, protegendo os recursos naturais, diminuindo a produção e ordenando o descarte do lixo. “Nós percebemos a importância das crianças participarem desse movimento e ligamos uma coisa à outra”, conta Thiago Sobral, Gestor de Projeto do Bairro Educador. “A gente ajudou fazendo cartazes, participamos de caminhadas e discutimos sobre a importância de termos uma comunidade mais limpa, inclusive para prevenir doenças e assegurar o bem-estar dos alunos”.

Para os alunos, a experiência com o movimento foi fundamental para ilustrar

TRILHAS QUE LEVAM À EDUCAÇÃO INTEGRAL

As trilhas educativas são percursos formativos que articulam diferentes agentes, espaços e saberes científicos e comunitários, com o objetivo de dar mobilidade e sentido ao processo pedagógico. O ponto de partida para a construção desses percursos formativos são as perguntas e as curiosidades dos próprios estudantes, bem como as demandas e necessidades da comunidade escolar. Os roteiros são elaborados de forma a articular o interesse dos alunos e da escola com os recursos disponíveis na comunidade e os conteúdos trabalhados em sala de aula. Durante toda trilha, os estudantes registram de diversas formas – escrevendo, fotografando, filmando, desenhando – suas descobertas e aprendizados. Estes registros são a base para um processo de avaliação contínua, possibilitando que estudantes e professores reconheçam os aprendizados construídos no percurso, as novas informações, as habilidades conquistadas, os conceitos construídos.

A PARCERIA COM A ICOS CIDADANIA

A equipe da ICOS Cidadania começou a atuar no Morro da Formiga em agosto de 2010. Um diagnóstico participativo mostrou que o lixo era um tema premente para a comunidade. Lideranças locais foram, então, convocadas a criar novas soluções para o problema, aderir a comissões de limpeza e envolver as crianças por meio de parcerias com as escolas. O movimento já realizou dezenas de mutirões de limpeza, inclusive do rio Cascata, além de cartilhas e atividades educativas.

A E.M. Jornalista Brito Broca mergulhou de cabeça na iniciativa. Professores e alunos pintaram cartazes e animaram passeatas de conscientização para incentivar os moradores a aderir aos mutirões de limpeza. Também se envolveram no plantio de hortas. Em setembro de 2011, participaram de uma caminhada ecológica que reabriu as trilhas que dão acesso às cachoeiras da Formiga e foram empossados como futuros guardiães do patrimônio ambiental da comunidade.

os conhecimentos que estavam adquirindo. “As caminhadas são muito legais. É muito bonito. A gente vai se unindo e limpando as valas, faz festa, gincana, brincadeira. A gente adora, porque a gente brinca e deixa o nosso morro mais limpo”, afirma Larissa Beatriz Constantino da Silva, 10 anos, aluna da escola. Para ela, o processo de limpeza não pára no mutirão! “A gente

tem que aprender a não jogar lixo na rua. E não tem que fazer isso só no mutirão, mas nas nossas casas, na nossa rua, no nosso caminho e com todos os nossos colegas, principalmente na escola”.

Por isso, quando necessário, Larissa dá até bronca nos amigos, insiste que eles se lembrem dos aprendizados das trilhas e percebiam a importância da preservação ambiental. “Já falei pra eles: ‘Poxa, você já participou do mutirão e da trilha. Não é só beber água limpa, tem que beber e jogar o copo no lixo, reciclar as coisas faz bem’. Pode ser chato reciclar, dá trabalho, mas ajuda a gente a prevenir doenças e problemas que vão afetar nossas vidas”.

Tanto para as crianças e os adolescentes, quanto para os adultos, a trilha teve resultados muito positivos. O morro está mais limpo e, segundo os agentes de saúde locais, já é possível aferir diminuição na incidência de doenças relacionadas à sujeira.

Para a agente de saúde Nanci Rosa Juvenício Luciano, 56 anos, a parceria com a escola fez com que ela se aproximasse mais das famílias e vivenciasse as necessidades das crianças. Nas atividades, ela tem levantado informações fundamentais, inclusive para melhorar seu próprio trabalho. “Eles contam tudo! O que têm comido, quem joga lixo, quem está doente, que adulto não quer fazer as atividades de limpeza!”, afirma.

Nanci também relata que virou criança novamente e foi junto com os alunos plantar mudas, acompanhando as atividades com o

mesmo entusiasmo de quem está descobrindo o mundo, a germinação das plantas. “Esse Bairro Educador deveria ser currículo, não projeto. Porque muda prefeito, governador e muda a comunidade de verdade”, comemora, ressaltando o sucesso da parceria.

O MEIO AMBIENTE PARA ALÉM DOS RECURSOS NATURAIS

Lidiane Belegote Moreira, 25 anos, que promove ações de educação e saúde na escola e também participou do percurso formativo gerado pelo Bairro Educador, explica que as ações ambientais não se restringem à limpeza e plantação. Os alunos, professores e parceiros aproveitaram a trilha para estudar as relações sociais e comunitárias, o impacto do progresso na vida das pessoas e as ações – coletivas e individuais – que precisam acontecer para manter os moradores seguros e evitar dificuldades. “A gente fez um trabalho sobre trânsito, porque aqui na comunidade não temos placas. A gente está querendo que a prefeitura faça uma faixa de segurança em frente à escola para que os alunos aprendam como atravessar a rua e para que a comunidade saiba como respeitar o tráfego das crianças”, explica.

A professora Patrícia Darci Pereira, 29 anos, há quatro na escola, conta que as ações têm impactado diretamente toda a comunidade escolar. “A partir do momento em que você valoriza o ambiente em que eles estão inseridos, também motiva a autoestima dessas crianças e de seus pais”.



E foi justamente ao valorizar esse espaço que os alunos acabaram trazendo seus pais e avós para a trilha. Muitos desses adultos lembravam da época em que a comunidade era preservada, em que a natureza era mais presente e cuidada, quando era raro ver lixo na rua. “Eu me lembro de nadar aqui neste rio, me lembro da limpeza das ruas. Se cuidarmos deste espaço, fizermos um trabalho coletivo de cidadania, poderemos mudar a situação da

nossa comunidade”, conta a agente de saúde Nanci, que usufruiu intensamente dos recursos naturais da região.

Os avós da pequena Larissa não faltam em nenhuma atividade. “Meu avô faz um monte de coisa com a gente, minha avó cozinha para o pessoal. Eles aprendem e me ensinam também”, afirma a aluna. Segundo a jovem e seus colegas, todos se animaram muito a participar. Antes, a maior parte deles recebia bronca dos adultos mais chegados. “Meu avô brigava comigo porque eu sempre jogava lixo no matagal, e já fiquei até de castigo porque joguei sujeira na rua. Mas, depois que o Bairro Educador chegou aqui, eu percebi que o lixo faz muito mal. Eu percebi que a gente tem que preservar o nosso morro e todos os lugares em que a gente for”, afirma.

Juan César Pereira da Conceição, 10 anos, colega de Larissa, também tem um avô presente. “Meu avô me fez ver que era importante limpar e começou a ir nas atividades da escola e no mutirão pra eu perceber a importância do assunto. Vamos juntos em tudo, mesmo quando chove! E já até aparecemos na televisão”, conta.

PROFESSORES MEDIAM O ENCANTAMENTO COM AS NOVAS DESCOBERTAS

Porém, por mais que as atividades de limpeza e cidadania sejam um ponto alto da trilha, as crianças não escondem a alegria de terem participado dos passeios ecológicos e das vivências com os parceiros da comunidade. Teias de aranha, bicho-pau e até mesmo jacarés tornaram-se ícones desse processo. Juan

ficou fascinado com a habilidade das aranhas tecerem suas teias e conta que a professora, em sala de aula, resgatou o que eles haviam visto em um dos passeios e explicou a importância desse fenômeno para a flora e fauna brasileiras. Leandra Gregório de Freitas, aluna que participa ativamente de todas as atividades do Bairro Educador, conta que adorou ter visto o bicho-pau. “É um bichinho que imita a madeira. Minha professora também me ensinou que as plantas ‘sugam’ o ar e devolvem ele limpo pra gente”, explica.

É assim que o projeto valoriza cada descoberta dos estudantes e a importância da mediação do professor para que esses novos aprendizados aconteçam. A professora Patrícia explica que o Bairro Educador fez com que ela desenvolvesse ainda mais sua criatividade como educadora. “Eu estou aprendendo e trocando muito mais com meus colegas. Quando estamos juntos, envolvidos com a proposta, podemos discutir ideias, pensar juntos”, afirma, ressaltando que, por meio dessa atuação em grupo e com os parceiros da comunidade, o trabalho docente fica menos solitário.

Essa troca contribui para ampliar o sentimento de pertencimento em relação à escola e fazer com que todos se sintam corresponsáveis pelo processo educativo das crianças e dos jovens. Juntos, os educadores e parceiros comunitários conseguem criar estratégias para superar problemas ou lidar com questões latentes da comunidade, que, invariavelmente, afetam a vida dos alunos, impactando o seu comportamento e desempenho escolar.

Trata-se do antigo ditado de que “duas

cabeças pensam melhor do que uma”. Juntos, em verdadeira colaboração, a escola e a comunidade podem melhor atender os alunos e incidir sobre o tecido social de que fazem parte. “Não tem como não se perceber o trabalho que realizamos! O que é bem articulado, aparece. Dá pra ver, na fala das crianças, como elas gostam e estão envolvidas. Não estamos restritos à escola. A comunidade está comprando a ideia. Quando eu entrei aqui, eu via mais lixo nas ruas, menos preocupação com as crianças, com o que a escola fazia ou deixava de fazer. Esse trabalho tem mobilizado muito a comunidade a entender que é ela, a própria comunidade, incluindo a escola, que tem que tomar conta do que lhe pertence”, explica Patrícia.

TODO MUNDO DE CALÇÃO DE BANHO

Para José Manuel Luciano, 26 anos, parceiro que trabalha com a organização internacional ICOS Cidadania, o resultado dessa integração aparece até nos pequenos detalhes. “Quando chegamos à escola para alguma atividade, encontramos todas as crianças prontinhas, de calção de banho e mochila nas costas para nossas caminhadas”, explica. Ele vai à E.M. Jornalista Brito Broca até duas vezes por semana e organiza rotinas, passeios e mutirões com a turma. As atividades são sempre centradas em temáticas ambientais, das idas às cachoeiras até a confecção de placas indicando o lugar correto de se depositar o lixo. A construção e planejamento das ações se dão em meio ao diálogo direto entre a equipe docente e os parceiros, que, na grande maioria das vezes, realizam reuniões para pensar a

metodologia de trabalho de acordo com os **parâmetros e a matriz curricular** estabelecida pela Gestão Escolar.

Para José, o planejamento tem dado tão certo, que os alunos vêm replicando os conhecimentos aprendidos na escola em suas próprias casas, intensificando o trabalho das organizações que atuam na comunidade. “As crianças funcionam como uma espécie de ‘termômetro’ da qualidade das nossas atividades, porque se elas não gostam, não fazem. Por outro lado, se demonstram interesse, são nossos maiores mobilizadores! Elas são grandes parceiras na hora de conscientizar as famílias e os colegas”, explica.

SALVAGUARDANDO A AUTONOMIA DA ESCOLA

É muito comum a escola pensar que a interseção com organizações não-governamentais, empresas e outros equipamentos públicos possa ferir ou interferir na sua autonomia. Portanto, essas parcerias precisam ter muita clareza de objetivos, bem como dos caminhos a serem percorridos para a sua consecução. Ao construir uma trilha educativa, a escola deve se amparar no seu projeto político pedagógico ou matriz referencial de conteúdos. Uma vez negociados e respeitados os propósitos, os valores e papéis de cada um, parceiros e escola têm a oportunidade de somar talentos, conhecimentos e recursos para promover iniciativas que respondam às demandas apresentadas tanto pelos alunos, direção e professores, quanto pela própria comunidade.

UMA IDEIA QUE CONTAMINA E VAI SE TORNANDO SUSTENTÁVEL

A E.M. Jornalista Brito Broca faz parte do Bairro Educador do Borel, juntamente com outras escolas da região: CIEP Antoine Magarinos Torres Filho, Escola Municipal Borel, Creche Municipal Raio de Sol. Todas elas seguem e participam da trilha educativa “Sociedade e Ciências Sociais e Naturais”, onde articularam parcerias e estruturaram atividades de acordo com suas orientações pedagógicas e com a faixa etária dos seus alunos. Mais de 1.000 crianças e adolescentes já vivenciaram a iniciativa.

Em todas as escolas, a equipe do Bairro Educador propôs uma espécie de passo a passo, que dialoga com as orientações curriculares da Secretaria Municipal da Educação. O primeiro passo acontece por meio de uma parceria com o Programa Água para Todos da CEDAE (Companhia Estadual de Águas e Esgotos) e envolve os alunos em jogos educativos sobre água e outros elementos naturais, além de mostras de vídeos ambientais para sensibilização inicial sobre o tema. O segundo passo compreende uma caminhada até a Obra Social Santa Cabrini, na qual os estudantes são convidados a observar uma construção e refletir sobre temas como lixo, asfalto, iluminação, comércio, trânsito, pessoas, arborização e organização espacial.

No terceiro passo, os estudantes usam um bondinho para subir da Obra Social até a Floresta da Tijuca, fronteira natural do bairro. Após a subida, as turmas fazem um lanche e

descansam no Lago das Carpas. Na quarta etapa, os alunos participam de atividade com a Ecobé, localizada um pouco mais acima, mas ainda dentro do espaço da Obra Social Santa Cabrini, que oferece um mini-zoológico com vários animais e mudas de plantas da região. A observação do espaço natural é componente fundamental da trilha educativa.

No retorno à escola, os docentes da rede municipal de ensino que vivenciam o percurso formativo recebem orientação para continuar trabalhando o conteúdo em sala de aula, ampliando o currículo de ciências sociais e naturais com outras atividades escolares. Em seguida, as escolas retornam às suas comunidades locais e desenham uma atividade prática de culminância, desta vez com os parceiros específicos de cada lugar. Por exemplo, no Borel, o Bairro Educador e a Secretaria Estadual de Meio Ambiente estão programando uma atividade de reflorestamento em áreas de deslizamento.

À medida que a trilha é percorrida, as escolas geram produtos construídos pelos próprios estudantes, que mais tarde integram uma exposição ou feira coletiva. As trilhas educativas são registradas pelos alunos e professores e compartilhadas com a comunidade e os parceiros envolvidos. É assim que se dá a avaliação do processo pedagógico, por meio da troca de experiências, observações e pontos de vista sobre os aprendizados alcançados.

Esta avaliação é também fundamental para fortalecer o próprio projeto. Conforme as ações foram acontecendo na E.M. Jornalis-



ta Brito Broca, a equipe do Bairro Educador e da escola passaram a registrar cada atividade, compartilhando suas conquistas e seus desafios por meio do blog do projeto, em reuniões de pais e nos informativos das organizações parceiras. Todos são unânimes em dizer que a relação entre parceiros e escola tem se dado de forma cada vez mais natural, sem necessidade de mediação, por interesse direto de todos os envolvidos. Os primeiros professores a participar do programa abraçaram a proposta e têm contaminado positivamente toda equipe docente que, para além dos temas de ciências sociais e naturais, já está cheia de ideias para novas trilhas.

Animados, as crianças e os adolescentes não só valorizam as atividades, o Bairro Educador e as organizações parceiras, como têm se tornado porta-vozes ativos dos desejos e das opiniões da comunidade. Cada vez

mais, eles se tornam elos fundamentais entre a escola e o seu entorno, rompendo barreiras e, como a própria trilha educativa propõe, reformulando as relações entre as pessoas e o meio em que vivem.

MORRO DA FORMIGA

Localizado na Floresta da Tijuca, Zona Norte da capital fluminense, o Morro da Formiga tem cerca de 7.000 habitantes e foi a nona favela do Rio de Janeiro a receber uma Unidade de Polícia Pacificadora (UPP). A região da Tijuca compreende inúmeros bairros de classe média e média-alta, bem como comunidades com nível mais baixo de renda e qualidade de vida. Nessa perspectiva, o alto Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) da Tijuca, de 0,926, não traduz a realidade das favelas da região, que têm menor oferta de serviços públicos e equipamentos sociais do que as áreas mais nobres.

Feira das Profissões



SONHOS PODEM SE TORNAR REALIDADE!

O Engenho da Rainha, bairro da Zona Norte carioca, já serviu como morada para gente talentosa como Dona Ivone Lara, Mussum, Almir Guineto, Negueba, entre muitos outros sambistas, atores, poetas e atletas. O sucesso por eles alcançado se deve principalmente ao talento e esforço de cada um. A dura realidade da comunidade não foi suficiente para apagar o brilho e encerrar o sonho desses ilustres personagens.

Infelizmente, o que esses grandes nomes conseguiram alcançar ainda é uma exceção e não uma regra no Engenho. Na verdade, muitas das crianças e jovens da região não conseguem sequer vislumbrar a possibilidade de mudar suas vidas. Quando perguntados sobre que carreiras desejam seguir, há pouquíssimo espaço para a idealização ou mesmo para profissões que requerem Ensino Superior ou curso técnico. Não há nada de errado em alguém desejar ser pedreiro, manicure ou doméstica. O que não está certo é

um contexto social desfavorável fazer com que crianças e jovens restrinjam suas perspectivas de futuro e refutem de antemão a possibilidade de serem astronautas, médicos, engenheiros, psicólogos, artistas ou pilotos de avião. Era essa a dualidade que perturbava a Escola Municipal Marechal Estevão Leitão de Carvalho quando recebeu o Projeto Bairro Educador no ano de 2011.

A intenção inicial da unidade de ensino era contribuir para que seus alunos pudessem pensar mais profundamente sobre seus projetos de vida. A estratégia tinha como propósito fazê-los mobilizar muito mais do que sua força de vontade. A escola queria promover um programa coerente de desenvolvimento vocacional, que dialogasse com as práticas e conteúdos da sala de aula e oferecesse possibilidades concretas para os estudantes. Buscava-se desconstruir o sentimento de impossibilidade ou de que o sucesso profissional para os moradores da comunidade acontece por acaso, de maneira fortuita.

A proposta da E.M. Marechal Estevão refletia anseios gerados por um novo momento na história do Brasil, em que avanços na promoção da igualdade de renda e programas governamentais específicos vêm ampliando o acesso ao Ensino Técnico e Superior a grupos sociais até então excluídos desse campo da educação. Iniciativas como os Centros Federais de Educação Tecnológica (CEFETs), o Programa Universidade para Todos (Prouni), o

Fundo de Financiamento Estudantil (FIES) e as cotas para afrodescendentes de baixa renda e alunos da rede pública criaram novas oportunidades de profissionalização para milhares de jovens brasileiros.

PROFISSÕES COMO CAMINHO PARA A CONSTRUÇÃO DE PROJETOS DE VIDA

A metodologia do Bairro Educador considera fundamental que as escolas concebam estratégias para formular percursos pedagógicos que façam sentido na vida dos alunos. Mais do que uma proposta de aprendizagem cujos resultados serão utilizados no futuro, as chamadas trilhas educativas respondem às provocações do presente, ao momento atual vivido pelas crianças e pelos adolescentes e às suas demandas imediatas por conhecimento.

Quando a equipe do projeto chegou à escola - naquele momento formada por Débora Targino, Gestora de Projeto, e Adriano Araújo, Gestor de Núcleo -, mobilizou gestores, professores e parceiros para criar ações que tivessem um significado especial para a comunidade escolar. Inicialmente, os desejos eram bastante diversos. Uns queriam investir na formação do corpo docente, outros priorizavam a melhoria da infraestrutura da escola. O consenso foi se configurando à medida que a proposta do Bairro Educador era compreendida e incorporada pelo grupo.

Assim surgiu a ideia de se promover uma Feira das Profissões que pudesse se des-

dobrar em uma série de ações pedagógicas interdisciplinares. Como a E.M. Marechal Estevão abriga turmas do Ensino Fundamental II, as primeiras iniciativas foram dirigidas para os alunos do 9º ano. E para não atrapalhar o ritmo regular das atividades, as turmas participaram de uma espécie de rodízio de conversas com profissionais voluntários.

Faltavam poucas semanas para o grande dia quando a equipe do Bairro Educador se reuniu com direção e professores para planejar o evento. Tratava-se da primeira atividade organizada pela escola em parceria com o projeto. A primeira conversa com a coordenadora pedagógica, Sônia Salomão, foi importante para convencer a direção a não se restringir a profissões e profissionais de nível técnico, mas abrir o leque e incluir carreiras de nível superior.

Com a estrutura da atividade definida e com total apoio da direção e dos professores, a equipe do Bairro Educador saiu em busca de parceiros que pudessem envolver os adolescentes e propor uma discussão mais ampla sobre carreiras e profissões. Ao final, dez profissionais se disponibilizaram a participar do evento, todos eles de alguma forma envolvidos com a comunidade: uma estilista/empreendedora, um psicólogo, duas enfermeiras, duas assistentes sociais, um fotógrafo, um economista, um professor, entre outros.

Para o psicólogo especialista em adolescência, Renaud Brasileiro Nogueira da Silva, 54

anos, a escola quebrou paradigmas. “Foi muito interessante passar para os alunos as possibilidades que eles têm, mostrar que podem estudar em uma escola técnica ou ter acesso a uma grande universidade, independentemente da sua origem. Precisamos mostrar que eles têm condições de construir um futuro melhor para eles próprios”. E de transformação Renaud entende. Afinal, ele foi o primeiro da sua família a conseguir um diploma de Ensino Superior.

A assistente social Rosália Santos do Amaral, 47 anos, antiga parceira da escola, conta que conhecia a maioria dos alunos desde pequeninos, muitos desde a barriga da mãe. “Eu trabalho bastante com adolescentes, e eles sempre gostam de perguntar as mesmas coisas. Querem saber se a gente ganha dinheiro, se é muito difícil se formar na profissão”. Ela destaca o senso de imediatismo dos jovens, os planos e medos característicos desta faixa etária.

Para Rosália, encontros com a juventude fazem com que o profissional se autoavalie e repense as suas próprias questões a partir das discussões levantadas pelos jovens interlocutores. “Porque a gente trabalha, trabalha, trabalha, reproduz, reproduz, reproduz, e tem uma hora que você tem que olhar para dentro e entender o que a sua profissão significa para você”.

A enfermeira Márcia Calvário, 45 anos, que também participou da Feira, diz que é fundamental que o profissional reflita verdadeiramente sobre sua prática durante a conversa com os jovens. Ela, que tem 22 anos de profis-



são, não escondeu a alegria ao relatar para os alunos a sua rotina profissional e a importância do seu trabalho para a comunidade. “Eu já tinha feito palestras aqui na escola, mas nunca sobre a minha profissão. Fiquei muito motivada. Foi in-

crível passar para eles como é viver esse ofício e como eu fiz para chegar onde estou”, explica.

A experiência de Márcia já inspirou muitos dos alunos que a entrevistaram. Foi o caso de Leonardo Malaquias Lannes, 15 anos, que participou da Feira. Ele sabe que quer trabalhar na área da saúde e tem pensado muito em ser pediatra. “Desde pequeno, sempre gostei e me dei bem com outras crianças”, conta. Ele tem dois irmãos que são técnicos em enfermagem e que também apoiam seu sonho. E não há dúvida do que deseja fazer quando formado: além de manter um consultório, quer trabalhar em hospital público, atendendo as pessoas da sua própria comunidade.

Daniela Bonfim Pina, que cursava o 9º ano na época, adorou a apresentação da enfermeira, que relatou o amor que tem pela sua profissão. Mas, assim como a irmã, ela também não quer trabalhar na área médica. Seu desejo, contudo, já está mais claro: quer ser diplomata. Para isso, pretende estudar relações internacionais e ser aluna da Academia Rio Branco. “Hoje, estudo no Colégio Pedro II (uma das melhores escolas públicas da cidade), fiz inglês e vou começar o espanhol. Antes da Feira, eu não sabia direito o que queria. Depois da Feira, descobri o que não queria e, agora, estou pensando sobre o que vai ser o meu futuro. Quem sabe vou trabalhar em um consulado ou viro até Ministra das Relações Exteriores”.

COMO SE ORGANIZA UMA TRILHA EDUCATIVA

A metodologia do Bairro Educador entende a trilha educativa como um percurso de aprendizagem que parte de uma real necessidade ou questão do aluno. A partir do momento em que essa necessidade ou questão é identificada, inicia-se um processo de mapeamento de atores – na escola e na comunidade – capazes de se juntar ao aluno para traçar caminhos que o ajudem a respondê-las. Mais do que levá-los a uma resposta única, as trilhas buscam estimular que os alunos construam seu próprio processo pedagógico, fortalecendo a autonomia no pesquisar, aprender e formular conhecimentos. Os professores, aliados fundamentais dos estudantes, assumem o papel de mediadores, ajudando-os a descobrir diferentes possibilidades de aprendizagem e ensinando-os a sistematizar os conhecimentos adquiridos.

No caso da E.M. Marechal Estevão, a trilha partiu de uma questão social vivenciada pela juventude da região: o pouco estímulo dos jovens para identificar e perseguir carreiras alinhadas com a sua vocação. O caminho construído desdobrou-se na Feira das Profissões, mas também permitiu à escola trabalhar temas bastante complexos como: “quem sou, onde estou, o que quero para meu futuro”. Ao aprofundar essas questões, os professores articularam os conteúdos curriculares a uma necessidade real de investigação dos alunos. O Gestor de Núcleo Adriano conta que, ao elaborar as tabelas comparativas de cargos e salários das diferentes profissões, os professores tiveram ainda a oportunidade de trabalhar com gráficos, frações e outros conceitos matemáticos. Ao realizarem as entrevistas com os profissionais, os alunos também foram convidados a produzir redações, adquirindo conhecimentos e desenvolvendo habilidades na área da expressão escrita.

É justamente essa perspectiva que o Bairro Educador entende como aprendizagem significativa. As trilhas unem os saberes curriculares aos comunitários, propondo que os alunos, crianças e adolescentes, construam autonomamente seus caminhos pedagógicos, escolhendo as formas e meios com que desejam aprender, a partir da mediação de seus professores e da comunidade onde estão inseridos.

A ESCOLHA PROFISSIONAL COMO TRILHA EDUCATIVA

Para Adriano Moreira de Araújo, Gestor de Núcleo do Bairro Educador, as dúvidas que os adolescentes têm em relação ao futuro profissional levantam importantes questões para a investigação acadêmica. Para ele, a Feira foi o início de um processo muito mais amplo, uma verdadeira **trilha educativa** em que o jovem é convidado a investigar o que deseja para sua vida. “Estamos falando de temas muito maiores do que a profissão, estamos propondo que os alunos pensem sobre seus projetos de vida. Estamos falando de sonhos e de esperança em um contexto em que essas perspectivas não são alimentadas em casa”, explica.

Os docentes da escola acreditam que essa falta de estímulo é uma constante na vida dos jovens. A professora de geografia Roseli Santana Sessoriano, 34 anos, conta que alguns dos seus pupilos sonham muito alto, querem ser médicos, advogados e engenheiros, mas, fundamentalmente, não sabem nem como começar a traçar suas trajetórias profissionais. “Meus alunos têm muito medo do vestibular, sempre me perguntam se eu acho que eles têm condições de passar na prova. Por serem da periferia, eles se sentem inferiores, acham que não conseguirão”.

Para Adriano, a realidade do jovem Leonardo, que tem enorme apoio dos familiares para seguir carreira na medicina, não é comum na comunidade. A situação difícil em que vivem mui-

tas das famílias do Engenho da Rainha faz com que os jovens foquem sua atenção apenas na necessidade imediata da geração de renda e pensem muito pouco sobre o que desejam ser. Por isso, o Gestor de Núcleo insistiu em buscar parceiros da comunidade, apresentando aos jovens profissionais que moram ou têm uma relação direta com o território.

Foi o caso da parceira Eleandra Fidelis, 38 anos, gestora da organização não-governamental “As Chamosas”, que trabalha com produção de moda sustentável. Utilizando diferentes técnicas de artesanato, a instituição aproveita os descartes do bairro para produzir roupas e acessórios. “A reação dos adolescentes foi surpreendente. Além do claro interesse que têm por moda, eles ficaram maravilhados com o fato de um trabalho realizado na comunidade apresentar uma possibilidade concreta de geração de renda”, explica.

A professora Roseli acredita que a Feira, as atividades de discussão sobre as profissões e as demais propostas trazidas pelo Bairro Educador mostram à escola que ela não está sozinha para pensar o percurso pedagógico, nem o presente e o futuro de seus alunos. “O Bairro Educador nos mostrou que existe uma comunidade, uma cidade, um mundo para se somar às nossas ações, que existem formas de fazer esses alunos colherem o que está além dos muros da escola”.

UMA EXPERIÊNCIA QUE CONTAGIA AS FAMÍLIAS

Eleandra comenta ainda que a Feira das

Profissões chega às casas dos alunos. Muitas vezes, os pais não sabem das possibilidades que a comunidade oferece, nem que eles também podem mudar de profissão ou desenvolver atividades lucrativas onde vivem. “É fundamental aliar a parte educativa com os outros setores. É preciso que a comunidade entenda o trabalho desses setores e porque eles se organizam de determinada forma ou propõem alguma atividade. Faz todo sentido começar esse diálogo dentro das escolas, pois, por meio delas, conseguimos chegar às famílias”, avalia.

Essa foi uma das razões que levou “As Chamosas” a dar continuidade à parceria com a E.M. Marechal Estevão. Em diálogo com a direção, a equipe da organização irá desenvolver projetos de artesanato para as mães dos alunos, ampliando oportunidades de renda para as famílias e aprofundando a conscientização ambiental da população local.

A professora Roseli acredita que essa participação da comunidade também contribui com as ações internas à escola. Para ela, é preciso transformar a lógica de que as instituições de ensino são as únicas responsáveis pela educação das crianças e dos adolescentes. Segundo a professora, a via é dialógica. A escola precisa interferir na comunidade, e os pais e a comunidade precisam estar dentro da escola, auxiliando a formação dos alunos. Porém, Roseli explica que esse caminho certamente é muito difícil. Mesmo com o que está sendo feito, ainda há pouca participação dos pais nas atividades escolares. Convidá-los a participar da Feira e



das atividades é um primeiro passo, propor as oficinas em parceria com a comunidade é outro caminho, mas muito precisa ser feito para que se alcancem os resultados esperados. “É um percurso longo. É preciso muito esforço, pois estamos falando de mudar uma cultura social. Está sendo bem difícil, mas vamos conseguir!”

Nos princípios orientadores do Bairro Educador, esse esforço da escola é fundamental para que as ações se sustentem no longo prazo e para que as construções das trilhas e as aprendizagens que elas geram sejam verdadeiros pontos de mudança na comunidade. As redes educativas territoriais são excelentes instrumentos para que se criem as condições

adequadas à prática da educação integral, que não se limita ao espaço escolar e possui uma visão integradora e sistêmica do processo de formação e transformação dos sujeitos. Por isso, os arranjos educativos locais como o Bairro Educador não são simplesmente a soma de ações isoladas, mas o resultado de um plano pedagógico integrado do bairro. A articulação orientada de diferentes atores, recursos e espaços educativos situados num mesmo território permite não só o estabelecimento de alianças e canais de comunicação entre as diversas es-

feras de vida do sujeito, mas, principalmente, possibilita um aumento e uma diversificação significativa das ofertas educativas disponíveis.

Assim, a Feira das Profissões – que muito bem poderia ser uma ação isolada – ganha um alcance maior do que inicialmente planejado. Os palestrantes que foram parceiros de primeira hora passaram a fazer parte do cotidiano da escola, propondo novas atividades e remodelando ações antigas, fortalecendo o vínculo entre os diferentes atores sociais e a instituição de ensino. Psicólogos, enfermeiras e estilistas se tornam educadores que fazem a diferença na vida dos jovens e de suas famílias, bem como da própria equipe da escola. Aní Cristina dos Santos Salomão, 44 anos, que trabalha há dez na escola, não esconde o quanto aprendeu com a experiência. “Eu falava com os meninos sobre as diferentes profissões, mas efetivamente não sabia como se dava a prática, o dia a dia do profissional. Eles vieram e trouxeram o mundo real para os alunos e para nós, apresentando os pontos positivos e as dificuldades da função que desempenham. É uma forma de concretizar aquilo que começamos na sala de aula”, acredita.

AS TRILHAS CONTINUAM A SER PERCORRIDAS NA ESCOLA

Para dar continuidade ao que teve início em 2011, a escola já articula inúmeras ações

que complementarão as trilhas e oportunizarão novas parcerias. Dentre as atividades previstas, estão visitas à Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz) para quem tem interesse na área da saúde, visitas à Faetec e ao Cefet, para apresentação de carreiras técnicas, bem como iniciativas na comunidade para que os alunos possam conhecer melhor as carreiras que transformam o cotidiano do território. Para Aní, o público da escola precisa muito dessas oportunidades. Muitos alunos já estão nos últimos anos do Ensino Fundamental e precisam ser apresentados aos caminhos e às possibilidades que terão pela frente. “Eles precisam descobrir se irão cursar o Ensino Médio tradicional, se buscarão uma escola técnica, se existem cursos complementares que podem fazer enquanto ainda estão na escola. As oportunidades estão aí, mas os alunos ainda não as conhecem. Não podemos esperar que o jovem faça tudo sozinho”, acredita.

Por isso, a equipe do Bairro Educador e da E.M. Marechal Estevão estão em absoluta sintonia. O sucesso da Feira das Profissões mostrou que essa é uma verdadeira demanda dos jovens e também dos professores. Assim, saídas culturais, investigações profissionais e, claro, uma nova edição da iniciativa já estão em curso. Maria Eduarda, 15 anos, que cursava o 9º ano na época da Feira, parecia já prever o sucesso e os desdobramentos das ações. Ela está no 1º ano do Cefet, quer ser engenheira

mecânica e deseja estudar nos Estados Unidos depois de passar na Universidade Federal do Rio de Janeiro. Uma das lembranças que guarda da sua antiga escola é o folheto que apresentava a Feira. “Tenho o papel guardado até hoje, porque quero mostrar para meus irmãos. Essa ação tem que continuar. Estou certa de que ela nos ajudou a decidir o que queremos fazer, a não ficar no sonho, mas efetivamente construir nosso futuro.”

ENGENHO DA RAINHA

Localizado na Zona Norte do Rio de Janeiro, o Engenho da Rainha abriga moradores de renda média-baixa e baixa. Seu IDH é 0,835, o 62º da cidade. Bem servida de transporte público – linhas de ônibus e metrô –, a região tem uma vida cultural intensa. Muitos dos nomes do samba carioca lá nasceram ou viveram, principalmente após a inauguração do Conjunto Habitacional dos Músicos, na década de 60, que abrigou nomes como Pixinguinha e Wilson das Neves. Embora a região seja reconhecida pela sua importância para a cultura carioca e nacional, seus quase 30 mil habitantes ainda sofrem com a falta de serviços básicos e assistência.

Mãe, já pra escola!



ABRINDO AS PORTAS DA ESCOLA PARA AS FAMÍLIAS

Quem nunca ouviu um diretor de escola se queixar que as famílias dos alunos pouco participam da rotina escolar dos seus filhos? Difícil mesmo é encontrar uma escola que consiga transitar do nível da reclamação para a ação, procurando criar estratégias que aproximem mães, pais e responsáveis do universo escolar. Acontece que, para avançar neste sentido, a escola precisa de apoio. Sozinha e tendo que dar conta de todas as suas rotinas e demandas, fica muito difícil dar esse salto. É exatamente em momentos como esse que o Projeto Bairro Educador e uma rede local que se corresponsabilize pela educação das crianças e dos adolescentes da comunidade fazem a diferença.

O pesquisador José Manuel Esteves explica que o sistema educacional, justamente por conta da forma como o Estado se organiza, muitas vezes é lento para atender as demandas sociais e, quando consegue, as necessidades já são outras. Dessa forma, a sensação de muitas escolas é a de que vivem em uma espécie de limbo, uma vez que percebem claramen-

te o impacto que as questões sociais exercem na vida de seus alunos, mas não dispõem de instrumentos para resolvê-las. O Programa Escolas do Amanhã nasce como uma política de enfrentamento desta realidade, articulando projetos e ações como o Bairro Educador, que apoiem as escolas neste processo de transformação.

A partir destes apoios algumas escolas vão desenvolvendo estratégias muito criativas para reverter ou, pelo menos, minimizar significativamente esse quadro. A Escola Municipal Fernando Maximiliano, situada no bairro do Santíssimo, na Zona Oeste do Rio de Janeiro, é um exemplo de que isso é possível. Com o apoio do Bairro Educador, a escola foi capaz de se abrir e experimentar um novo jeito de se aproximar das famílias, principalmente das mães de seus alunos, a fim de garantir que contribuíssem de forma efetiva com o percurso pedagógico das crianças.

CRIANDO “PONTES” ENTRE A COMUNIDADE E A ESCOLA

Logo na chegada do Bairro Educador, quando professores e gestores foram convidados a **mapear as principais demandas da escola**, a E.M. Fernando Maximiliano identificou a necessidade de oferecer apoio permanente às famílias de seus alunos. A compreensão era de que esse tipo de iniciativa contribuiria para valorizar o espaço escolar, bem como combater a evasão e o baixo rendimento.

Ao realizar um mapeamento na comuni-

dade, a equipe da escola percebeu que grande parte dos pais apresentava um baixo nível de escolaridade, além de pouco acesso aos serviços de saúde, oportunidades de geração de renda e programas sociais. Era evidente a demanda por iniciativas de educação continuada e formações complementares que ajudassem essas famílias a melhorar a sua inserção social e, conseqüentemente, atender de forma mais efetiva as necessidades dos seus filhos, inclusive participando mais intensamente da sua vida escolar. Estava claro que, quanto mais acesso a atividades formativas esses familiares tivessem, melhor seria a sua qualidade de vida e de suas crianças.

Para aproximar essas famílias do cotidiano escolar, a E.M. Fernando Maximiliano necessitava criar algum mecanismo atrativo, que demonstrasse a importância da sua participação e valorizasse a sua presença na escola. Com o intuito de envolvê-las na vida acadêmica dos alunos e criar um espaço formativo, com oferta de oportunidades de geração de renda, educação para saúde e atendimento via projetos sociais, nasceu o Núcleo de Mães, uma experiência cujo principal mérito foi transformar essas mulheres em verdadeiras “pontes” entre a escola e a comunidade.

E FOI ASSIM QUE TUDO COMEÇOU

Inicialmente, a direção e os professores da escola elegeram uma mãe (ou responsável) por turma para compor o Núcleo. Dessa forma, todas as classes da escola contavam

O DIAGNÓSTICO É PARTE FUNDAMENTAL DO PROCESSO

Assim como médicos realizam diagnósticos antes de atender um paciente, o Bairro Educador propõe que as escolas participantes avaliem e compreendam o contexto social onde estão inseridas. Para pensar e propor projetos e atividades, as instituições de ensino são convidadas a, primeiramente, olhar para si próprias, tentando entender o que necessitam, quais são suas dificuldades, qual o rendimento de aprendizagem dos seus alunos, quais as necessidades de formação da sua equipe. Em seguida, passam a investigar quais são as principais demandas sociais da região.

Ao identificar com clareza esses pontos, a escola pode traçar um plano de ação mais objetivo, capaz de responder de forma mais eficaz às necessidades dos seus estudantes e, conseqüentemente, interferir positivamente nas suas estratégias pedagógicas. Embora ainda precise avançar, o Brasil já possui muitos índices avaliativos e dados estatísticos confiáveis, que auxiliam nesse diagnóstico: censos e pesquisas realizadas por acadêmicos, organizações não-governamentais e pelo próprio governo são documentos importantes, que estão disponíveis para livre consulta da população.

Some-se a isso, a importância da escola observar e interagir com os próprios membros da comunidade, levantando suas percepções e opiniões e permitindo que participem da análise de suas dificuldades e potências.

com, no mínimo, uma mãe de referência. Vale destacar que essa indicação nunca foi arbitrária. A ideia era nomear pessoas estratégicas, com potencial multiplicador, que, em muitos casos, procuravam a escola para manifestar seu desejo de participar. As mães tinham como compromisso aproximar as famílias das atividades da escola, auxiliar aquelas cujos filhos apresentavam problemas de rendimento e/ou comportamento, divulgar os eventos, as reuniões e as discussões realizadas e atrair novos participantes.

O Bairro Educador tem como princípio a crença de que todos são corresponsáveis pela educação e de que este esforço exige o envolvimento dos mais diversos setores da sociedade em torno de objetivos comuns e ações articuladas. Da mesma forma, o Núcleo de Mães também demanda a corresponsabilização de seus membros. Para fazer a iniciativa acontecer, não basta garantir a oferta de atividades significativas, é preciso incentivar que seus próprios integrantes sintam-se coparticipantes da sua construção e sustentabilidade.

Para a diretora da E.M. Fernando Maximiliano, Jaqueline Teles, 46 anos, trazer a comunidade para “dentro” da escola é fundamental. “Nós estamos conseguindo que as mães venham e entendam que a escola precisa delas, que não é só colocar (os filhos) aqui e deixar”.

Raquel Lima da Silva, cujos dois filhos e a sobrinha estudam na escola, conta que, quando concordou em ser mãe representante de turma, deixou seu filho todo orgulhoso.

“Ele fica todo bobo! Em casa, conversando, ele fala: ‘Minha mãe é mãe representante’. Ele também gosta de participar”, conta. Para ela, estar junto de seus filhos foi fundamental para compreender melhor as dificuldades que eles têm e acompanhá-los no processo educativo.

Um dos filhos de Raquel era bastante agitado e, muitas vezes, desrespeitoso em sala de aula. Com a sua participação no Núcleo, a mãe pôde estabelecer um contato mais próximo com os professores e compreender que, mesmo muito ativo, o que seu filho tinha, na verdade, era muita vontade de participar de atividades. “Quando a gente participa junto, é um incentivo pra eles participarem mais ainda”, conta.

DA OFERTA DE FORMAÇÕES À ESTRUTURAÇÃO DE UM GRUPO

O Núcleo realiza encontros mensais com duas horas de duração. Em cada atividade, as mães debatem um tema diferente ou participam de uma atividade formativa de seu interesse. Tanto os temas, quanto as formações são elencadas em uma escala prioritária pelas próprias participantes e pela direção da escola. Geralmente, no primeiro encontro, o grupo realiza uma “chuva de ideias” para identificar as expectativas de todos. As sugestões são anotadas em um cartaz. O registro é levado a todos os encontros, para que a agenda de propostas seja compartilhada e administrada pelo Núcleo.

Uma vez mapeados os focos de interes-

se, a equipe do Bairro Educador e da escola buscam propor atividades que respondam aos anseios das mães e que, ao mesmo tempo, sejam lúdicas e ofereçam um espaço de descontração. As **Gestoras de Núcleo e de Projeto** do Bairro Educador do Santíssimo conseguiram firmar parceria com o Instituto Embelleze para oferecer cortes de cabelo às mães e às crianças, além de apoio à participação em curso profissionalizante.

Muitas vezes, gestores e professores da E.M. Fernando Maximiliano procuram a equipe do Bairro Educador para solicitar a identificação de um parceiro que lide com um tema ou questão específica, que emerge de forma latente no período. Os Gestores de Projeto vão então à comunidade, buscando conquistar potenciais parceiros previamente mapeados, sempre com a perspectiva de propor uma nova ação para as reuniões mensais.

Para garantir a presença das mães, a escola realiza os encontros bem cedo, logo na entrada das crianças. Assim, as participantes que trabalham conseguem estar nas atividades. “Muitas vezes, eu chego nas reuniões nervosa, estressada e, quando estou aqui, posso desestressar. Nós fazemos um bate-papo, sentamos e conversamos e, quando voltamos para casa, estamos com outra cabeça”, explica Raquel, mãe representante.

Por isso, a escola e a equipe do Bairro Educador priorizam **temas que podem realmente auxiliar a vida das mães e responsáveis**. Educação

CURIOSIDADE

As escolas participantes do Bairro Educador estão divididas em áreas geográficas. Cada região tem um Gestor de Núcleo. A E.M. Fernando Maximiliano faz parte do Bairro Educador do Santíssimo, coordenado pela Gestora de Núcleo Karina Trotta, que acompanha os traçados metodológicos e o caminho conceitual e organizacional da iniciativa. O apoio na base é de responsabilidade dos Gestores de Projeto, que acompanham em média cinco ou seis escolas de cada núcleo. No caso da E.M. Fernando Maximiliano, a Gestora de Projeto é Rosineide Freitas.

Em geral, os Gestores de Projeto dividem sua semana entre as várias unidades escolares que estão sob sua responsabilidade, dedicando um dia para cada uma delas, em média. Como as escolas são próximas, os gestores muitas vezes conseguem articulá-las em programas comuns, especialmente quando as suas demandas são parecidas. Uma atividade que acontece com sucesso em uma escola é disseminada para as outras. O Núcleo de Mães, por exemplo, está sendo implementado não só em outras escolas do Santíssimo, mas também em escolas de outros núcleos.

em saúde sexual e reprodutiva, nutrição, geração de renda e questões relacionadas à maternidade (criar filhos, educação parental) são os favoritos do Núcleo. Raquel e outras participantes do grupo não hesitam em dizer que, mais do que as atividades, o Núcleo de Mães propõe um espaço de troca, em que elas podem falar sobre seus problemas, suas dificuldades e comemorar suas alegrias e conquistas. Os conselhos e dicas partem, na maior parte dos casos, das próprias integrantes que vivenciaram expe-

riências semelhantes.

Dessa forma, os encontros se tornam espaços de escuta efetiva. A maternidade é, muitas vezes, uma tarefa solitária, acompanhada apenas em termos médicos ou biológicos pelos serviços públicos. O Bairro Educador quebra esse paradigma ao propor o resgate de valores e saberes comunitários e ao recriar a cultura da vizinhança, defendendo a ideia de que a responsabilidade pelo bem-estar e desenvolvimento das crianças e dos adolescentes não é somente da mãe, mas de todos aqueles que os cercam.

O traçado metodológico proposto pelo projeto ressalta que o espaço geográfico define oportunidades e limitações. O ambiente construído influi na constituição de identidades pessoais, que compõem as identidades dos lugares, as quais, por sua vez, carregam inúmeras memórias, ideias e sentimentos. As relações de correspondência e identificação entre as pessoas e os lugares onde vivem trazem conforto, substituem o medo e transformam desconfiança em confiança. É nessa perspectiva que o Núcleo de Mães passa a se relacionar com a escola enquanto espaço de integração, em que todos podem se conhecer e reconhecer.

AMIGOS DA MÃE! TECENDO PARCERIAS PARA O NÚCLEO

À medida que a E.M. Fernando Maximiliano se abria para o projeto, os parceiros eram conquis-

CURIOSIDADE

Os principais temas já discutidos pelo Núcleo de Mães incluem a importância da família na escola; diversas questões na área de saúde (higiene pessoal, pediculose, saúde bucal, alimentação saudável/aproveitamento integral dos alimentos, combate e prevenção à dengue); planejamento familiar; problemas da comunidade (lixo, violência, etc.) e autoestima das mães.

tados com relativa tranquilidade. Ainda assim, estabelecer parceria não é tarefa fácil, nem acontece de forma homogênea. Cada negociação tem seu tempo e suas especificidades. A Gestora de Núcleo Karina Trotta conta que o desafio inicial está em mostrar para a escola que as parcerias, embora trabalhosas de início, vêm para facilitar a ação da escola e, eventualmente, responder às demandas sociais que interferem diretamente no contexto da instituição. A gestora conta que, tanto a E.M. Fernando Maximiliano, quanto as demais escolas do Santíssimo sempre se mostraram muito abertas às possibilidades trazidas pelo Bairro Educador.

Para encontrar os parceiros, a equipe do projeto e a escola mapearam as diferentes organizações do território que já tinham alguma relação com a unidade de ensino ou alguma vocação, ainda que latente, para apoiar o Núcleo de Mães. Uma vez mapeados, os parceiros começaram a aparecer, sempre guar-

dando coerência com as demandas apontadas pelo grupo. Afinal, de nada adiantaria trazer parceiros que não atendessem ao interesse direto das participantes.

Encontrar parceiros que respondessem às inúmeras demandas que se apresentavam também foi um grande desafio. Precisou-se investir na pluralidade dos interlocutores e também em ações intersetoriais que cobrissem as questões sociais do território e as entendessem como fenômenos interconectados e sistêmicos. Não adiantava, por exemplo, trazer um parceiro que falasse de alimentação saudável sem considerar que essa mudança de hábito alimentar pudesse representar um investimento muito alto para as famílias. Assim, era preciso identificar um parceiro que falasse sobre o tema em consonância com o contexto social e econômico da comunidade, problematizando todas as possíveis inferências que um tema como esse pode ter na vida dessas pessoas.

No caso da E.M. Fernando Maximiliano, a diretora da escola e a equipe do Bairro Educador procuraram a nutricionista do Núcleo de Apoio à Saúde da Família (NASF), para que ela pudesse trabalhar com as mães a importância da alimentação saudável, substituindo os salgadinhos e bolachas por lanches com maior valor nutricional e preço equivalente. “Há uma grande afinidade entre a nutrição e a saúde pública, e os resultados são imediatos. Vejo que as pessoas aqui na comunidade e na escola estavam sedentas por informação. Uma vez que descobrem novas alternativas, as pes-

soas mudam seus hábitos e comportamentos”, conta Fernanda Silveira, 24 anos, que ministrou palestras e atividades no Núcleo de Mães.

Para uma das parceiras, a assistente social Marcelia Alves Martins, que também atua no NASF, as instituições – principalmente aquelas ligadas ao serviço público – têm uma grande responsabilidade em relação ao território. “No posto de saúde, a gente espera a demanda chegar. Com o NASF em contato com a escola, temos que desenvolver um trabalho verdadeiramente interdisciplinar, que articule a rede, o Bairro Educador, as questões de meio ambiente, a associação de moradores. E isso é maravilhoso. Entrar na escola não com aquela visão imediatista, do tipo “vou atender o aluno, tchau e benção”. Há espaço para promover a saúde no âmbito geral. Pelas crianças e pela escola, nós chegamos às famílias, às comunidades”, explica Marcelia, ressaltando ainda a importância da interdependência entre as instituições que, por meio de respeito e diálogo, vão construindo novos caminhos para a ação social que desenvolvem.

TRABALHANDO O CORAÇÃO DE MÃE

Para as mães e responsáveis envolvidas com a iniciativa, um outro grande diferencial foi o atendimento psicológico e a mediação de atividades que as aproximassem dos seus filhos. Para tanto, o Bairro Educador promoveu uma ampla gama de formações, sempre com o intuito de melhorar a relação das mães com as crianças.

A coordenação pedagógica e os professores identificaram que havia uma grande demanda por se abordar o tema da violência em sala de aula, que se desdobrava em baixo rendimento, agressões e, até mesmo, em constantes reclamações junto aos pais e responsáveis. A escola logo percebeu que não adiantava responsabilizar os alunos pelo problema. Era preciso identificar a situação em que eles estavam inseridos e tentar trabalhar com as mães a melhoria da relação familiar, que automaticamente se refletiria em melhor comportamento na escola.

Para tanto, a psicóloga do NASF participou dos encontros mensais, acompanhada da nutricionista, da assistente social, de uma fisioterapeuta, todos empenhados em trabalhar a relação entre as mães e seus filhos a partir de uma perspectiva de saúde. Deise Valéria da Silva, 35 anos, mãe representante, conta que o trabalho integrado tem sido fundamental, pois as crianças e as famílias precisam ser atendidas para além do posto de saúde. A equipe do NASF concorda e reconhece que a escola e o Bairro Educador têm criado uma cultura de saúde integrada na comunidade.

Raquel Silva relata com entusiasmo as mudanças ocorridas em sua vida. O filho, que lidava mal com a chegada das irmãs e dava bastante trabalho na escola, era sempre repreendido pelo mau comportamento, mas nada mudava. “Eu era ausente e foi só quando meu filho começou a dar trabalho que tive o estalo. Eu vi que, talvez, se eu entrasse mais na vida

dele, ele saberia mais sobre mim, falaria comigo e, juntos, mudaríamos o comportamento dele, lidaríamos com as suas dificuldades. No início, ele não me contava nada, mas ultimamente, ainda que eu tenha que pressioná-lo um pouquinho, ele me conta o que aconteceu na escola, eu fico sabendo das coisas por ele". Aos poucos, o pequeno começou não só a se abrir, mas a melhorar de atitude, fazer os deveres de casa, brigar menos. Tudo isso amparado pela mãe que, agora, não sai da escola!

Para Raquel e outras representantes do Núcleo, foi possível perceber, por meio das gincanas e atividades, que as crianças são espelhos do que acontece em casa, que elas levam para a escola todos os problemas enfrentados pela família. "A gente fica nervoso, estressado, a gente grita, fala. E a criança? Muitas vezes, ela não tem espaço pra fazer isso. É um fato que ocorre muito nas famílias".

Foi com essa perspectiva que o Núcleo também começou a promover atividades lúdicas para as mães e os filhos se divertirem juntos, criando espaço para que as crianças também pudessem se expressar. Carla Conceição dos Santos, 38 anos, psicóloga do NASF, conta que o trabalho da sua organização está perpassando todos os âmbitos da escola, desenvolvendo atividades para os professores realizarem em sala de aula, estratégias para melhorar o diálogo dos alunos com a direção, além de muitas ações voltadas para o Núcleo de Mães. Jogos e rodas de conversa têm sido muito utilizados e, quando necessário, a crian-

ça e a mãe são encaminhadas para algum tipo de atendimento mais individualizado.

Richard Alexander Lima da Silva, filho de Raquel, que adora jogar bola e brincar, entende que o projeto melhorou muito sua relação com a mãe em casa. "Ela vem para a escola para me ver, ela faz o dever comigo. Ih! Só que hoje me esqueci de fazer e me esqueci de falar isso pra minha mãe", ri, indicando que a relação mudou, mas, como em todo e qualquer processo educativo, os resultados acontecem de forma progressiva.

COLHENDO OS FRUTOS

Ainda que percebidos de diferentes formas, muitos foram os ganhos decorrentes da implantação do Núcleo de Mães na escola. Os maiores deles foram a ampliação da participação dos pais na vida escolar dos seus filhos e a valorização da escola por parte da comunidade. "Aqui, a gente já tem assistência do Bolsa Família, psicóloga, atendimento de saúde. Nós temos muita coisa. As professoras se empenham muito, sempre tem alguma coisa acontecendo. E tudo isso porque nós, mães, estamos participando. Lógico que tem muita gente que não vem à escola e nem sabe o que está acontecendo. Mas, uma vez que você passa a participar, você conhece de verdade a escola, passa tempo com seu filho, tira dúvidas e conversa com outras mães e com especialistas. E é isso mesmo que tem que acontecer. A escola é nossa, é dos nossos filhos", ressalta Raquel.



Além disso, as ações do Núcleo geraram integração entre as famílias; promoção e prevenção da saúde; valorização das potencialidades da comunidade e aumento da autoestima tanto das mães, quanto das crianças. Para a equipe de professores, a diferença já aparece com muita força. Hoje, mesmo quando as atividades são aos sábados, há presença maciça das mães representantes e de outras mães que também se interessam em participar. "Essas reuniões para as mães são legais demais. Viu a quantidade de mães? Muitas mães. No começo vinham duas, três, sabe? Aí a presença começou a engrossar. Tinha mãe que não estava nem aí, não se interessava. E a gente foi mostrando como é que a banda toca", conta Maria Cristina, 50 anos, professora da escola há quase dez anos.

Para o professorado, um grande resultado do projeto foi a valorização dos profissionais da educação. Em algumas das atividades de final de semana, Maria Cristina foi mais de uma vez oficinaira do grupo, ensinando receitas de tortas. E, segundo ela, foi nesse ensinar, no cozinhar junto, que se desmistificou a imagem do professor como autoridade que só dá bronca nos pais. "Aos poucos, consegui sentar para real-

mente conversar com essas mães, falar do que estava acontecendo e pensar, junto com elas, como parceira, o que poderia ser melhorado".

Sem dúvida, por mais que os ganhos do Núcleo de Mães sejam imediatos para cada uma das famílias – melhorando a saúde, nutrição, profissionalização, acesso aos programas de complementação de renda -, há um ganho geral para a comunidade escolar. As relações se transformam diariamente, e a escola, que antes estava sozinha, ganha um grupo de aliadas inegavelmente forte: uma comunidade presente, atenta e zelosa, como toda mãe deve ser.

SANTÍSSIMO

O Santíssimo é um bairro de classe média-baixa e classe baixa, situado na Zona Oeste do Rio de Janeiro. Em 2000, seu IDH era de 0,780, o 101º da cidade. A região congrega quase 50 mil habitantes, residindo em cerca de 15 mil domicílios. Formado por vales e morros, o terreno acidentado do Santíssimo tem suas encostas marcadas por uma ocupação desordenada. Ao mesmo tempo que o bairro é cortado pela movimentada Avenida Brasil, também integra uma extensa área verde e pequenos sítios.

Jogos Cooperativos

UMA ESCOLA QUE SE TRANSFORMOU DE MÃOS DADAS

Segundo o dicionário Houaiss da língua portuguesa, cooperar significa atuar juntamente com o outro para o mesmo fim; contribuir com trabalho, esforços, auxílio; colaborar. Um verbete que deveria ser uma bandeira levantada por toda a sociedade, mas que na Escola Municipal José Moreira da Silva, localizada no Alto do Morro da Mangueira, constituía-se em uma demanda ainda mais latente.

A escola é pequena e tem problemas de estrutura. Uma equipe disposta tenta superar as adversidades do espaço físico, zelando com carinho pelo pouco de que dispõe. Contudo, a relação entre as crianças, muito mais do que a relação dos alunos com os professores, apresentava-se como um tremendo desafio. Gritos, brigas e xingamentos, que em escala menor poderiam ser considerados corriqueiros entre meninos e meninas cursando o Ensino Fundamental I, carregavam um nível tão profun-



do de agressividade, que impediam a escola de exercer um papel mais preponderante na construção de laços sociais.

Em agosto de 2011, quando os gestores do Bairro Educador chegaram à escola e consultaram a equipe pedagógica sobre possíveis demandas que teriam para o projeto, a resposta foi unânime: “Queremos trabalhar essa violência entre os alunos, queremos que eles se entendam melhor”.

Lidar com questões de agressividade e falta de respeito no ambiente escolar, no entanto, não é uma tarefa fácil. Há que se considerar o cenário em que a escola se insere, a forma como se dão as relações no âmbito familiar e os impactos da exclusão social na vida das crianças e dos adolescentes. Diante de tantas variáveis alheias ao controle da escola, a equipe do Bairro Educador decidiu trilhar um caminho que estivesse ao seu alcance. Foi assim que resolveram promover atividades que aproximassem os alunos entre si, por meio de um trabalho coletivo focado na construção de uma **cultura de paz**.

A solução encontrada foi em forma de Jogos Cooperativos, experiência que já vinha sendo desenvolvida por um dos gestores do Bairro Educador e que se apresentava como possibilidade concreta para a E.M. José Moreira da Silva.

A METODOLOGIA DOS JOGOS: AVANÇAR JUNTOS

Os Jogos Cooperativos buscam fazer com que grupos de crianças e adolescentes cumpram tarefas que pressupõem a união, o gerenciamento de ações conjuntas, o trabalho

em equipe. Têm ainda o objetivo de desenvolver o respeito às regras e ao outro e criar momentos de reflexão sobre temáticas até então pouco priorizadas pelos alunos, como amizade, mais amor, menos violência, colaboração, limites, preocupação com o outro e convivência.

Os jogos promovem entre os estudantes o contato direto com o princípio da Alteridade ou Outridade, conceito que entende que todos os seres humanos são interdependentes e criam sua identidade a partir da relação com o outro. Essa troca, contudo, nem sempre é cordial, pois a pessoa, quando em contato com a outra, é forçada a ver e reconhecer diferenças que, muitas vezes, apresentam-se como barreiras na relação.

Ao participarem da iniciativa, os alunos aprendem a valorizar a diversidade. Compreendem que, para vencer o jogo, precisam reconhecer seus respectivos talentos, assumir diferentes papéis e estar em sintonia.

Desde o início do projeto, a escola já realizou três modalidades de jogos, repetidas com todas as suas turmas. “A proposta inicial era envolver somente os alunos do 3º e 4º anos, que são maiores. Mas Priscilla Babo, Gestora de Projeto do Bairro Educador, se ofereceu para ampliar a experiência para todas as turmas, o que veio a calhar, porque as crianças, ao saberem das atividades, começaram a pedir para que elas acontecessem também em suas classes”, conta a coordenadora pedagógica da escola, Ana Cláudia Rodrigues da Cunha.

DESENVOLVENDO UMA CULTURA DE PAZ

A cultura de paz compreende um conjunto de atitudes, valores, tradições, comportamentos e estilos de vida baseados no fim da violência, na resolução pacífica de conflitos, no respeito à diversidade, na educação, na valorização da liberdade, justiça e democracia e no espírito de cooperação. O conceito foi definido em uma resolução da ONU (Organização das Nações Unidas) intitulada Declaração e Programa de Ação sobre uma Cultura de Paz, aprovada pela Assembleia Geral em 1999.

Países e instituições que se alinham com a proposta entendem que a construção de uma cultura de paz é condição imprescindível para a efetivação dos direitos humanos, uma vez que a vida em um planeta justo, democrático e sustentável só será possível quando os seres humanos souberem dialogar de forma saudável.

O primeiro dos jogos foi uma partida de Kofér Ball, atividade física que coloca em evidência o controle, os limites e o respeito. Baseado no handball, o jogo segue a mesma lógica, porém, ao receber a bola de um companheiro de equipe, a pessoa tem que repassá-la sem andar ou correr e sem sair do lugar em que está, apenas virando seu corpo e arremessando-a para o companheiro de equipe mais próximo do gol. Os times se dividem

pela quadra. A equipe de ataque avança no campo do adversário, buscando uma aproximação com o gol. Já os jogadores da defesa permanecem em seu próprio campo, dando cobertura ao goleiro. Sem a posse de bola, o componente pode movimentar-se livremente pela quadra para tentar auxiliar os demais companheiros, desde que não ultrapasse a linha divisória estabelecida no início da partida.

Na primeira tentativa, o jogo não deu certo. As crianças se comportavam de maneira bastante agitada e tinham muita dificuldade de escutar Priscilla, que tentava desempenhar a árdua tarefa de facilitar a atividade. “Era uma partida de meninos contra meninas, mas os meninos jogavam mais forte. A gente falava, mas eles não paravam”, lembra Laís Nazareti, 9 anos, que participou da atividade.

Segundo a Diretora “no começo, a proposta era uma só, mas cada turma reagia de uma maneira. Uma ia direto para o jogo e tudo corria bem. Com outra, nada funcionava”. Para responder a essas questões, a Gestora de Projeto decidiu reorganizar as atividades e trabalhar primeiro com as regras e com a estruturação da dinâmica, adaptando a modalidade do jogo de acordo com as características de cada turma.

VIRANDO O JOGO!

Foi assim que o jogo virou. Priscilla compreendeu que cada grupo tinha uma demanda específica. Uns não escutavam os direcionamentos e se confundiam na hora dos exercí-

cios. Outros partiam para a briga ainda que a proposta fosse construir uma cultura de paz.

O caminho foi longo, mas a escola logo percebeu que o diferencial seria justamente individualizar as práticas de acordo com o momento de cada turma, entendendo e respeitando as especificidades de cada uma delas. A valorização da pluralidade é um princípio essencial do Bairro Educador. As trilhas – sejam elas educativas ou complementares, como é o caso dos Jogos Cooperativos – pressupõem uma relação de interdependência, construída por meio do respeito, do diálogo e da valorização da diversidade como componentes complementares de uma ação integral. Todos, incluindo os próprios alunos, podem e devem dar a sua contribuição.

Na E.M. José Moreira da Silva, escutá-los foi fundamental. E esta escuta trouxe consigo uma perspectiva muito importante. A Coordenadora pedagógica Ana Claudia Rodrigues da Cunha conta que o processo de consulta incentivou o desenvolvimento de uma cultura de avaliação participativa. “A Priscilla Babo registrava toda a atividade e o retorno dos alunos. Ela perguntava e efetivamente levava em conta o que eles tinham achado da proposta. Com isso, eles se sentiam valorizados e percebiam que podiam contribuir para o processo”, explica a gestora de projetos.

A diretora da escola, Lana Cristina Pasquarelli, em diálogo direto com o processo de avaliação, lembra ainda que os resultados dos jogos eram divulgados para toda escola.

MEDIAÇÃO DE CONFLITOS

Uma das estratégias utilizadas pela equipe do Bairro Educador na E.M. José Moreira da Silva tem sido identificar agentes que realizem mediação de conflitos e promovam a cultura de paz como um direito humano intrínseco ao cotidiano escolar e à própria formação pedagógica.

Para mediar conflitos, a pessoa não precisa receber um treinamento específico, embora capacitações na área ajudem bastante e estejam acessíveis em universidades e cursos complementares. De modo geral, a mediação de conflitos pressupõe, acima de tudo, um exercício permanente de escuta, que considere os diferentes pontos de vista dos participantes e transforme a violência em discordância pacífica.

Como todo e qualquer processo de mudança comportamental, o resultado não é imediato. Ao contrário, demanda tempo e requer várias propostas de estratégias e ações para que seja de fato alcançado.

Segundo a pesquisadora Lilia Maia de Moraes Sales, no Dicionário de Direitos Humanos, na Escola Superior do Ministério Público da União, “a mediação possibilita a transformação da “cultura do conflito” em “cultura do diálogo”, à medida que estimula a resolução dos problemas pelas próprias partes. A valorização das pessoas é um ponto importante, uma vez que são elas os atores principais e responsáveis pela resolução da divergência. (...) A mediação de conflitos propicia a retomada do diálogo franco, a escuta e o entendimento do outro”.



“Todos nós, professores e alunos, ficávamos sabendo quem tinha conseguido completar o jogo”, relata. Os resultados positivos encorajavam as turmas que não haviam conseguido a continuar tentando.

Para evitar que os resultados “de quem conseguiu e quem não conseguiu” gerassem novas competições e eventuais disputas entre as turmas, a própria metodologia do jogo já incorporava a ideia de que vencer era consequência de uma ação bem realizada e que todos

poderiam chegar lá se trabalhassem conjuntamente. Assim, a gestora realizou o jogo mais uma vez com as turmas que não haviam conseguido, possibilitando que eles reinventassem o trajeto percorrido e recriassem possibilidades de relação em grupo. Aos poucos, todas as turmas foram conseguindo cumprir a proposta.

SEGUNDA TENTATIVA: UM NOVO JOGO E UM NOVO PASSO PARA O ENTENDIMENTO

Após o exercício do Koffer Ball, a Gestora de Projeto propôs a realização da atividade de Corvos e Corujas, um jogo de perguntas e respostas ligadas a uma temática central, mas que envolvem diferentes conteúdos acadêmicos. Um mediador lança perguntas para as equipes, que reagem oferecendo respostas do tipo “certo ou errado”, “concordo ou discordo”. A cada pergunta, dois grupos se formam em função da afinidade das respostas. Os que respondem “certo ou concordo” se posicionam de um lado do campo, e os que respondem “errado ou discordo” se colocam do lado oposto. Na sequência, o mediador revela e analisa a resposta correta com os alunos. Para tornar a atividade mais interessante, cada rodada termina com um pega-pega em que o grupo que acertou corre atrás do grupo que errou a resposta.

Na experiência da E.M. José Moreira da Silva, as perguntas abordaram temáticas diretamente ligadas aos conteúdos trabalhados em sala de aula e às orientações curriculares nas áreas de ciências, geografia, língua portuguesa e matemática. Todos articulados com o tema da dengue, problema de saúde ainda muito presente no país.

O jogo deu tão certo que integrantes do grêmio e representantes de sala, com auxílio

da Gestora de Projeto, decidiram replicá-lo em uma reunião de pais e responsáveis, buscando conscientizar os adultos sobre a doença. A escola, muito orgulhosa do posicionamento dos alunos, não só apoiou a atividade como a considerou uma grande conquista da representatividade dos segmentos dos alunos, que demonstrava ter cada vez mais clareza sobre seu papel na instituição.

O jogo deu tão certo que representantes do CEC, integrantes do grêmio e representantes de sala, com auxílio da Gestora de Projeto, decidiram replicá-lo em uma reunião de pais e responsáveis, buscando conscientizar os adultos sobre a doença.

Com o objetivo de articular os Jogos Cooperativos com uma aprendizagem prática e significativa, os alunos foram convidados a “incrementar” a tradicional caminhada mensal contra dengue, que acontece em parceria com o PSE e tem o intuito de alertar a comunidade sobre a transmissão da doença. Em uma espécie de mutirão, as crianças e os professores seguiram pelas ruas da comunidade informando as pessoas sobre os riscos gerados pelo acúmulo de água parada, que favorece o aparecimento e procriação dos mosquitos transmissores da doença.

Priscilla Babo conta que a caminhada já havia sido realizada anteriormente, mas o Bairro Educador contribuiu para que os alu-

nos levassem consigo cartazes feitos por eles mesmos, além de materiais informativos cedidos pelo parceiro Clínica da Família Dona Zica. Os cartazes foram colados nas paredes do comércio local. Já os materiais foram entregues a moradores, pedestres e aos próprios comerciantes, disseminando o recado de que a luta contra o mosquito deve ser diária e necessita de medidas específicas. Dois representantes das turmas foram escolhidos para levar fantoches do mosquito. Ao final da caminhada, os alunos afixaram placas confeccionadas por eles próprios em sala de aula, indicando que o mosquito não podia morar na comunidade. “A gente estava com uma luvinha na mão para pegar o lixo e colocar no saco. Foi muito legal ajudar a comunidade, pegando o lixo da rua”, conta Graciele de Oliveira, 11 anos.

A proposta deu tão certo, que foi realizada uma terceira vez, um mês depois da edição anterior, também com o apoio do Bairro Educador e parceiros. Nesta edição, os alunos percorreram as ruas do bairro carregando placas e cartazes que diziam “Fora Dengue” e entoando versos compostos pela Professora Luciana Caldas, e ensinados pelos professores da escola: “Raquete de tênis não adianta não/Para matar a dengue/Só limpando o lixão/Tampa a caixa d’água/Vira a garrafinha/Fura o pneu/Joga areia no vasilho.”

RUMO AO 1º LUGAR

Ainda em 2011, a escola realizou um terceiro jogo cooperativo, o do “Segredo do Envelope”. As turmas recebem envelopes com informações bastante semelhantes, mas com uma parte diferente, de utilidade essencial para o outro grupo. Para cumprir a tarefa, os participantes precisam perceber que a informação que falta está justamente nas mãos da outra equipe. Ainda no clima da caminhada, a dengue foi mais uma vez o tema dos envelopes, complementando o trabalho desenvolvido no jogo anterior e nas atividades regulares da escola.

Ao final da atividade, os alunos participaram da dinâmica do bombom, em que todos são vencedores! Priscilla Babo conta que a experiência foi um sucesso. “Eles resolveram o enigma muito rapidamente. Demorei 10 minutos com cada turma. E até falei: ‘Foi rápido assim, já entenderam o jogo?’, e uma aluna respondeu: ‘Mas o jogo não é para ajudar? Se eu estou com uma peça a mais, porque eu não dou para completar o segredo do outro grupo?’. E era justamente essa a proposta”, comemora.

As atividades dos jogos, que aconteciam todas as sextas-feiras, tiveram uma comemoração especial de final de ano. Todos os alunos foram convidados a participar de um “caça-palavras” coletivo, no qual cada turma tinha que encontrar uma palavra e colá-la no

mural do Bairro Educador. Aos poucos, os grupos formaram a frase lema dos Jogos Cooperativos: “Cooperação é amizade, mais amor, ajuda, respeito, menos violência, pensar no outro, ter limites. Viver coletivamente”.

Em seguida, todos os alunos foram convidados a elaborar, em suas respectivas turmas, um desenho que simbolizasse a palavra que encontraram. Para a diretora Lana Pasquarelli, a transformação aconteceu de forma evidente e em um curto espaço de tempo. Ainda assim, ela reconhece que a mudança comportamental proposta pelos jogos é uma ação de longo prazo e que novas transformações ainda estão por vir. “Acredito que mudanças de valor e sentimento, a gente só observa através das atitudes. A transformação do ser humano não acontece da noite para o dia. Valeu? Valeu. Porque quando começamos o trabalho com as turmas, elas não tinham interesse. Foi difícil. Mas, hoje, os alunos não só se interessam como participam e pedem bis”.

PROJETO POLÍTICO PEDAGÓGICO DA ESCOLA COMO ALIADO DA PROPOSTA DE COOPERAÇÃO

Tanto para equipe da escola, quanto para a do Bairro Educador, a atividade deu certo porque contava com o apoio irrestrito da unidade escolar e porque a proposta se relacionava diretamente com o Projeto Político-

Pedagógico que, em 2011, tinha como eixo o tema “Valores”. Para 2012, o tema escolhido segue a mesma toada: “Sustentabilidade, Respeito e Solidariedade”.

Segundo a equipe do Bairro Educador, as atividades foram pensadas e planejadas com foco nos alunos, mas, devido a uma parceria bem estabelecida com a unidade escolar, foram aferidos reflexos diretos nas famílias, no grêmio e nos representantes de sala, na coordenação pedagógica e direção, no corpo docente e até nos parceiros do Programa Saúde na Escola.

Para organizar as atividades, cada um dentro da escola teve que cumprir uma função. A direção e coordenação pedagógica ficaram responsáveis por acompanhar o planejamento dos Jogos Cooperativos e de cada atividade que compunha o projeto. Os professores conversavam com as turmas e cediam espaço e tempo de suas próprias aulas para realização das ações. Por fim, os parceiros trouxeram propostas complementares, que articularam os jogos com o combate à dengue e aproximaram o projeto da comunidade. Além do PSE, a própria Clínica Dona Zica acompanhou as atividades complementares e as discussões pedagógicas em torno da iniciativa.

É dessa forma que o Bairro Educador defende e impulsiona o envolvimento dos par-

ceiros para além das ações realizadas. Parceria no Bairro Educador significa estabelecer uma relação que se pensa e repensa constantemente, interferindo dialogicamente na prática pedagógica das escolas e na estrutura formativa que é proposta às crianças e aos adolescentes atendidos.

MANGUEIRA

O Morro da Mangueira está localizado na região de São Cristóvão, Zona Norte do Rio de Janeiro. Conhecida mundo a fora pela sua tradicional escola de samba, a comunidade reúne quase 18 mil habitantes em cerca de seis mil domicílios. Com uma história marcada por personagens ilustres como Cartola e Dona Zica e profundamente reverenciada em inúmeras canções da música popular brasileira, a Mangueira é uma região em franco desenvolvimento, ainda que seu último IDH tenha ficado em 0,800, bastante abaixo dos bairros da Zona Sul carioca, que têm os melhores índices da cidade.

Jovens que alçam voo

UMA ESCOLA EM QUE OS ALUNOS SÃO PROTAGONISTAS DO PROCESSO EDUCATIVO

Violência, tráfico, milícia, trabalho, geração de renda e consumo. Todas essas são questões que, de alguma forma, se relacionam diretamente com a juventude carioca. Querer ser e querer fazer são desejos presentes na vida do jovem, que precisa construir sua identidade e descobrir como se relacionar com seu meio social, planejando seu futuro e vivendo seu presente.

Fundamentalmente, essa construção precisa ser apoiada por múltiplas referências - de outros jovens, familiares, adultos próximos e, claro, dos professores e diretores que eles encontram ao longo do seu processo de escolarização. Nesse sentido, a escola, além de suas atribuições acadêmicas, assume também a função de formar e fortalecer esse indivíduo recém-saído



da infância para que possa entender seu papel na sociedade e atuar de acordo com seus desejos e sonhos.

Essa responsabilidade, muitas vezes delegada exclusivamente às instituições de ensino, representa um tremendo desafio para muitas das escolas municipais do Rio de Janeiro. A juventude carioca das comunidades populares enfrenta obstáculos complexos e específicos, amplamente vinculados às questões sociais profundas, que requerem, mais do que a participação da unidade de ensino, a ação articulada de todos os setores da sociedade. Grosso modo, a juventude carioca é seduzida cotidianamente pelo tráfico de drogas, pela violência urbana e pelo estímulo ao consumo, tão massificado pelos meios de comunicação, inclusive entre pessoas de baixo poder aquisitivo.

Com esse desafio pela frente, a Escola Municipal Evaristo de Moraes, localizada em Santíssimo, bairro periférico da Zona Oeste carioca, decidiu investir em atividades complementares que valorizassem a juventude local e seu papel enquanto protagonistas na vida escolar e na comunidade. Aproveitando a chegada do Bairro Educador em 2011, professores e diretores decidiram fortalecer o grêmio estudantil e proporcionar visitas dos estudantes a outras comunidades com realidades similares, estimulando a troca entre jovens moradores de diferentes regiões da cidade sobre temas de interesse da própria juventude.

Para a equipe pedagógica da E.M. Eva-

risto de Moraes, os jovens da escola são diretamente influenciados pelos grupos paramilitares que, apesar dos esforços de pacificação realizados na cidade do Rio de Janeiro, ainda têm muita força e incidência. Para a diretora adjunta Rosineide Araújo de Souza, 60 anos, há 33 deles trabalhando na escola, os problemas que a instituição enfrenta são grandes e demandam uma cooperação intensa de toda a sociedade para que possam de fato ser solucionados. Entre as dificuldades, a gestora pontua o fato de muitos alunos da escola já terem feito uso de drogas e muitos verem o tráfico e as milícias com apreciação. “Os jovens admiram a ação do bandido, porque ele faz uma espécie de trabalho social dentro da comunidade”. A diretora explica que é muito difícil fazer a população juvenil perceber que o tráfico e a milícia cooperam com a comunidade porque precisam da sua proteção para que as atividades ilegais prosperem. Os jovens têm uma relação intrínseca com esse sistema e não possuem referências diferentes daquilo que acontece em Santíssimo.

Uma das soluções encontradas pela escola para enfrentar esse desafio foi iniciar o projeto apresentando outras possibilidades de atuação para a juventude. A Gestora de Projeto do Bairro Educador, Rosineide Freitas, buscou referências que pudessem inspirar e motivar a juventude com novas perspectivas. A escolha recaiu sobre a organização social **AfroReggae**, situada no Morro do Cantagalo, na Zona Sul carioca.

A visita à entidade foi feita pela Turma de Projeto, classe formada por alunos com dificuldades de relacionamento, comportamento e aprendizado, que tem currículo diferenciado para recuperação de conteúdos passados. Para Rosineide, o grupo foi escolhido justamente porque um dos objetivos do Bairro Educador é fazer com que os estudantes encontrem sentido no processo de ensino-aprendizagem. “Nós queríamos que eles descobrissem uma possibilidade real de mudança, compreendendo que a escola e a comunidade estão aqui para ajudá-los”, conta.

APRENDENDO COM O AFROREGGAE

O AfroReggae é uma organização não-governamental criada em 1993 por um grupo musical que, além de shows, publicava um informativo para valorizar a cultura negra junto à juventude. Com o apoio de personalidades da mídia e da cultura brasileira e por conta da inegável qualidade do trabalho de mobilização juvenil que realiza, a instituição cresceu e passou a oferecer inúmeras atividades para jovens de comunidades em situação de vulnerabilidade social, como futebol, dança, percussão e circo, entre mais de 65 ações desenvolvidas em quatro favelas cariocas: Vigário Geral, Morro do Cantagalo, Parada de Lucas e Complexo do Alemão.

VIVÊNCIA NO LUGAR DE PALESTRAS

Foi assim que a turma rumou para a comunidade do Cantagalo, onde participou de diferentes atividades com o AfroReggae, incluindo uma apresentação e uma aula de circo. A turma foi recepcionada pelos alunos dos grêmios do CIEP Presidente João Goulart e da Escola Municipal Marília de Dirceu. Também visitou o Espaço Criança Esperança e o Mirante da Paz, construídos em duas torres acessíveis por um elevador que liga Ipanema (bairro nobre da cidade) ao Morro do Cantagalo. De lá, pode-se ver a praia, a Lagoa Rodrigo de Freitas, o Morro Dois Irmãos e o Cristo Redentor, importantes pontos turísticos do Rio de Janeiro. Emblemático, o mirante recebeu esse nome dos próprios moradores, simbolizando as ações sociais desenvolvidas na região. A Gestora de Projeto, Rosineide Cristina, conta que foi fundamental, tanto para os alunos, quanto para a equipe pedagógica da escola, ver como uma comunidade vertical se movimenta intensamente e constrói diferentes projetos, em comparação com a região de Santíssimo, que é horizontal, plana e tem pouca movimentação.

Para o aluno Jefferson Costa, 14 anos, a dinâmica e os projetos do Cantagalo impactaram diretamente a forma como ele passou a olhar para sua comunidade e até para sua família. “Eles nos explicaram muita coisa, falaram sobre a importância da educação, de entendermos nossos pais, de respeitarmos o



ponto de vista de outras pessoas. Antes eu tinha medo de que alguma coisa acontecesse comigo, não tinha educação, quando ficava com raiva, batia nos outros, zoava muito, brigava com meus pais. Hoje tenho mais paciência, entendo melhor o que me falam e percebo que o medo que meus pais têm é real, que eu não preciso bater nos meus colegas para resolver alguma coisa”, conta.

Para Rosineide Araújo, diretora adjunta da escola, por mais incrível que pareça, a ação, embora tenha acontecido em apenas um dia, mudou mesmo o comportamento da turma. “Eles são iguais a São Tomé, têm que ver para crer. Falar e organizar palestras não adianta. Era preciso fazer o que fizemos, mostrar pontos concretos, envolvê-los em ações que falam a língua deles”, explica.

Tanto na visitação ao Espaço Criança Esperança, quanto ao AfroReggae, os jovens foram apresentados às ações de valorização

da comunidade, a práticas educativas e de construção de uma cultura de paz, que permitiram aos participantes ressignificar as imagens associadas à juventude local. Para tanto, os educadores apresentaram histórias de jovens que se reinventaram e não se associaram a atividades ilegais. Na sequência, discutiram conceitos, valores, hábitos e desejos de consumo característicos da juventude.

Era essa a expectativa da equipe do Bairro Educador: expor os jovens a novos repertórios que pudessem ser facilmente compreendidos por apresentar uma interface direta com a realidade em que estão inseridos. Na metodologia do Bairro Educador, a escola precisa compreender o potencial educativo que a própria cidade tem, acreditando

que espaços públicos e privados podem ser extensões de sala de aula e oferecer oportunidades formativas de qualidade para a juventude. Na E.M. Evaristo de Moraes, os professores usaram o Morro do Cantagalo, o AfroReggae, seus projetos sociais e até mesmo o Mirante da Paz como espaços educativos que proporcionaram oportunidades de discussão sobre novos caminhos para a juventude, apresentando aos alunos outras maneiras de realizar o seu potencial.

Para Sônia Rufina de Lima Moreira de Matos, 51 anos, professora da escola há 17 anos, a visita foi fundamental para ilustrar essa possibilidade de mudança. “Eles viram outros jovens da idade deles fazendo atividades, se apresentando, agindo, mudando suas vidas e suas comunidades. Eles viram um outro modelo de vida, porque, aqui no Santíssimo, há pouco envolvimento, muito marasmo”, explica.

A professora contou ainda que um dos alunos permaneceu boa parte do espetáculo de costas, se recusando a assistir a apresentação circense realizada pelos jovens do Cantagalo. Aos poucos, no entanto, ele foi se interessando e se encantando com os malabarismos que jovens acrobatas desenhavam em sua íris. “Era como se eles estivessem testemunhando uma inversão do que costumam ver. Aqueles jovens de ponta-cabeça, dançando, girando, com controle de suas próprias vidas, sem depender da estrutura do tráfico,

confiando em si próprios, em suas famílias e nos seus educadores”.

NOVA AÇÃO: FORTALECENDO A PRÓPRIA ESCOLA

O passeio ao Cantagalo deu tão certo e os impactos foram tão positivos, que a escola logo percebeu estar trilhando um bom caminho e decidiu convocar alunos e professores para continuar realizando experiências em que a **juventude fosse protagonista**.

Para tanto, a equipe pedagógica da escola, juntamente com os gestores do Bairro Educador, resolveram revitalizar o grêmio estudantil, que, na gestão de 2012, recebeu o nome de “Conectados”. A partir da indicação da Gestora de Projeto, Rosineide Freitas, cada jovem eleito foi convidado a chamar mais um colega que tivesse perfil para atuar no movimento estudantil. Todas as séries da escola, do 6º ao 9º ano, asseguraram sua representatividade na agremiação.

No início, a maioria dos jovens – eleitos e convidados – acreditava que, ao fazer parte do grêmio, teria maiores chances de participar de passeios e escapar da sala de aula. A equipe pedagógica entendia, no entanto, que integrar a agremiação era, na verdade, um caminho para ampliar o envolvimento dos alunos com a escola e sua articulação com a comunidade escolar. Um compromisso que implicaria em novas responsabilidades.

Foi então que o grêmio se juntou à dire-

PROTAGONISMO JUVENIL

Protagonismo juvenil é a atuação positiva e transformadora de adolescentes e jovens sobre questões que fazem parte do universo próprio da adolescência e juventude e de problemas mais amplos, que impactam a vida de suas famílias, escolas, comunidade e do mundo de maneira geral. A palavra protagonista vem do grego *protagonistés*, que quer dizer o principal lutador, o personagem principal. Os jovens protagonistas se recusam a ser apenas parte do problema e se envolvem na busca de soluções efetivas, contribuindo com o frescor, a criatividade e o inconformismo próprios da sua faixa etária para identificar e implementar propostas de mudança complementares às que emergem dos adultos.

O envolvimento da juventude em atividades desta natureza, além de promover impactos significativos sobre os desafios sociais, ambientais, econômicos e políticos, contribui decisivamente para o desenvolvimento de indivíduos mais autônomos, conscientes e responsáveis.

A pesquisa *Sonho Brasileiro*, realizada em 2011 pela Box1824, empresa que mapeia tendências de comportamento, demonstra que os jovens apresentam um postura cada vez mais atuante na sociedade. Mais de 90% dos 1.784 entrevistados em 173 cidades de 23 estados brasileiros acreditam em ações pequenas que aos poucos vão transformando a realidade das pessoas.

A pesquisa identificou que 1 a cada 12 jovens entrevistados são “transformadores” ou “jovens-pontes”, aqueles que atuam diretamente em projetos sociais, ambientais, culturais, de empreendedorismo ou economia criativa, entre muitas outras possibilidades. Todos eles empenhados em mudar a sociedade por meio de microrrevoluções.

ção e ao corpo docente para pensar estratégias de melhoria do ambiente escolar e incentivo à permanência dos alunos na escola.

“Nós entendemos que era preciso construir uma espécie de mosaico de atividades que melhorassem diferentes aspectos da escola e oferecessem razões para esse aluno querer estar conosco. Estabelecendo parcerias com os próprios estudantes, o trabalho da direção fica muito mais fácil”, avalia a Gestora de Projeto Rosineide Freitas.

Em diálogo direto com a escola, os alunos planejaram três grandes ações: uma caminhada no entorno para conscientizar a comunidade sobre os riscos e formas de transmissão da dengue, palestras com temas de interesses dos alunos e a promoção dos jogos olímpicos escolares. “Os jogos já haviam sido realizados em anos anteriores, mas eram organizados por um professor que tinha deixado a escola. E os alunos decidiram retomar essa ação, assumindo-a como uma responsabilidade deles”, comemora Rosineide.

“Já havia um grêmio na nossa escola, mas ele só existia no nome, ninguém sabia direito o que ele fazia. No começo, quando assumimos a gestão, nem nós sabíamos o que estávamos fazendo. Queríamos mesmo era sair de algumas aulas, mas aí fomos percebendo a importância do grêmio e que, por meio dele, poderíamos ser ouvidos e mudar nossa escola”, conta Daniel Ramos, 14 anos, presidente do Conectados. Dono de uma consciência po-



lítica ímpar e muito ativo, o aluno conta ainda que uma das plataformas da gestão atual é conseguir uma quadra para o colégio. “A gente vai iniciar esse processo porque logo mais nos formaremos e sairemos da escola, mas aquilo que começarmos vai permanecer e ficar para os outros alunos”, explica.

AUTONOMIA E CORRESPONSABILIDADE

E é justamente esse o sentido da mobilização comunitária proposta pelo Bairro Educador: responsabilizar diferentes atores sociais para fortalecer o potencial educativo das comunidades e, muitas vezes, organizar ações de longo prazo que atenderão e impactarão gerações futuras. Para a Gestora de Projeto,

Rosineide Freitas, é por meio do envolvimento de um conjunto plural de colaboradores que ações dessa natureza ganham autonomia e sustentabilidade. Uma vez que, um jovem se vê como corresponsável ou um professor reconhece a importância da sua função na comunidade, esses atores se modificam para sempre e incorporam essa possibilidade de transformação em qualquer iniciativa que desenvolvem.

“A gente aprendeu que pode trabalhar em grupo e fazer acontecer. Sabemos que nossa diretora tenta um monte de coisas, mas sozinha não consegue. Precisávamos parar de pedir ou reclamar e começar a fazer junto. Mas, por mais simples que isso possa parecer, al-



guém precisava mostrar para a gente como fazer”, conta Lorrany, 14 anos, vice-presidente do grêmio. Como bem pontuado pela adolescente, a metodologia do Bairro Educador pressupõe que as responsabilidades sejam compartilhadas por meio de muita troca de informação e sistematização das lições aprendidas. Nessa perspectiva, Rosineide Freitas tem começado a diminuir sua participação nas reuniões dos jovens. “Eles agora precisam caminhar sozinhos. Já sabem (anotaram tudo) como buscar e acessar a direção e os professores. Aos poucos e cada vez mais, quero que eles sejam autônomos, não só na proposição de ações, mas na organização das mesmas”, explica.

Um exemplo dessa autonomia aconteceu quando a escola encheu de água em um dia de fortes chuvas. “Nós, alunos, pegamos rodos e fomos lá tirar a água acumulada. Se

a gente não cuida do que é nosso, quem vai cuidar?”, pergunta-se Maria Eduarda, 12 anos, Secretária de Comunicação do Conectados. Gradualmente, esses valores de corresponsabilização e participação estudantil têm contagiado a comunidade escolar. “Os professores e os nossos colegas têm nos ouvido mais e percebido que, para que a escola se transforme, nós todos temos que fazer parte dessa transformação”, avalia Maria Eduarda.

As atividades do grêmio deram tão certo, que o Conectados foi chamado a participar de um programa na rádio do Ministério da Educação (MEC). Na ocasião, eles encontraram integrantes de grêmios de outras escolas para **compartilhar o que haviam aprendido** e desenvolvido e discutir a importância da participação política para a juventude.

Por isso, a diretora adjunta da escola, Rosineide Araújo, valoriza o apoio a ações que permitam aos alunos descobrir novas formas de participação na escola. “Tanto na visita ao Cantagalo, quanto nas ações do grêmio e em outras atividades que passamos a desenvolver

PROMOVENDO A EDUCAÇÃO DE PARES

A educação de pares ou educação pelos pares é uma metodologia reconhecida internacionalmente em que indivíduos são estimulados a ensinar algo a seus semelhantes. É uma abordagem em que um grupo tenta educar um grande número de pessoas a partir de um processo multiplicador, em que uns compartilham o que aprenderam com os demais e assim sucessivamente. Conhecida em inglês como Peer Education, a metodologia busca que pares desenvolvam formas de comunicar conceitos, valores ou ideias aos seus “iguais”, fazendo uso de símbolos significativos, que façam sentido para esses grupos específicos. Assim, pressupõe-se que jovens de uma determinada comunidade sejam os melhores interlocutores para falar com outros jovens do mesmo território. Em essência, a educação de pares é uma metodologia que permite que o educando seja ao mesmo tempo educador e aprendiz, formando-se e instruindo-se ao passo que é estimulado a instruir e formar outras pessoas. Assim, esses educandos-educadores aprendem a desenvolver ações sistemáticas e intencionais, a registrar suas práticas, tentativas, fracassos e sucessos, valorizando o diálogo com seu próprio par como uma experiência educativa.

com o Bairro Educador, temos estimulado muito que eles sejam os verdadeiros protagonistas, que eles mudem o ritmo da escola e do seu entorno, que deixem o marasmo e comecem a agir”, pondera. A escola valoriza muito qualquer iniciativa que venha dos alunos em benefício da comunidade escolar e que seja, de alguma forma, uma ação de educação entre pares.

As atividades já organizadas incluem festa da primavera, show de talentos, feira do livro, feira de ciências, entre muitas outras que confirmam o potencial dos jovens e a sua capacidade de transformar suas próprias vidas.

Dessa forma, a E.M. Evaristo de Moraes busca fortalecer a imaginação dos seus alunos, permitindo que este seja o ponto de partida da valorização da sua contribuição e do reconhecimento do espaço escolar como incubadora de projetos e ações significativas. Com apoio dos educadores, que se tornam mediadores do aprendizado dos alunos, a escola se reinventa e posiciona o jovem no centro de suas ações, garantindo que ele não só alce voo, mas leve consigo professores, pares e parceiros.

SANTÍSSIMO

Localizado na Zona Oeste carioca, o bairro do Santíssimo apresentava um IDH de 0,780, o 101º das 126 regiões analisadas em 2000. Eminentemente plano, o bairro já abrigou sítios e plantações de laranja. Com o passar dos anos e o declínio da era agrícola carioca, transformou-se em bairro dormitório e recebeu poucos investimentos públicos e sociais. Com uma vasta superfície de quase 900 hectares, a área tem cerca de 50 mil habitantes e faz parte da Região Administrativa de Campo Grande.

Feira Literária



A PALAVRA COMO FERRAMENTA PARA A CONSTRUÇÃO DE UMA NOVA REALIDADE

Parafraseando Horace Mann, educador abolicionista estadunidense, “uma casa sem livros é como uma casa sem janelas”. Infelizmente, esta é a realidade da maior parte das casas brasileiras. Além de altas taxas de analfabetismo, o brasileiro tem muita dificuldade e pouca afinidade com a leitura. Isso sem mencionar que são raros aqueles que conseguem pagar por um exemplar adquirido nas livrarias. Apenas um em cada três adultos cultiva o hábito da leitura no nosso país, onde a população lê, em média, 1,8 livros não-acadêmicos por ano, menos da metade do que se lê nos Estados Unidos ou na Europa. Segundo a pesquisa “Retrato da Leitura no Brasil”, publicada pelo Instituto Pró-Livro, o número de brasileiros que haviam lido ao menos uma obra nos três meses anteriores ao estudo caiu de 55% da população estimada em 2007 para 50% em 2011.

Manchetes de jornais e revistas alertam para esses riscos, redes de televisão mostram mais personagens lendo, noticiários de rádio criam programas para estimular a leitura. Os governos municipais, estaduais e federal realizam mais esforços para estimular o hábito de leitura. Entretanto, a situação está longe do ideal e a população continua sem acesso às importantes janelas descritas pelo pensador Horace Mann.

Nas escolas brasileiras, a realidade é bastante similar. Além das inúmeras questões sociais que se apresentam para os alunos, a dificuldade na leitura e escrita se configura como um desafio adicional. Na Escola Municipal Gastão Penalva, localizada na Comunidade Nova Cidade, em Inhoaíba, Zona Oeste carioca, a situação não era diferente. Quando o Bairro Educador chegou, no final de 2011, a escola enfrentava inúmeras dificuldades. Além da violência na região, dominada por milícia, os alunos apresentavam resultados ruins nas avaliações de redação e português do Índice de Educação Básica (Ideb).

Foi pensando em alternativas para enfrentamento simultaneamente dos problemas sociais do entorno e do fraco desempenho escolar que a equipe pedagógica da escola e os gestores do projeto tiveram a ideia de promover o hábito da leitura entre os mais de 1.100 estudantes da unidade de ensino. Após realizar pesquisas e estudos de referências sobre projetos educativos, os professores e a direção compreenderam que a literatura

oferecia a possibilidade da escola apresentar outros cenários menos violentos e mais imaginativos para as crianças, além de qualificar as suas habilidades na escrita.

PRIMEIRA PÁGINA: INTRODUZINDO NOVOS CONCEITOS

Foi preciso um trabalho coletivo da equipe da escola e do Bairro Educador para que se pudessem identificar professores dispostos a se envolver na realização da iniciativa. Os docentes já promoviam ações de estímulo à leitura, mas como em muitas outras escolas brasileiras, encontravam bastante resistência por parte dos alunos, que se negavam até mesmo a começar a ler um livro. As atividades tradicionais de sala de aula não conseguiam vencer a relutância dos estudantes.

Com a Feira Literária, não foi diferente. Segundo a coordenadora pedagógica Elita Pereira de Carvalho, as turmas resistiram de início, mas foram se contagiando positivamente à medida que a atividade tomava corpo e congregava a todos, mobilizando de verdade a comunidade escolar. “Como tudo na educação, só precisávamos dar o primeiro passo”, avalia.

Professores e direção aderiram paulatinamente à empreitada, permitindo que a iniciativa fosse construída em articulação com as atividades realizadas em sala de aula, não como ação pontual, mas como projeto permanente, que reunisse diferentes atores em torno de um ideal comum: apresentar aos alunos o mundo mágico da leitura!

Quando a escola decidiu de fato se envolver com a experiência, o Gestor de Núcleo e o Gestor de Projeto do Bairro Educador se juntaram aos professores já integrados à proposta para trazer à cena o personagem principal: os livros. No Brasil, segundo dados de pesquisa realizada pela Fundação Instituto de Pesquisas Econômicas (Fipe) da Universidade de São Paulo, em 2010, um livro custava em média R\$ 11,11, preço relativamente alto em relação ao salário mínimo nacional, na época estipulado em R\$ 510,00.

A solução foi encontrar parceiros na cidade que pudessem contribuir com a doação de exemplares. A Fábrica de Livros da Maré doou 2.800 títulos, colaborando com feiras e atividades em outras escolas. Em agosto de 2011, o programa também realizou uma **Feira Literária na Praça do Vidigal**, na Zona Sul do Rio de Janeiro, em que a comunidade pode trocar livros por latinhas de alumínio. “Conseguimos encher uma Kombi inteira com elas! No final, doamos novamente as latinhas para a própria comunidade, como possibilidade de geração de renda”, explica a Gestora de Projeto do Bairro Educador, Fabiana Cândido.

Para a diretora da E.M. Gastão Penalva, Marcia da Costa Bento, a feira se constituiu em uma nova forma de levar a leitura às crianças e aos adolescentes. “Os outros alunos ficaram curiosos e se interessaram. A nossa esperança é melhorar a leitura e conseqüentemente a produção escrita”, conta.



MEDO E SUSPENSE: SERÁ QUE VAI DAR CERTO?

Nos dias que antecederam a feira, todos estavam apreensivos com os resultados da atividade. “Nós queríamos que os alunos descobrissem que o livro não é uma obrigação, mas um prazer”, explica a diretora Marcia. O projeto tinha como propósito fundamental permitir que a feira respondesse a uma necessidade concreta dos meninos e meninas.

A equipe responsável pelo projeto temia que a atividade desestimulasse os alunos e até desencorajasse a leitura. Por isso, decidiram fazer da feira uma atividade alegre e festiva, incentivando que até mesmo os adultos - fossem eles professores, pais ou pessoas de referência - retirassem livros. Afinal, esses atores têm muita influência na formação do repertório da criança e da sua relação com a literatura.

Fortuitamente, a feira respondeu aos desejos da garotada. Os livros foram um convite ativo e atrativo para que os estudantes descobrissem um novo universo. “Os alunos ficaram curiosos, observando toda a movimentação que estava acontecendo. E a curiosidade é um grande passo para se entrar no mundo dos livros”, avalia a coordenadora Elita.

A E.M. Gastão Penalva e as outras escolas que participaram do projeto não selecionaram seus livros de acordo com listagens exigidas no vestibular. Ao contrário, compreendendo que o hábito da leitura começa com um bom estímulo, os alunos foram apresentados a uma imensa seleção de títulos. Os gêneros foram os mais diversos: romance, suspense,

FEIRAS PELO RIO INTEIRO!

O Bairro Educador incorporou a Feira Literária como atividade fundamental e extremamente mobilizadora para as escolas localizadas em regiões de violência ou com baixos indicadores de aprendizagem. Portanto, firmou inúmeras e variadas parcerias e realizou mais de 50 feiras em várias escolas participantes do programa. Ao todo, cerca de 200 escolas já receberam feiras literárias individuais ou coletivas, assim como a da E.M. Gastão Penalva ou a da Praça do Vidigal.

Em março de 2012, em comemoração ao Dia da Poesia, a Escola Municipal Aldebarã realizou uma feira em que os alunos adquiriam livros usando como moeda de troca poesias escritas por eles próprios! A iniciativa, realizada em parceria com uma professora da sala de leitura, mobilizou todos os professores e alunos da escola e encantou toda a comunidade escolar, que se surpreendeu com a capacidade criativa dos estudantes.

Vale lembrar que muitos dos maiores escritores da humanidade ou vivenciaram dificuldades ou cresceram em ambientes com poucas possibilidades. A escrita e os livros tornaram-se não só excelentes companheiros para os momentos em que a realidade parecia dura demais, mas estimularam que eles escrevessem ou reescrevessem suas próprias histórias, relatando ou reinventando as difíceis situações vivenciadas.



clássicos e, claro, os célebres livros de magia, bruxos, vampiros e aventureiros da literatura infanto-juvenil contemporânea.

As feiras responderam muito bem ao processo dos alunos e, seguindo a proposta original de que a atividade não fosse pontual, todos os alunos da E.M. Gastão Penalva tiveram que produzir uma redação livre a partir do livro lido. “Nossa intenção era reforçar a ideia de que não bastava eles comparecerem à feira e pegarem um livro. Era preciso que eles lessem o livro. Não estávamos interessados na produção necessariamente, mas em acompanhar a leitura das turmas”, explica Elita.

Porém, a iniciativa estimulou a escola a trabalhar com **atividades de redação criativa e**

exercícios de escrita e leitura envolvendo diferentes matérias. Assim, a feira tem desdobramentos previstos para todo o ano, que tomam a forma de diferentes experiências e atividades pedagógicas.

Os professores já relatam melhora na redação, nas notas e no comportamento dos alunos. Para eles, a feira, além de estimular a criatividade e a produção acadêmica dos estudantes, fortalece a sua autoestima, desconstruindo a ideia de que são incapazes de ler ou



escrever com qualidade. Quando orientados e empoderados pela escola, os alunos passam a se ver como leitores ativos e vão gradualmente desenvolvendo as habilidades necessárias. No seu próprio ritmo, eles desvendam os belos mistérios escondidos nas páginas de um bom livro.

Em suma, o interesse por livros e o hábito da leitura desde cedo contribuem para a formação integral do ser humano. Não há forma

melhor de se abrir as portas do mundo do conhecimento do que se ampliar o aprendizado e a familiarização com a leitura. Muito mais do que o ato de "juntar letras ou ler palavras", os alunos precisam desenvolver sua capacidade de interpretar e entender o outro e o mundo em que vivem. Afinal, ler um livro é também reescrevê-lo, colocá-lo sob novas realidades, novos pontos de vista.

ATIVIDADES INTERESSANTES

Além da feira, o Bairro Educador incentiva as escolas participantes do projeto a trabalhar com outras atividades de estímulo à leitura.

ATIVIDADES:

- Competições e jogos que envolvam produção escrita e em que o prêmio seja um livro;
- Redações livres que não valem nota, mas estimulam o hábito da escrita apenas pelo prazer de escrever;
- Jogos de escrita e leitura coletiva. Os poetas surrealistas, por exemplo, escreviam poemas em grupo. Uma pessoa escrevia uma frase e o seguinte continuava o poema só tendo o direito a ver a última palavra escrita;
- Leitura e dramatização em sala. Fazer com que os alunos representem os personagens das histórias;
- Utilização de textos literários como apoio a diferentes disciplinas escolares.

NOVA CIDADE

Palco de uma chacina em 2008, a comunidade do Barbante carrega o estigma da violência e é palco de disputas entre o tráfico de drogas e grupos paramilitares, estes últimos predominantes no local. Localizada em Campo Grande, bairro de classe média da Zona Oeste da cidade do Rio de Janeiro, a comunidade ainda oferece pouco acesso aos serviços e equipamentos públicos. A região tem um IDH de 0,810, 82º lugar entre os 126 bairros avaliados pelo índice, e a E.M. Gastão Penalva atende, primordialmente, uma população de baixa renda, em situação de alta vulnerabilidade social.

Referências Bibliográficas

SITES E BASES DE DADOS

- Ministério da Educação. <http://www.mec.gov.br/>
 Secretaria de Segurança do Estado do Rio de Janeiro. Instituto de Segurança Pública. Banco de dados oficiais. Disponível em: <http://www.isp.rj.gov.br/Conteudo.asp?ident=150>
 Secretaria de Segurança do Estado do Rio de Janeiro. Site da UPPRJ. <http://upprj.com/wp/>
 Secretaria Estadual de Educação do Estado do Rio de Janeiro. <http://www.rj.gov.br>
 Secretaria Municipal de Educação do Rio de Janeiro. <http://www.rio.rj.gov.br/web/sme/>
 Wikirio. IDH dos bairros da cidade do Rio de Janeiro. http://www.wikirio.com.br/IDH_dos_bairros_da_cidade_do_Rio_de_Janeiro

REPORTAGENS

- G1. RJTV, Parentes de vítimas da chacina de Acari lembram 20 anos do crime. 26 de julho de 2010. Disponível em: <http://g1.globo.com/rio-de-janeiro/noticia/2010/07/parentes-de-vitimas-da-chacina-de-acari-lembram-20-anos-do-crime.html>

IPP - Instituto Municipal de Urbanismo Pereira Passos. Pesquisas revelam o perfil da juventude carioca e sua relação com a violência. 20 de outubro de 2011. Disponível em: <http://www.rio.rj.gov.br/web/ipp/exibeconteudo?article-id=2228236>

DOCUMENTOS

- Box 1824. Projeto Sonho Brasileiro, 2011. Disponível em: <http://pesquisa.osonhobrasileiro.com.br/indexi2.php?id=148>
 Câmara Municipal de Lisboa: <http://www.cmlisboa.pt>
 Cidades Educadoras. Carta das Cidades Educadoras – proposta definitiva. Genova, novembro de 2004. Vs. em Português. Disponível em:
 Instituto Pró-Livro. Retratos da Leitura no Brasil, 2012. Disponível em: <http://www.prolivro.org.br>

LIVROS E PUBLICAÇÕES

- CARVALHO, Nancy. Autogestão : o governo pela autonomia. São Paulo: Brasiliense, 1983.
 CASTELLS, Manuel. A sociedade em rede. São Paulo: Paz e Terra, 2000.
 CAVALIERE, Ana Maria. Educação integral: uma nova identidade para a escola brasileira. Educação & Sociedade, Campinas, v. 23, n. 81, p. 247-270, 2002. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-73302002008100013&lng=pt&nrm=iso .
 CENPEC (org.). Gestão, compromisso de todos. São Paulo , 1994.
 CENPEC. FUNDAÇÃO ITAU SOCIAL. Tendências para educação integral. São Paulo , 2011.
 CIDADE ESCOLA APRENDIZ. Bairro Escola Passo a Passo. São Paulo: Cipó Produções, 2007.
 CIDADE ESCOLA APRENDIZ. Pesquisa-ação comunitária. Coleção Tecnologias do Bairro Escola, v. 1. São Paulo: Fundação Itaú Social e Editora Moderna, 2011
 CIDADE ESCOLA APRENDIZ. Trilhas educativas. Coleção Tecnologias do Bairro Escola, v. 2. São Paulo: Fundação Itaú Social e Editora Moderna, 2011

CIDADE ESCOLA APRENDIZ. Comunicação comunitária. Coleção Tecnologias do Bairro Escola, v. 3. São Paulo: Fundação Itaú Social e Editora Moderna, 2011

CIDADE ESCOLA APRENDIZ. Arranjos culturais. Coleção Tecnologias do Bairro Escola, v. 4. São Paulo: Fundação Itaú Social e Editora Moderna, 2011

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO DO BRASIL. Educação integral: texto referência para o debate nacional. Brasília: MEC, SECAD, 2009.

ESTEVES, José. O mal-estar docente: a sala de aula e a saúde dos professores. São Paulo: EDUSC, 1999.

FREINET, Célestin. O jornal escolar. Lisboa: Estampa, 1974.

FREIRE, Paulo. A importância do ato de ler. São Paulo: Cortez, 1995.

FREIRE, Paulo. Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1997.

FREIRE, Paulo. Política e educação. São Paulo: Cortez, 1993.

GADOTTI, Moacir. PADILHA, Paulo Roberto. CABEZUDO, Alicia. Cidade educadora: princípios e experiências. São Paulo: Cortez, 2004.

GOMES DA COSTA, Antônio Carlos. Protagonismo juvenil: o que é e como praticá-lo. Disponível em: <http://escola2000.net/aprendizagem/ac-protagonismo.htm>

JOVCHELOVITCH, Sandra. Re(des)cobrir o outro: para um entendimento da alteridade na teoria das representações sociais. In: Arruda, A., (ed.) Representando a alteridade. Petrópolis: Vozes, 1998.

KLEIMAN, Angela. Oficina de leitura: teoria e prática. Campinas: Pontes, 1996.

LÉVY, Pierre. Cibercultura. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1999.

MARTIN-BARBERO, Jesús. Os exercícios do ver: hegemonia audiovisual e ficção televisiva. São Paulo: Editora Senac, 2001.

MOLL, Jaqueline. Caminhos da educação integral no Brasil: direito a outros tempos e espaços educativos. São Paulo: Penso Editora, 2011.

MOLL, Jaqueline. Educação integral no Brasil: itinerários na construção de uma política pública possível. Tendências para educação integral. São Paulo: Fundação Itaú Social – CENPEC, 2011.

MONTEIRO, Mario. Gravidez na adolescência no estado do Rio de Janeiro

(Brasil). Publicación Científica de la Secretaría de Salud Pública Municipalidad de Rosario. Argentina.

PAREDES, Edesmin. Poder local, cidadania e educação: das condições para construção de uma cidade educadora: um estudo produzido a partir do bairro Restinga. Porto Alegre. Tendências para educação integral. Porto Alegre, RS: Faculdade de Educação, UFRGS, 2007.

PENTEADO, Heloísa Dupas [org]. Pedagogia da comunicação. Teorias e práticas. São Paulo: Cortez, 1998.

RABÉLLO, Maria Eleonora D. Lemos. O que é protagonismo juvenil?. Salvador. Disponível em: <http://www.cedeca.org.br/conteudo/noticia/arquivo/39DA691A-FD4E-D119-3DAE60914B0999AE.pdf>

SALES, Lília. Mediação de conflitos. Dicionário de direitos humanos. ESM-PU, 2006.

SHINER, Michael. Defining peer education. Journal of Adolescence. Volume 22, Issue 4. August 1999, pp. 555–566,

VIGOTSKI, L. S. Pensamento e linguagem. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

ZANELLA, Andréa. Sujeito e alteridade: reflexões a partir da psicologia histórico-cultural. Psicologia & Sociedade (maio/ago), 2005.

SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO DO RIO DE JANEIRO

Prefeito: Eduardo Paes

Secretária: Claudia Costin

Subsecretária de Ensino: Helena Bomeny

Subsecretário de Gestão: Paulo Roberto Figueiredo

Subsecretário de Novas Tecnologias: Rafael Parente

Programa Escolas do Amanhã: André Ramos

COOPERAÇÃO TÉCNICA UNESCO – SETOR DE EDUCAÇÃO – ESCRITÓRIO RIO DE JANEIRO

Coordenação: Christian Claude Michaud

Oficiais de Projeto: Sônia Santos e Alice Ribeiro

Consultores: Samantha Barthelemy e Katiane de Souza

CENTRO INTEGRADO DE ESTUDOS E PROGRAMAS DE DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL – CIEDS PROJETO BAIRRO EDUCADOR

Diretor Presidente do CIEDS: Vandrê Brilhante

Coordenação Executiva do CIEDS: Fabio Muller e Roselene Souza

Coordenação: Marcia Florêncio e Bruno Lopes

Gestores de Núcleo: Adriano Moreira de Araújo, Ana Cristina de Souza, Anderson Correa, Claudia Garcia, Fabiano Silva, Gizele Avena, José Roberto Lobo, Kalina Honório, Maria do Socorro Brandão, Mary Lança, Rejane Bolquett e Rosineide Cristina de Freitas.

Coordenação Pedagógica: Karina Trotta

Coordenação de Monitoramento e Avaliação: Luciano Cerqueira

Assessor Administrativo: Vander Castro

Auxiliar Administrativo: Danielle Fernandes

Gestores de Projeto: Adilson Gomes Junior, Adriana Fernandes, Alex Borba, Aline Alves Silva, Amanda dos Santos, Amanda Teles, Amarildo Silva, Ana Carolina Duarte, Ana Gabriela Ribeiro da Silva, Ana Paula Santana, Ana Sarah Cardoso, André Luiz Feital, Andrea Tubbs, Barbara Cristina Correia Brandão, Bruno Aguiar, Carla Sue Ellen, Carlos José de Carvalho, Carmen Rosane da Silva, Cristina Santos Moreira, Deborah Sobrino, Eduardo Bertoche, Elizabeth Moreno Feitoza, Fabiana Cezario Dias, Felipe Araújo, Fernanda Aguiar, Flavio Soares, Francelaine de Moura, Gisele Bento, Hugo de Oliveira, Isabel Assis, Kariny Correia, Leandro Lima, Leonardo Areal, Leonardo de Oliveira, Leonardo Froes, Leonardo Lopes, Luciano Gomes, Luiz Fernando Pinto, Marcelly Pereira, Marcelo Coutinho, Marcia Fernandes, Marcio Garcia, Maristela Lima, Michel Passos, Paulo Renato Safadi, Philippe Valentim de Araújo, Priscila Vicente Teixeira, Priscilla Babo, Rafael Pequeno, Raphael José Baptista, Renata Bhering, Rivânia Lima, Suelem Assunção, Suely Firmino, Taís de Paula Vidal, Tatiana Salvador e Thiago Maia.

Estagiária de Comunicação: Thais Ribeiro Bento

CIDADE ESCOLA APRENDIZ

Direção: Natacha Costa e Helena Singer

Núcleo Pesquisa-ação: Paula Patrone e Bianca Ramos

PROGRAMA ESCOLAS DO AMANHÃ: APRESENTA PRÁTICAS E APRENDIZAGENS DO PROJETO BAIRRO DO EDUCADOR

Revisão final e edição: Secretaria Municipal de Educação do Rio de Janeiro

Coordenação: Camila Aragon

Redação dos Cases: Camila Aragon e Julia Dietrich

Reportagem: Camila Elias e Lídia Michelle Damaceno Azevedo

Fotos: Eduardo Passos e Nina Lima Moreira Guedes

Revisão Ortográfica: Damiana Rosa de Oliveira, Marcia Florencio, Thiago Maia e Vander Castro

Projeto Gráfico: Gláucia Cavalcante

RIO DE JANEIRO – NOVEMBRO/2012

PROGRAMA ESCOLAS DO AMANHÃ:

Apresenta práticas e aprendizagens
do Projeto Bairro Educador

INICIATIVA:



APOIO:



REALIZAÇÃO:

